



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM ESTUDOS DA RELIGIÃO

VÍTOR JOSÉ ALMEIDA MEDEIROS

**Juventudes e Culturas Juvenis:
perspetivas a partir da Exortação Apostólica
Pós-Sinodal *Christus vivit***

Dissertação Final
Sob orientação de:
Prof. Doutor Alfredo Teixeira

Lisboa
2024

*Aos homens é impossível, mas a Deus não;
pois a Deus tudo é possível». (Mc 10, 27)*

O meu sincero obrigado a todos
os que tornaram este projeto possível!

Resumo

Este trabalho tem como objeto de estudo a Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus vivit* publicada em 2019 pelo Papa Francisco, considerando o contexto atual da Igreja católica e os seus apelos à evangelização e aos jovens como protagonistas desta evangelização. Abordamos a leitura que a exortação faz das juventudes e culturas juvenis, bem como, os princípios orientadores de ação para uma pastoral juvenil. Seguiu-se um método substancialmente analítico e de interpretação de obras e textos selecionados que permitissem a caracterização de uma sociedade moderna e secularizada, dos jovens e culturas juvenis, bem como, a interpretação das propostas apresentadas de evangelização e de ação pastoral dirigidas aos jovens e/ou juventudes na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus vivit*.

Palavras Chave: juventude, culturas juvenis, Papa Francisco, Exortação *Christus vivit*, pastoral juvenil.

Abstract

This work has as its object of study the Post-Synodal Apostolic Exhortation *Christus vivit* published in 2019 by Pope Francis, considering the current context of the Catholic Church and its calls for evangelization and young people as protagonists of this evangelization. We address the exhortation's reading of youth and youth cultures, as well as the guiding principles of action for youth ministry. A substantially analytical and interpretation method was followed for the selected books and texts that allowed the characterization of a modern and secularized society, young people and youth cultures, as well as the interpretation of the proposals presented for evangelization and pastoral action aimed at young people and /or youth in the Post-Synodal Apostolic Exhortation *Christus vivit*.

Keywords: youth, youth cultures, Pope Francis, Exhortation *Christus vivit*, youth ministry.

Índice

| | |
|---|-----|
| Índice | 4 |
| Introdução | 5 |
| 1. A categoria de Juventude | 7 |
| 1.1 Conceito e problemáticas | 7 |
| 1.2 Culturas juvenis | 16 |
| 1.3 Discursos sociais sobre a juventude | 21 |
| 1.3.1 Juventude como ideal de vida | 21 |
| 1.3.2 Juventude entendida como momento de crise | 22 |
| 1.3.3 Juventude enquanto problema social | 22 |
| 1.3.4 Associação entre juventude e futuro | 23 |
| 1.3.5 Juventude como moratória social | 23 |
| 2. Olhares sobre as Gerações | 33 |
| 2.1 Veteranos ou Tradicionais | 36 |
| 2.2 <i>Baby Boomers</i> | 37 |
| 2.3 Geração X | 38 |
| 2.4 Geração Y ou Millennials | 39 |
| 2.5 Geração Z | 41 |
| 2.6 Geração Alfa | 43 |
| 3. A Exortação Apostólica <i>Christus vivit</i> e urgências pastorais | 47 |
| 3.1 A rutura na transmissão da fé na sociedade ocidental | 48 |
| 3.2 A urgente mudança de mentalidade pastoral | 56 |
| 3.3 Exortação Apostólica <i>Christus vivit</i> e a Pastoral Juvenil | 66 |
| 3.3.1 Sinodalidade | 69 |
| 3.3.2 Composição do Sínodo e Estrutura da <i>Christus vivit</i> | 74 |
| 3.3.3 Juventude | 76 |
| 3.3.4 Transmissão da fé e memória | 82 |
| 3.3.5 Pastoral Juvenil e Vocacional | 90 |
| Conclusão | 103 |
| Bibliografia | 116 |

Introdução

A presença e missão da Igreja católica está bem plasmada no n.º 4 da Constituição Pastoral *Gaudium et spes* do Concílio Vaticano II, ao afirmar que ela deve indagar a todo o instante os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho.¹ Somente desta forma, e, porque vive no mundo dos homens, pode a Igreja responder, e de modo adaptado em cada geração, às questões dos homens acerca do sentido da vida terrena e eterna, bem como, da sua relação. E, por consequência, torna-se necessário conhecer e entender o mundo em que vivemos, as suas preocupações, expectativas, ambições e desejos.

Com efeito, a Igreja deve comunicar a sua mensagem numa linguagem adaptada à cultura em que está inserida e deve animar aqueles que procuram respostas para as suas inquietações e anseios, nomeadamente, aos mais jovens.

Foi precisamente isto que o Papa Francisco procurou realizar com o Sínodo dos Bispos sobre os “Jovens, a fé e o discernimento vocacional” ocorrido em Roma de 3 a 28 de outubro de 2018 e com a subsequente Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus vivit*, publicada em 2019. Nesta procura Francisco responder às seguintes questões: como são os jovens de hoje? (*Christus vivit*, 64); como pode a Igreja acolher os seus sonhos? (*Christus vivit*, 41); como encarnar o “kerygma” na linguagem falada e espaços habitados pelos jovens de hoje? (*Christus vivit*, 211); como se vive a juventude quando nos deixamos iluminar e transformar pelo anúncio do Evangelho? (*Christus vivit*, 134).²

Por conseguinte, este trabalho tem como objeto de estudo a Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus vivit* do Papa Francisco, considerando o contexto atual da Igreja católica e os seus apelos à evangelização e aos jovens como protagonistas desta evangelização. Abordamos a leitura que a exortação faz das juventudes e culturas juvenis, bem como, os princípios orientadores de ação para uma pastoral juvenil.

Seguiu-se um método substancialmente analítico e de interpretação das obras e textos selecionados que permitissem a caracterização de uma sociedade moderna, secularizada e dos jovens e culturas juvenis, bem como, a interpretação das propostas apresentadas de evangelização e de ação pastoral dirigidas aos jovens e/ou juventudes na Exortação apostólica Pós-Sinodal *Christus vivit*.

¹ Neste trabalho, segue-se a edição: Vaticano II, *Documentos conciliares* (Lisboa: União Gráfica, 1966).

² Foi consultada a edição: Francisco, *Cristo Vive, Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit aos Jovens e a todo o Povo de Deus*, (Prior Velho: Paulinas Editora, 2019).

O presente trabalho divide-se em três capítulos. No primeiro capítulo, analisaremos conceitos e significados relacionados com os jovens, a juventude e culturas juvenis, os seus modos de vida, identidades e influências, procurando expor a problemática da juventude, a delimitação dos seus significados e variáveis socioculturais que permitem entender as suas dinâmicas na sociedade. No segundo capítulo, descreveremos alguns apontamentos sobre as gerações (e mudanças geracionais) que compõem atualmente o tecido social. Devemos ter em conta que existem diversas juventudes, que enquanto tal, se sucedem no tempo e, conseqüentemente, essas populações continuam no ecossistema social, e as suas atitudes e valores, persistem e influenciam mudanças para além de um limite de idade. Deste modo, desafiam diferentes respostas e linguagem que consolidem a proximidade, presença e autoridade da Igreja católica e dos seus agentes pastorais. No terceiro capítulo, centramos a nossa reflexão sobre a exortação apostólica *Christus vivit*. Neste sentido, faremos um levantamento da problemática contextual, observando como, no quadro atual, os processos de transmissão crente intergeracional se encontram amplamente afetados. Nesse contexto, procuraremos analisar a leitura que a Exortação faz da realidade juvenil e que lógicas de ação pastoral podem emergir do mesmo para a Igreja que se quer dinâmica, em diálogo com o mundo contemporâneo, enfrentando os desafios e promovendo mudanças.

1. A categoria de Juventude

No presente capítulo procuraremos discorrer sobre a juventude e culturas juvenis enquanto áreas de estudo que procuram compreender os jovens enquanto etapa de vida e grupo social, nomeadamente, os seus modos de vida, identidades e influências, procurando expor a problemática da juventude, a delimitação dos seus significados e variáveis socioculturais que permitem falar de culturas juvenis e entender as suas dinâmicas na sociedade.

1.1 Conceito e problemáticas

O conceito e significado de "juventude" pode parecer óbvio e que se explica por si mesmo, porém, "juventude" não tem um significado universal; é uma construção social, histórica e cultural, que pode assumir diferentes sentidos ou ser moldável conforme o período ou sociedade em análise.³

A juventude é uma categoria sociocultural construída em relação com aquilo que a rodeia, na qual entrarão variáveis como a classe social, os valores, o poder económico, o género, o grau de escolaridade, a etnia, entre outros aspetos identitários como sejam a linguagem e o vestuário; enfim, os modos de ser e de estar no mundo.⁴

Portanto, a juventude é uma categoria social muito interligada com o espaço, pelo que pode ser apresentada de forma distinta em diferentes espaços e lugares. A juventude forma-se e atualiza-se em todos os espaços que frequenta seja a família, as escolas ou parques, clubes ou bares, os meios de comunicação e, em específico, o digital, o que dá lugar a todo o tipo de significados e comportamentos.⁵

³ Cf. José Machado Pais, «A construção sociológica da juventude – alguns contributos», *Análise Social*, vol. XXV, n.105-106 (1990): 140. Cf. Maria Baltazar, et al., «Jovens, Migrações e Desenvolvimento» em *Juventude(s) Pensar e Agir*, org. Gilberta Rocha, Rolando Gonçalves, Pilar Medeiros (Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2017), 350: “a juventude não é tida como um conceito unívoco e manifesta-se de forma desigual perante diferentes critérios sociais, tais como classe social ou género”. Cf. Laura Sagnier e Alex Morell, (coord), *Os jovens em Portugal hoje, Quem são, que hábitos têm, o que pensam e o que sentem*, (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2021), 11. Acedido a 4 de janeiro de 2024, <https://www.ffms.pt/sites/default/files/2022-07/os-jovens-em-portugal-hoje.pdf>.

⁴ Cf. José Machado Pais, *Culturas Juvenis* (Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1993), 29 e 33.

⁵ Sobre esta temática podemos referir, citando Margarida Gaspar de Matos, que tal como os Jovens, os adolescentes são “produtos do seu tempo” e “produto da sua própria construção, no que se diferencia uns dos outros dentro de uma mesma cultura e dentro de um mesmo tempo”. Cf. Margarida Gaspar de Matos, *Adolescentes. As suas vidas, o seu futuro* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2020), 12 e 16.

Efetivamente, Nildo Viana abordando a questão da identidade da juventude, confirma que vários pesquisadores apresentam a juventude como construção social, mas a concepção comum e/ou predominante no quotidiano e transmitida nos media acerca da juventude seja uma fase da vida delimitada num determinado grupo etário⁶. Para o referido sociólogo a juventude é “um grupo etário composto pelos ‘jovens’, isto é, indivíduos inscritos no processo de ressocialização” (ou “socialização secundária”, ou seja, momento na vida dos jovens que os prepara para o mundo do trabalho e para o assumir de responsabilidades sociais, o que significa a sua integração social). Acrescenta, por isso, o autor que “a ressocialização é o que caracteriza a juventude”⁷. Viana clarifica, ainda, “embora haja diferenças neste processo dependendo da classe social, cultura, etc., esta é a base social e unificadora deste grupo etário”⁸.

Posto isto, Viana esclarece, igualmente, que a concepção inicial da adolescência como um período transitório da infância para a vida adulta e como processo “linear e harmonioso”, frente aos conflitos, rebeldia e ambiguidades comuns neste período, a adolescência “passa a ser vista como uma etapa de transição entre a infância e a maturidade [a sua integração na sociedade], concebida de forma evolucionista-cumulativa”⁹. Assim, também, é evolucionista-cumulativa a imagem produzida pelo mundo adulto sobre a juventude – de um indivíduo incompleto que se completa com a sua integração social pelo mundo do trabalho, pela inserção nas instituições e assumindo responsabilidades sociais.

Consequentemente, o mundo adulto propõe um processo de ressocialização e uma imagem da juventude que através de mecanismos como a formação para o trabalho, escolas, instituições, meios de comunicação e família moldam os jovens, mas estes não são amorfos e fruto da sua própria reflexão crítica, rebeldia e contestação, criam uma identidade diferente da transmitida/padronizada pelo mundo adulto¹⁰. Todavia, o mundo adulto, por sua vez, elabora uma “reinterpretação da identidade da juventude (...) especialmente pelas ciências modernas [e] abarca a rebeldia e a ambiguidade da

⁶ Cf. Nildo Viana, «Juventude e Identidade», *Fragmentos de Cultura*, v. 20, n. 11/12 (2010): 722.

⁷ Viana, «Juventude e Identidade», 723.

⁸ Viana, 723.

⁹ Viana, 725, os grifos são nossos.

¹⁰ Cf. Viana, 724, 727-728.

juventude, fornecendo-lhe uma naturalização”¹¹, ou seja, colocando-a nos seus modelos de referência:

A identidade da juventude é produzida no jogo das relações sociais, mas que pode apresentar ruturas em determinados momentos históricos, no caso das grandes transformações sociais. Além disso, as diferenças no interior da juventude (de classe, cultura, etc.) promovem diferenças neste processo embora não sejam tão significativas para negar o sentimento de pertencimento à juventude [...]. A identidade da juventude é uma tradução de sua situação social real, interpretada e reinterpretada pelas ideologias, representações cotidianas, meios de comunicação, instituições, etc.¹²

Deste modo, a descrição histórica da juventude enquanto fase intermédia ou de transição para a vida adulta, baseada no critério da idade, não é suficiente para explicar a diversidade do fenómeno da juventude¹³. Esta como idade não tem características unificadas, nem é uma fase de transição segura. Pois, como referem Pereira e Lacerda, “mais do que em qualquer tempo, a diversidade das experiências e de oportunidades, as redes de relacionamento, as práticas sociais dos contextos nos quais vivem os jovens entre tantas outras variáveis, criaram as condições de possibilidade, nas quais se tecem as distintas juventudes”¹⁴.

Consequentemente, a juventude não será tanto uma categoria biológica revestida de consequências sociais, mas antes um conjunto de componentes culturais em mutação (num determinado tempo e lugar) atravessadas pela diferença e diversidade, isto é, marcadas pelo contínuo movimento da vida em sociedade, seus critérios de classificação e princípios de diferenciação social.¹⁵ Assim, a juventude é uma categoria social que acarreta as marcas do seu tempo, sendo, portanto, uma construção social.

Neste sentido, fruto de uma crescente industrialização, do desenvolvimento científico e tecnológico, das novas exigências de formação profissional e do próprio mercado de trabalho, de uma escolarização generalizada e das mudanças sociais aceleradas, José

¹¹ Viana, 727.

¹² Nildo Viana, «Juventude e Identidade», 728.

¹³ “A juventude é entendida como uma categoria social transitória, cujas componentes que identificam o indivíduo como membro são: i) biológica (puberdade); ii) psicológica (pensamento formal/ adolescência); e iii) sociológica (dependência) – o jovem indivíduo é independente em termos biológicos e psicológicos, mas dependente no que concerne aos aspetos sociais. A saída da adolescência faz-se através de fatores sociais, a sua entrada por fatores biológicos, enquanto que a sua permanência resulta de fatores psicológicos”. Cf. Maria Baltazar, et al., «Jovens, Migrações e Desenvolvimento», 350.

¹⁴ Marcos Pereira e Miriam Lacerda, «Juventudes: Notas para reflexões», *Educação em Foco* 16, n. 2 (2011): 191.

¹⁵ Cf. Pereira e Lacerda, «Juventudes: Notas para reflexões», 186 e 192.

Pereira Coutinho afirma que «a juventude resulta da modernização»,¹⁶ bem como, o «conceito de juventude encontra-se em permanente transformação, pois as sociedades modernas também se encontram em constante mutação».¹⁷

O aparecimento da adolescência e da juventude¹⁸, enquanto conceito teórico e sociocultural, surge na sociedade ocidental a partir das transformações sociais provocadas pela industrialização e intensificadas no século XX, no pós-guerra, com uma nova geografia política e novos padrões, valores e estilos de vida, pelas exigências de mais e melhor formação dos indivíduos, pelo desenvolvimento das escolas e alargamento da idade da escolaridade obrigatória, bem como, o conseqüente adiamento da entrada no mundo de trabalho e participação social¹⁹.

Barbosa, partindo de estudos britânicos e americanos, apresenta a adolescência do período dos 12 aos 17/18 anos e a juventude corresponderia aos anos seguintes (até aos 25-29 anos).²⁰ Porém, o mesmo autor refere que existem teorias que defendem juventude até à escolha de uma profissão e adoção das responsabilidades sociais da vida de adulto, mas outros há que defendem, mesmo depois dessa fase, existem jovens que continuam a apresentar dificuldades de transição para a vida adulta e mantendo ocupações e comportamentos considerados de adolescentes.²¹ Contudo, há que salientar o alongamento da fase de vida juvenil²² com o surgimento/antecipação de uma adolescência mais precoce e do prolongamento da juventude (agravado pela imitação das gerações mais velhas dos jovens).

Por sua vez, Teresa Messias ao analisar um conjunto de indicadores sobre a construção de identidade das culturas juvenis baliza-as numa faixa de indivíduos dos 15 aos 29 anos²³.

¹⁶ Cf. José Coutinho, *Religião em Portugal: análise sociológica* (Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2020), 300.

¹⁷ Cf. José Coutinho, *Religião em Portugal*, 301.

¹⁸ Os conceitos adolescência e juventude são usados em diversos estudos como sendo sinónimos; por vezes, é possível escutar o termo “jovens adolescentes” em diversos eventos dirigidos aos jovens.

¹⁹ Cf. Adérito Barbosa, *Jovens do Futuro, proposta para uma Pastoral de Jovens* (Apelação: Paulus Editora, 1999), 69-71.

²⁰ Cf. Barbosa, *Jovens do Futuro*, 75.

²¹ Cf. Barbosa, 70.

²² Cf. Sagnier e Morell, *Os jovens em Portugal hoje*, 12.

²³ Teresa Messias, «Espiritualidade cristã e identidade crente nas Culturas Juvenis», *Communio*, XXIX, n. 1 (2012): 120-121. Cf. José Coutinho, *Religião em Portugal*, 304.

Com efeito, não é fácil apresentar uma noção clara e única de juventude. Em si, este conceito engloba complexidade, pois trata-se de uma categoria social que varia conforme os contextos socioculturais e históricos de cada geração.²⁴

Todavia, a reflexão conceptual sobre a juventude far-se-á em dois campos: uns, buscando uma certa homogeneidade no conceito de juventude, relacionando-a à fase da vida, realçando a idade, o biológico e as mudanças implícitas nesta etapa de vida; outros realçam a heterogeneidade da categoria da juventude colocando a pedra de toque do conceito nos interesses, características, vivências empíricas dos jovens e nos seus elementos culturais e representações sociais.²⁵

Na verdade, Pais sugere que a juventude seja analisada relacionando as correntes sociológicas geracional e a classista:²⁶ «uma, como aparente unidade quando referida a uma fase de vida e, outra, como diversidade quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros».²⁷

Por conseguinte, a análise classista reflete a juventude como um conjunto social diferenciado, mas que face às suas pertenças socioeconómicas, culturais, ocupacionais arroga diversas culturas juvenis relativas a determinadas classes sociais.²⁸ Porém, a corrente geracional vê a juventude como grupo social conectado a uma fase de vida com características homogéneas.²⁹ Estas duas perspetivas analíticas permitem-nos reconhecer um jovem como pertença a uma geração com traços próprios e/ou reconhecer outro jovem que, pelos seus percursos pessoais e sociais, se diferencia dos demais, da sua e demais gerações.

Consequentemente, se ao refletir sobre o que é ser jovem ou sobre quem e até quando podemos considerar ser jovem, as respostas variam no tempo e nas diversas culturas e espaços sociais, inevitavelmente, surgem diversas variáveis como questões de género (tensões e desvios ao que a sociedade protagoniza como papéis ou imagem para os homens e mulheres), a escolaridade, mercado de consumo e o estatuto socioeconómico (que potenciam a inclusão ou exclusão), o acesso ao mundo do trabalho/emprego, a nacionalidade/residência, a origem (meio rural ou urbano), a religião, a visão do mundo

²⁴ Cf. Pais, *Culturas Juvenis*, 29.

²⁵ Cf. Pais, «A Construção sociológica da Juventude», 140; Pais, *Culturas Juvenis*, 33.

²⁶ Cf. Sagnier e Morell, *Os jovens em Portugal hoje*, 11.

²⁷ Pais, «A Construção sociológica da Juventude», 149.

²⁸ Cf. José Coutinho, *Religião em Portugal*, 302.

²⁹ Cf. Pais, «A Construção Sociológica da Juventude», 140.

(expectativas, valorização do ensino/formação, nível cultural) e o contexto político e histórico. São variáveis que devem ser cruzadas com a categoria social juventude no momento/contexto da sua análise e que influenciam o alongamento temporal da fase devida da juventude.³⁰

Consequentemente, Barbosa sublinha que a juventude é “um processo de emancipação”; é construir-se a si próprio; é “uma nova descoberta e reencontro consigo mesmo e com o ambiente social”; é um processo de maturação progressiva, dinâmica da própria personalidade”; mais, ainda, é um “grupo em caminhada” - uns mais à frente do que outros, o que nos faz perceber a fragmentação e a inexistente consciência coletiva.³¹

Com efeito, a juventude deve ser encarada como uma categoria heterogênea face à multiplicidade de interesses e experiências, origens e trajetórias, princípios e condições socioculturais dos jovens. Não obstante, a esta diversidade patente na juventude, ainda assim, podemos considerar alguns elementos homogêneos, mesmo que a posteriori, como a pertença a um grupo, os gostos padronizados e a escola com os seus objetivos, metodologias e estratégias que promove uma certa uniformização da infância e juventude.³²

A juventude tanto pode ser tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase da vida, principalmente definida em termos etários, como também pode ser tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens em situações sociais diferentes entre si. [...] A *juventude* ora se nos apresenta como um conjunto aparentemente homogêneo, ora se nos apresenta como um conjunto heterogêneo: homogêneo se a compararmos com outras gerações; heterogêneo logo que a examinamos como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens uns dos outros.³³

Deste modo, uma abordagem da juventude exige um tratamento multidisciplinar: por exemplo, a Sociologia analisa a juventude enquanto categoria social, as semelhanças e diferenças entre jovens ou grupos sociais, através das teorias sobre a sociedade, das dinâmicas entre gerações e o processo de socialização e suas consequências, enquanto a

³⁰ Cf. Barbosa, *Jovens do Futuro*, 71; Sagnier e Morell, *Os jovens em Portugal hoje*, 15-16.

³¹ Cf. Barbosa, *Jovens do Futuro*, 74-75.

³² Cf. Alcimar Trancoso e Adélia Oliveira, «Juventudes: desafios contemporâneos conceituais», *ECOS* 4, n. 2 (2014): 268.

³³ Pais, *Culturas juvenis*, 34-35.

Psicologia enfatiza as subjetividades juvenis ou o juvenil enquanto componente da subjetividade, abordando mudanças da personalidade, comportamento e na mente.

Assim, ressaltam diversas representações ou diversos modos de ser jovem e do lugar que a juventude ocupa na sociedade. Neste sentido, Pierre Bourdieu explicita que “as classificações por idade (mas também por sexo, ou, evidentemente, por classe...) equivalem sempre a impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se ater, na qual cada um deve manter-se no seu lugar». ³⁴ Por outro lado, Bourdieu salienta que as divisões entre jovens e velhos, em classes de idade ou em gerações são dados constituídos socialmente e fruto de manipulações. ³⁵

O facto de se falar dos jovens como de uma unidade social, de um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e de se referir esses interesses a uma idade definida biologicamente, constitui já uma evidente manipulação. Seria necessário pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes. ³⁶

Com efeito, refletindo sobre as condições sociais dos jovens, Bourdieu evidencia de imediato “duas juventudes” em jovens da mesma idade - os que trabalham e os que ainda estudam – concluindo que não podemos assumir no mesmo conceito universos sociais tão diferentes. ³⁷

Por isso, a partir do pensamento crítico de Pierre Bourdieu e, diante da visão homogénea de juventude associada a critérios de idade, surgirá o conceito de juventude no plural – juventudes ³⁸ – para explicitar essa diversidade/pluralidade ³⁹ e os seus contornos singulares, articulados a realidades históricas e sociais específicas, permitindo-nos reconhecer a juventude num “lugar e com um carácter próprio”. ⁴⁰ E Barbosa confirma

³⁴ Pierre Bourdieu, *Questões de Sociologia*, trad. Miguel Senra Pereira (Lisboa: Fim de Século Edições, 2003), p. 152.

³⁵ Cf. Bourdieu, *Questões de Sociologia*, 152-153.

³⁶ Bourdieu, 153.

³⁷ Bourdieu, 153-154.

³⁸ Cf. Sagnier e Morell, *Os jovens em Portugal hoje*, 21.

³⁹ Ou como refere Maria Baltazar et al. em “Jovens, Migrações e Desenvolvimento”, 351: «A atual condição social da juventude, dada a situação de dependência e subordinação a que está sujeita, intensificada pela complexidade da vida social e o prolongamento dos estudos que provocam o atraso da inserção dos jovens no mundo dos adultos, remete para a possibilidade de existir uma ‘pluralidade de juventudes’ ou uma juventude mais longa do que em épocas anteriores».

⁴⁰ Nolasco, Simone e Nicanor Sá, «Juventude, Revitalização Cultural e a Temática das gerações», *ECCOS* 31 (2013): 101-116. DOI: 10.5585/EccoS.N31.4270

dizendo: “Não há juventude como unidade social coletiva, mas jovens, grupos diferentes”.⁴¹

Mais ainda, como explanam Trancoso e Oliveira, a célere transformação social faz-nos reconhecer “tantas juventudes, quantos são os contextos” como também “as juventudes que se apresentam hoje, tanto podem sofrer alterações de conteúdo e forma sem aviso prévio, como a elas podem ser agregadas novas juventudes”.⁴²

Consequentemente, ultrapassada a barreira biológica do desenvolvimento e, colocando na definição o determinante cultural, o conceito juventude e a realidade juvenil estão unidos: a) ao tempo presente que não nega o passado e a sua influência no presente, bem como, o futuro não estará dissociado dos significados presentes da biografia de cada um; b) ao espaço onde o fenómeno cultural e a história da pessoa assumem o destaque, “onde novos sentidos podem ser atribuídos a significados culturalmente estabelecidos”.⁴³ Observado isto, “precisamos de mais *Kairós* e menos *Chronos*, mais tempo que se vive do que tempo que se usa, que se consome e é consumido por ele”,⁴⁴ precisamos de aliar as experiências adquiridas, oriundas do passado, recuperando a memória, com as experiências construídas no presente, a partir das quais podemos produzir novos sentidos e somá-los à experiência acumulada. É na medida que os indivíduos se relacionam uns com os outros e constroem juntos experiências que podemos encontrar um ponto de equilíbrio e dar unicidade à heterogeneidade da categoria juventude. Assim, o conceito de geração torna-se fulcral no estudo sociológico da juventude.⁴⁵

É inegável, todavia, que a juventude, como toda a existência humana, seja marcada pela mudança, transição, passagem. Deste modo, a juventude atua como um modelo de mudança de personalidade como também da sociedade. Podemos, pois entender as culturas juvenis como produção cultural quotidiana do indivíduo ou do grupo. Por outras palavras, a cultura juvenil é um “processo de produção e reprodução social”, isto é, “a juventude [é] como [um] retrovisor que reflete em si os caminhos da sociedade, auxilia na compreensão dos valores contemporâneo”.⁴⁶ Ou, ainda, segundo Mannheim, autor ligado à corrente geracional, citado por Nolasco e Sá, a função do jovem é ser um agente

⁴¹ Barbosa, *Jovens do Futuro*, 73. Cf. Rui Alberto, «A pastoral juvenil no contexto da Nova Evangelização». *Theológica*, 2.ª Série, 47, 1 (2012) 72-73.

⁴² Trancoso e Oliveira, «Juventudes: desafios contemporâneos conceituais», 266.

⁴³ Trancoso e Oliveira, «Juventudes: desafios contemporâneos conceituais», 267.

⁴⁴ Trancoso e Oliveira, 270.

⁴⁵ Cf. Trancoso e Oliveira, 266-267.

⁴⁶ Trancoso e Oliveira, 270-271.

revitalizante, ou seja, uma força em potencia para a mudança, que facilita a transformação da sociedade. Consequentemente, hoje os ambientes digitais e as novas tecnologias são um meio e ferramentas essenciais nesta tarefa e novo lugar da juventude na estrutura social.

Contudo, esta função que o jovem pode desempenhar pode variar de uma sociedade para outra: numa sociedade mais estática, normalmente, predomina a confiança na experiência das gerações mais velhas, dado que, prevalece uma atitude de fidelidade, isto é, uma tendência da geração mais nova se adaptar à mais antiga, enquanto numa sociedade moderna, as experiências juvenis são valorizadas e encaradas como uma potencial força para a mudança.

Nolasco e Sá e Weller recordam as características de uma sociedade marcada pelas mudanças geracionais segundo Mannheim: surgimento de novos participantes do processo cultural; antigos portadores de cultura vão desaparecendo, o que significa perda e/ou esquecimento de bens culturais, bem como, uma participação temporária/ histórica da conexão geracional; conseqüente necessidade em transmitir continuamente a herança cultural acumulada, mas também em decidir o que transmitir e como apropriar e reinterpretar o conhecimento acumulado; e, por fim, o carácter contínuo da transição de uma geração para outra (os que aprendem e ensinam influenciam-se e se fazem influenciar).⁴⁷

Neste sentido, e no que se refere a valores e hábitos intergeracionais, àquilo que se quer manter ou romper de uma geração anterior, não podemos continuar a olhar a juventude ou a vida juvenil de uma forma linear, pois os “desalinhamentos” e as “rugas” são igualmente fulcrais como os “alinhamentos” e as “conexões”. Por isso, Pais aborda outra categoria: a cultura(s) juvenil(is), a qual se opõe à cultura dominante (de uma geração mais velha). Todavia, estes confrontos geracionais, fruto da descontinuidade de valores entre gerações, mais do que uma contestação, são mais um lugar da afirmação de independência.⁴⁸

Consequentemente, é a partir deste movimento de contestação/afirmação de independência, quando os jovens se posicionam contra ou a favor das normas estipuladas pela geração/mundo adulto que ocorrem as mudanças sociais, sejam elas intencionais ou

⁴⁷ Cf. Nolasco e Sá, «Juventude, Revitalização Cultural e a Temática das gerações», 108.

⁴⁸ Cf. Pais, «A Construção Sociológica da Juventude», 153 e 155.

não. Por isso, como afirmam Nolasco e Sá, há pensadores da corrente geracional, que apontam a cultura juvenil como uma contracultura pela sua oposição à cultura adulta dominante: “As diferentes maneiras de ser e de se expressar jovem, as diferentes culturas juvenis podem revelar possíveis ruturas e/ou permanências, diferentes maneiras de expressar e vivenciar experiências, crenças e práticas”.⁴⁹

1.2 Culturas juvenis

Parafraseando Pais, por “cultura juvenil, em sentido lato, pode entender-se o sistema de valores socialmente atribuídos à juventude (tomada como conjunto referido como fase de vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais”⁵⁰. Assim, podemos falar de cultura juvenil, enquanto construção social, a partir da formação de grupos heterogêneos que se revestem de características comuns como formas de linguagem/comunicação, sentimentos, valores, comportamentos e experiências expressas coletivamente ou regras que geram uma matriz de identidade visível na observação de códigos e cumprimento de deveres ou obrigações.⁵¹

Com efeito, Coutinho sublinha a ideia que «as culturas juvenis são, na sua essência, culturas de lazer»,⁵² implicando atividades operadas nos tempos livres, consumos, práticas desportivas e as diversas relações familiares, de amizade e afetivo sexuais.

Assim, Pereira e Pontes, analisando estilos de vida e prática de consumo das juventudes, questionam se devemos falar de uma “cultura alternativa” ou de “ethos alternativo” em determinados grupos de jovens. Para o efeito procuraram articular três eixos da cultura juvenil – a) moda (o uso e apropriação e diferentes estilos de vestuário, acessórios, penteados e outros objetos); b) cenas/circuitos musicais (géneros e estilos musicais podem ajudar a definir estilos, alianças, identidades e articular com a indumentária e lugares frequentados); c) estilo de vida (as escolhas diante das

⁴⁹ Nolasco e Sá, «Juventude, Revitalização Cultural e a Temática das gerações», 114.

⁵⁰ Pais, *Culturas Juvenis*, 54.

⁵¹ Cf. Elisabete Garbin, “Culturas juvenis, identid@des e Internet: questões atuais”, *Revista Brasileira de Educação*, n. 23 (2003): 119, nota 4. Tendo em conta o que fora explanado sobre os jovens e a juventude, somos levados a reconhecer que os jovens, quando se agrupam, apropriam-se de valores distintos daqueles que lhes foram transmitidos pelos adultos (família, escola...), criando, por isso, os seus códigos, símbolos e significados. Por outro lado, assumimos o conceito “cultura juvenil” não somente na diferença de atitudes e valores entre jovens e adultos, mas acima de tudo referente a tipos de comportamento da massa jovem.

⁵² Cf. José Coutinho, *Religião em Portugal*, 302.

possibilidades apresentadas pela sociedade de consumo e definição da própria identidade). Conforme opinam os autores é na convergência destes três eixos que percebemos o delinear de “um jeito de ser e viver ou de um ‘ethos-alternativo’” que se traduz em “variados estilos de vida, como também em formas de resistir à cultura *mainsntream* ao mesmo tempo que incorpora elementos dela outorgando-lhe outros usos”,⁵³ isto é, o alternativo que dialoga com símbolos e estéticas da cultura dominante/hegemónica dando-lhes outros sentidos e criando outras formas de convivência, de consumo e de existência, torna-se manifestação cultural pois relaciona diferentes estilos de vida criando identidades de forma seletiva e estruturada.⁵⁴

Machado Pais ao abordar as relações das novas culturas e do trabalho em algumas frações juvenis, apresenta, igualmente, a ideia de “um novo ethos criativo”.⁵⁵ Pais apresenta jovens criativos – os *trendsetters*⁵⁶ – que trabalham na indústria cultural explorando redes de cooperação e lançando novas tendências em áreas como seja a moda, as artes, a literatura, a música, as tecnologias digitais ou o marketing.⁵⁷ Além destes jovens, Pais exemplifica, ainda, outros dois modos de vida atuais de jovens, distintos entre si no que se refere a atitudes e valores sociomoraes, e que se movimentam em sentido contrário ao social normal: i) os *lazy beggars* (jovens adultos “alérgicos” ao trabalho, buscando soluções económicas e de independência rápidas, ociosas, criativas e/ou milagrosas como pedir comida ou dinheiro; vivência em grupo marcada pelo consumo de bebidas e drogas e na aparência – tatuagens, roupas, piercings; possuem página Web e estão organizados em movimento social); ii) os *Vagabundos anónimos sustentados pelos Pais* (sigla VASP; negam o trabalho, confiando no sustento/rendimentos familiares; têm

⁵³ Simone Pereira e Vítor Pontes, “Culturas juvenis, identidades e estilo de vida: sentidos do ‘alternativo’ no Baixo Augusta/ São Paulo”, *Comum. Midia Consumo*, 14, n. 40 (2017), p. 112-113, DOI 10.18568/CMC.V14I40.1300

⁵⁴ Cf. Pereira e Pontes, “Culturas juvenis, identidades e estilo de vida: sentidos do ‘alternativo’ no Baixo Augusta/ São Paulo”, 118-119.

⁵⁵ José Machado Pais, “Jovens, trabalho e futuro: dilemas e desafios”. Em *Juventude(s): Novas Realidades. Novos Horizontes*, ed. Gilberta Rocha, Rolando Gonçalves e Pilar Damiano de Medeiros (Vila Nova Famalicão: Humus, 2016), 26.

⁵⁶ São jovens com boa formação escolar e cultural; realizam trabalhos de curta duração e intermitente, frequentemente mal pagos e sujeitos à necessidade de realizarem atividades secundárias/um segundo trabalho; a mobilidade faz parte do seu modo de vida e valorizam esta flexibilidade e independência de horários fixos/rígidos. Machado Pais fala mesmo numa nova categoria social – os *precários de elite*. Cf. Pais, “Jovens, trabalho e futuro: dilemas e desafios”, 27.

⁵⁷ Cf. Pais, 27.

dificuldades em assumir obrigações e responsabilidades; apáticos e resignados; não integram nenhum movimento social).⁵⁸

Neste sentido, Rocha, Gonçalves e Damião de Medeiros apontam que, desde os anos cinquenta do século XX, “as culturas juvenis, as revoltas juvenis e os estilos juvenis” influenciam o progresso social.⁵⁹ Por exemplo, se depois da II Guerra Mundial, a cultura juvenil fora apresentada como um mal-estar social frente à delinquência juvenil, nos anos sessenta, os jovens refletem uma era de consumo e popularizam um estilo de vida que se traduz em cultura juvenil.⁶⁰

Efetivamente, no final do século XIX e início do século XX, associado ao desenvolvimento da sociedade industrial, surgem os primeiros movimentos sociais, marcados pela luta de classes e movimentos de trabalhadores (muitos deles jovens) e usando os protestos como forma privilegiada de ação.⁶¹ Na segunda metade do século XX, a partir dos anos sessenta, surgem novos movimentos sociais interligados com novas formas de ação coletiva (afastam-se da luta de classes e incidem na subjetividade dos protagonistas, sejam critérios de género, orientação sexual ou étnico, etc.): movimentos ecológicos, feministas, estudantis, homossexuais, pacifistas, entre outros.⁶² Estes movimentos sociais foram concebidos como movimentos da juventude e o envolvimento dos jovens deu lugar a diversas microculturas juvenis.

E, chegados ao século XXI, na era das redes globais e de ciberculturas juvenis, novos movimentos e novas formas de ação coletiva vão surgindo. As lutas atravessam gerações, etnias, géneros e territórios. O recurso à novas tecnologias/mundo digital elimina as barreiras do espaço e do tempo, tornando mais fácil o impacto de uma ação sobre a realidade mundial. Segundo Paulo Vitorino Fontes (2016), a participação dos jovens nestes movimentos sociais “constitui um fator chave para estas mudanças”, pois os jovens estão na vanguarda da sociedade digital e do fluxo da informação e vivem em conexões

⁵⁸ Cf. Pais, 30-35. Outra categoria de jovens é a dos nem-nem (que nem estudam, nem trabalham) que vivem à margem do mundo do trabalho e ancorados ao bem-estar familiar.

⁵⁹ Cf. Gilberta Rocha, Rolando Gonçalves e Pilar Damião de Medeiros, *Juventude(s) Pensar e Agir*, (Vila Nova de Famalicão: Húmus Edições, 2017), 12.

⁶⁰ Cf. Rocha, Gonçalves e Damião de Medeiros, *Juventude(s) Pensar e Agir*, 12.

⁶¹ Cf. Paulo Vitorino Fontes, «A cultura política dos/as Jovens: sobre os momentos alternativos na atual conjuntura» em *Juventude(s) Pensar e Agir*, editado por Gilberta Rocha, Rolando Gonçalves e Pilar Damião de Medeiros (Vila Nova Famalicão: Húmus Edições, 2017) 64.

⁶² Fontes, «A cultura política dos/as Jovens: sobre os momentos alternativos na atual conjuntura», 64.

que estão para além de qualquer fronteira.⁶³ Explorando ainda mais o assunto sobre os movimentos sociais, Paulo Fontes refere que “os seus principais protestos são culturais, sociais, económicos e ambientais; não se resumem exclusivamente ao interesse individual, mas incluem solidariedade com aqueles que são marginalizados pela globalização”.⁶⁴

Os novos movimentos sociais e globais buscam a construção de um outro/novo mundo e terminar com as várias formas de insegurança e insatisfação, desprezo e de ignorância. Nisto a juventude pode assumir um papel preponderante, de protagonismo, principalmente, se atendermos às novas tecnologias. Hoje, é por estas, que os movimentos sociais se organizam e se expressam, que dão a conhecer a sua temática e ampliam a sua geografia.⁶⁵ Os jovens (sobretudo camadas mais novas e em idade escolar) ao terem contactos com os excessos desta sociedade pós-moderna e de consumo exacerbado, diante das experiências de desrespeito, das desigualdades, injustiças, do desemprego, da poluição, da guerra e do racismo... desenvolvem novas formas de protesto e de ativismo, recorrendo cada vez mais às novas tecnologias do mundo digital.⁶⁶

Deste modo, Paulo Vitorino Fontes sintetiza as características próprias da juventude que faz dela protagonista dos movimentos sociais: «O inconformismo, a vontade de transformar, de fazer revolução, de pôr em causa o estabelecido, de apresentar novas opiniões e, em especial, de se mobilizar e mobilizar todo um povo em torno de uma causa».⁶⁷

Analisando a temática das culturas juvenis, Pais indica que ambas as correntes sociológicas classista e geracional, olham as culturas juvenis como “processos de internalização de normas” e como “processos de socialização”.⁶⁸ Contudo, o autor aponta que o conceito de culturas juvenis deveria ser mais abrangente, considerando, igualmente, os modos de vida ordinária e as atividades do quotidiano dos jovens; modos e práticas

⁶³ Cf. Paulo Vitorino Fontes, «Cidadania Global e os novos Movimentos Juvenis: Lutas por redistribuição e Reconhecimento», em *Juventude(s): Novas realidades. Novos olhares*, ed. Gilberta Rocha, Rolando Gonçalves e Pilar Damião de Medeiros (Vila Nova Famalicão, Húmus Edições, 2016), 227.

⁶⁴ Rocha, G., Gonçalves, R., Damião de Medeiros, P., (2017), *Juventude(s) Pensar e Agir*, Humus, 12-13.

⁶⁵ Cf. Fontes, «Cidadania Global e os novos Movimentos Juvenis», 233.

⁶⁶ Cf. Fontes, 233-236. Cf. Fontes, «A cultura política dos/as Jovens», 71.

⁶⁷ Fontes, «Cidadania Global e os novos Movimentos Juvenis», 240.

⁶⁸ Pais, «A construção sociológica da juventude», 163.

estas que resultam da adaptação de modelos da geração adulta, atribuindo-lhes novos significados e novas práticas que respondam às suas necessidades e identidades.⁶⁹

Além disso, Machado Pais aborda, ainda, as teorias da “socialização contínua” que, na década de cinquenta do século XX, defendiam: a) que os jovens eram socializados e aderiam aos costumes do mundo adulto sem conflitos – era atribuído aos jovens um papel passivo de assimilação e sujeitos a uma orientação; b) a juvenilização e/ou juvenitização da sociedade (os jovens capazes de influenciar os adultos) – servem de modelo às gerações mais velhas.⁷⁰

Posto isto, uma análise da juventude ou das juventudes, cultura juvenil ou culturas juvenis, implica olhá-las como um conjunto social que se pode diferenciar de outros jovens da mesma geração. Devemos recordar que cada jovem ou grupos de jovens têm o seu contexto social, económico e cultural, pelo que apresentam entre si diferentes modos de lidar com as tensões inter e intragerações, diferentes trajetórias, experiências e modos de pensar e de viver, diferentes modos de encarar o mundo e a vida, diferentes necessidades de afirmação e de legitimação da sua identidade, para depois alcançarmos uma visão mais acutilante, realista e abrangente das diversas formas de ser jovem no passado e no presente.

É, pois, no meio desta dinâmica e narrativa que os jovens e/ou gerações mais novas (e fruto da convivência com as demais gerações) se tornam protagonistas e revitalizadores da cultura, na medida em que fazem uma releitura dos valores e do conhecimento acumulado. Neste confronto social, ambas as gerações (novos e adultos) influenciam e são influenciadas. Neste sentido, parafraseamos Maria Baltazar e outros:

Enquanto compasso de espera onde o indivíduo ainda não possui responsabilidades sociais imediatas e está impossibilitado de desempenhar autonomamente alguns papéis sociais atribuídos normalmente aos adultos, a juventude é uma etapa de transição, por onde todos passam, mas ninguém permanece. Marca fortemente os indivíduos ao determinar a essência da formação da sua personalidade e ao ser um elemento permanente das características próprias do todo social⁷¹.

⁶⁹ Cf. Pais, 163-164.

⁷⁰ Cf. Pais, «A construção sociológica da juventude», 153 e 155. Cf. Barbosa, *Jovens do futuro*, 71.

⁷¹ Maria Baltazar, et al., «Jovens, Migrações e Desenvolvimento», 350.

1.3 Discursos sociais sobre a Juventude

Apresentamos agora um conjunto de representações, imagens e discursos sociais sobre a juventude na sociedade contemporânea.⁷²

1.3.1 Juventude como ideal de vida

Esta visão da juventude como ideal, modelo e referência está unida à ideia de progresso, do ir além das gerações anteriores. Assim, a juventude é destacada para todas as faixas etárias como um agente revitalizador, um sinal vital do ser moderno, modelo de capacidade e de força, de beleza e prazer, de inteligência, liberdade e experimentação. O estilo de vida jovem é disseminado como ideal cultural. Porém, na realidade o que é exaltado é o juvenil e não a juventude. Incute-se na sociedade o que o juvenil representa em estilos de vida/ modos de ser, aliados ao viver consumista. Promove -se o consumo dos estilos de vida jovem pelos adultos e idosos, gostos e preferências, indumentária, música, desportos...) ao ponto de se verificar na sociedade moderna uma passagem de uma juventude prolongada para a velhice. É a ideia de juvenilização, com a qual o estatuto juvenil pode ser adquirido pela imitação cultural e reciclagem/reconfiguração do corpo. Porém, tal como Savegnago, alertamos para alguns perigos: a existência de “adultos adolescentizados” ou “adultescência”,⁷³ a desvalorização do passado e da experiência e a perda da memória com a conseqüente falta de referências para alicerces de coisas novas.

Contudo, encontramos alguns paradoxos nesta juventude-ideal: na realidade concreta os jovens encontram-se limitados na vida profissional e social; sofrem com a falta de emprego; nem todos têm espírito de aventura, o corpo ideal e nem o look; nem todos têm os mesmos acessos a todas as oportunidades e serviços, criando-se discrepâncias e desigualdades entre pobres e ricos ou zonas urbanas e rurais, zonas agrícolas, comerciais ou industriais, bairros ou periferias. Outros aspetos reveladores de disparidades e de desigualdades sociais no viver a juventude será o género, a cor, a segurança, ou falta dela.

⁷² Cf. Sabrina Savegnago, «Práticas discursivas e sociais relativas aos jovens e à juventude», *Revista Última Década* 27, n. 51 (2019): 198-219. <https://doi.org/10.4067/S0718-22362019000100192>.

⁷³ É a busca da eterna juventude ou como refere BORELLI é “a possibilidade de permanecer jovem, não importa de onde se tire tal modelo de juventude”. Cf. Silvia Borelli, «Cenários Juvenis, adultescência, juvenilizações: a propósito de Harry Potter», em *Culturas juvenis no século XX*, ed. Silvia Borelli e João Freire Filho, (S. Paulo: Educ, 2008), 75, apud Felipe Trota, «Jovens contemporâneos: reflexões atuais», *Comunicação, Mídia e Consumo* 6, n. 15 (2009): 187. <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/152/153>

Todos estes elementos afetam positiva ou negativamente os acessos a oportunidades e à vivência da juventude, bem como, interferem na descrição da condição juvenil.⁷⁴

1.3.2 Juventude entendida como momento de crise

Esta visão e discurso, pressupõe características específicas à infância e juventude. A juventude aparece como momento de crise dominada por conflitos de identidade, de autoestima e de personalidade; etapa marcada pelo distanciamento familiar, rebeldia e transitoriedade. Todavia, estas características podem manifestar-se noutras faixas etárias, não são exclusivas da juventude. Em situação de crise, falta ao jovem a maturidade, a racionalidade e o controlo emocional e de impulsos ao jovem. Porém, esta crise pode possibilitar novas descobertas e ser, igualmente, um momento de transformação e/ou reconstrução da subjetividade juvenil e de passagem para alcançar outro estatuto social.

1.3.3 Juventude enquanto problema social

A juventude é também encarada como um tempo de ensaio e de erros marcados por certa irresponsabilidade (violência, drogas, etc.), o que faz com que a fronteira entre juventude como momento de crise e como problema social seja muito próxima. A ideia de problema social relaciona-se com o desvio do padrão do que está definido para o desenvolvimento pessoal e social do jovem e sua adequação aos papéis e estatuto esperado a um adulto. A juventude torna-se objeto de atenção quando protagoniza uma ação de rutura com o que está instituído socialmente, provocando sensação de insegurança e perigo, demandando, por isso, políticas de controle, de disciplinarização, vigilância, correção e de socialização. Porém, estas medidas nem sempre são aplicadas do mesmo modo e na mesma medida a todos os jovens – alguns grupos sociais são enquadrados em estereótipos potencialmente perigosos (jovens oriundos, bairros sociais/pobres, classes sociais desfavorecidas, periferias, etnias, etc.) – visão da juventude pobre e de cor como problema e ameaça à ordem social; mas quando a desordem social é cometida por jovens privilegiados, mais ricos, o tratamento é diferenciado: tende a ser justificado, considerado transitório e até superado quando chegar a idade adulta.

⁷⁴ Cf. Regina Novaes, «Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias», em *Culturas jovens: novos mapas do afeto*, ed. Maria Isabel Almeida e Fernanda Eugenio (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006), 105-120.

1.3.4 Associação entre juventude e futuro

Atendendo à situação precária hodierna de muitos jovens perante a incerteza e falta de garantias no seu futuro, nomeadamente, quanto ao acesso ao mundo do trabalho, bem como, à ambiguidade em colocar as esperanças da transformação social e em considerar os jovens como futuro da sociedade e, simultaneamente, tratá-lo “como transgressor e delinquente”, Savegnago considera “inadequada” a associação entre juventude e futuro.⁷⁵ Até porque as realidades precárias e as vivências dos jovens diante dos riscos e da incerteza no futuro revelam que estes estão mais focados no agora do que no planeamento do futuro.

Baseando-se em alguns autores, Savegnago afirma que o jovem nesta conceção não é considerado como um ator social do presente, do aqui e agora, mas “pensado apenas enquanto vir a ser”, uma “promessa para o futuro” – alguém que no futuro, depois de amadurecido e já como adulto, possa continuar o que foi já construído pelas gerações que lhe precederam.⁷⁶ A juventude é considerada como um devir, um processo identitário em desenvolvimento intercambiando as dimensões do “que era, é e poderá ser”.⁷⁷

1.3.5 Juventude como moratória social

O termo “moratória”, usado por Erik Erikson,⁷⁸ podemos entendê-lo como tempo de experimentação e subordinado ao adulto, pois o conceito de “moratória” baseia-se na inexperiência e imaturidade social, como também, na visão da juventude como etapa entre a infância e a vida adulta. Será um período marcado pela formação para o exercício cívico dos “direitos e deveres de produção, reprodução e participação” social.⁷⁹ Assim sendo, quanto mais tempo os jovens estiverem em formação escolar e, por isso, afastados do mundo do trabalho, mais possibilidades de moratória social (poderíamos dizer de sucesso e realização social) terão. Com efeito, mesmo com a democratização do ensino e o alargamento da escolaridade obrigatória e uma multiplicidade de cursos e políticas/oportunidades de prolongamento dos estudos depreende-se que a moratória não seja uma condição universal da juventude, pois ela promove um fosso entre as classes altas (mais favorecidas, com mais oportunidades e que apostam no futuro a longo prazo)

⁷⁵ Cf. Savegnago, «Práticas discursivas e sociais relativas aos jovens e à juventude», 218.

⁷⁶ Cf. Savegnago, 211.

⁷⁷ Cf. Trancoso e Oliveira, «Juventudes: desafios contemporâneos conceituais», 267.

⁷⁸ Cf. Savegnago, «Práticas discursivas e sociais relativas aos jovens e à juventude», 214

⁷⁹ Cf. Savegnago, 214-215.

e as classes mais baixas (pobres/baixos recurso e/ou aspirações; aqueles que vivem situações precárias e de exclusão, que sentem necessidade de antecipar as obrigações produtivas dos adultos; os que olham o trabalho como algo mais atrativo do que a escolarização e que apostam no que pode dar um retorno imediato).

Todavia, com todas as transformações sociais que vão ocorrendo na sociedade, hoje, o termo “moratória” social na juventude, mais do que caracterizar um período de espera para realizar algo no futuro como adulto, configura-se mais como possibilidades de vivência e experimentação (o jovem experimenta o mundo do adulto, porém sem grandes encargos ou compromissos).

Para abordar a temática juventude e/ou juventudes é necessário reconhecer que estamos perante um resultado de uma integração entre uma herança histórica e padrões sociais existentes no presente. Por conseguinte, as particularidades do mundo presente influenciam as identidades juvenis e o conteúdo dos choques ou aproximações existentes nas relações intergeracionais.

Com efeito, para pensar a condição juvenil contemporânea, devemos ter em conta as características das mudanças (velozes) do mundo, nomeadamente, o alargamento dos agentes de socialização, isto é, da família e escola, sob a influência das novas tecnologias de comunicação e da Internet.⁸⁰ Se por um lado, verifica-se um aproximar de jovens de mundos diferentes, por força da inovação tecnológica, por outro, mantêm-se ou acentuam-se desigualdades entre os jovens seja por subgrupos etários, pelo nível de escolaridade, por género, etnia, residência, acessos diferenciados à cultura, desporto ou projetos sociais.

Consequentemente, ao analisar a realidade e os contextos culturais, Regina Novaes observa a existência de grupos juvenis organizados que falam por partes da juventude, mas não podem falar por todos aqueles que fazem parte da mesma faixa etária, pois, qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com a mesma idade, vivem juventudes diferentes/desiguais.⁸¹

Apesar de tudo, elementos como a roupa, a postura corporal e a linguagem continuam a ser elementos identitários, unificadores e marcadores de pertença dos jovens. A

⁸⁰ Cf. Gaspar de Matos, *Adolescentes: As suas vidas, o seu futuro*. Fundação Francisco Manuel dos Santos (Lisboa) pp. 187-193.

⁸¹ Cf. Regina Novaes, «Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias», 105-106ss.

linguagem e a música, por exemplo, rap e hip hop, eletrônica, metal ou punk, denunciam e combatem desigualdades sociais, surgindo como agentes de um momento histórico em que criam um espaço público no qual é forjada/retratada a cultura da periferia/bairro⁸².

Seguindo o pensamento de Machado Pais e Pedro Strecht, dentro da regularidade das fases da vida, cada indivíduo traça e vive singularmente o seu percurso de vida. Se há idades normativas para se ser «jovem», «adulto» ou «idoso» e se há um reconhecimento social dos marcadores de passagem de uma a outra fase de vida (aos 18 anos passa a maior de idade e adquire o direito de voto; o casamento e a obtenção de um trabalho constituíam momentos-chave para a aquisição do estatuto de adulto; e a idade da reforma a partir dos 65-66 anos), também é certo que estão a ficar mais diluídos e descontínuos os traços que delimitam as fronteiras entre as diferentes fases de vida (consequência da juvenilização e adultescência, do aumento de dietas, ginásios, do recurso a novas descobertas terapêuticas, de produtos de beleza e a cirurgias plásticas).⁸³

A instabilidade na trajetória para a vida adulta num jovem (emprego/desemprego; casamento/divórcio; abandono/retorno à escola ou família de origem) e até a ideia da aceitação da terceira idade⁸⁴ (recorrer a plásticas e outras terapêuticas de rejuvenescimento ou ter continuar a atividade profissional por uma questão de sobrevivência) é de tal ordem que já se fala de gerações de fronteira ou gerações sanduíche, o que leva a Pais a apresentar o conceito de “yoyogeneização da condição juvenil” (Juventude nos anos 90 - geração io-iô) para explicar a instabilidade das suas trajetórias para a vida adulta.⁸⁵

Paralelamente, Pais propõe os ritos de impasse para explicar a instabilidade no percurso para a vida adulta quando os sentimentos de pertença identitária se fragilizam e quando as necessidades de segurança e de autoestima não se satisfazem. Quando não se

⁸² Cf. Sagnier e Morell, *Os jovens em Portugal hoje*, 16.

⁸³ Cf. José M. Pais, «A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse», *Saúde E Sociedade*, 18(3), 371–381, acedido a 06 de fevereiro de 2024, <https://doi.org/10.1590/S0104-12902009000300003>; Pedro Strecht, *B'teen – É a vida dos adolescentes de hoje* (Lisboa: Verso da Kapa, 2017) 17.

⁸⁴ Para aprofundar o assunto, citamos Pedro Strecht, para quem «a idade é uma característica facilmente negada e disfarçada [...] os mais velhos querem ser mesmo jovens... para sempre [...] E, assim, se havia um ponto anterior comum no distanciamento geracional de hábitos e costumes, por vezes até exageradamente afastado, hoje em dia assiste-se a um apagamento excessivo e por vezes perigoso dessas mesmas diferenças sobretudo em temas como a capacidade assertiva de os adultos definirem regras e limites ou ajudarem os mais novos a lidar com a frustração». Strecht, *B'teen – É a vida dos adolescentes de hoje*, 17 e 19.

⁸⁵ Cf. Pais, «A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse» s.p. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902009000300003>; Cf. Barbosa (1999), *Jovens com Futuro*, p. 72.

tem confiança no futuro, aumenta a frustração e conduz à alienação social e/ou a condutas violentas.⁸⁶

Andrade e Mussi classificam “reducionista” qualquer tentativa de apresentar a complexidade da vida contemporânea numa explicação única.⁸⁷ Na nossa sociedade, hoje, verificamos uma rápida transformação dos modos de organização da vida moderna (valores, crenças, ideias, hábitos, formas de poder). Segundo as mesmas autoras, para compreender como as juventudes se movimentam hoje, há que atender a:

Novas configurações da contemporaneidade [a saber]: abandono de explicações universais; novas práticas de trabalho; adoção de estratégias pluralistas para a abordagem do desenvolvimento urbano; velocidade e efemeridade intensas nas novas formas de experiências sociais e afetivas; parafernália de ícones, informações, códigos e sentidos; valorização do localismo; capitalismo pós-industrial; avanços tecnológicos nas áreas de informações e comunicações; partidos políticos de massas substituídos por movimentos sociais baseados em raça, localização, sexualidade, questões ecológicas, idade.⁸⁸

Com efeito, a proliferação de informação cultural e combinações de modos de vida e de significados que circulam nas nossas sociedades debilita ou impede a construção da identidade individual, pois nos indivíduos coabitam múltiplas referências, tornando-os “fluídos e mutáveis”, “descentrados”:

Olhando por essa perspectiva, o mundo no qual as juventudes tentam inscrever-se e pelo qual procuram se orientar é vivido como em constante movimento. Um mundo onde não estão mais disponíveis valores fixos, ritos de passagem predeterminados, futuros previsíveis, ao menos como ideias que antes eram confiadas como verdades a toda uma geração.⁸⁹

Efetivamente, as juventudes movimentam-se e constituem-se subjetivamente, envolvidos na experiência da incerteza, a vida social é marcada pela satisfação de curto prazo e construindo identidades que acumulam vivências fugazes. Assim, a vida dos jovens é marcada por descontinuidades e flutuações num movimento de vaivém: é o

⁸⁶ Cf. José M. Pais, «A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse», s.p.

⁸⁷ Cf. Aline Andrade e Mônica Mussi, «Juventudes contemporâneas», *Cadernos CENPEC* n. 5 (2008): 27, acedido a 8 de janeiro de 2024.

https://www.academia.edu/112416501/Juventudes_contempor%C3%A2neas?email_work_card=view-paper

⁸⁸ Andrade e Mussi, «Juventudes contemporâneas», 26.

⁸⁹ Andrade e Mussi, 27.

“yoyogeneização da condição juvenil” de Machado Pais (sair de casa para voltar; deixar os estudos para mais tarde recomeçar; ter trabalho e depois perdê-lo).

Mais concretamente, as novas formas de sociabilidades juvenis no presente estão organizadas em torno de práticas ou atributos físicos/corporais. As suas atenções e inquietações voltam-se em grande parte para o seu desempenho físico, cuidado estéticos e transformação do corpo. Esta modalidade de socialização é o que Andrade e Mussi, fundamentadas em Francisco Ortega designam por biossociabilidade⁹⁰. Aqui o corpo ocupa o lugar de destaque e o sentido de pertença grupal é conquistado por algum atributo ou mérito corporal. De facto, como afirma o psiquiatra Daniel Sampaio, o corpo assume um lugar central na cultura contemporânea, reduzindo-se a totalidade psicofísica do adolescente⁹¹ (*self*) ao seu corpo, no qual mais investe, exhibe para se relacionar e usa como “terreno para marcas que definem um novo território”.⁹² O corpo torna-se um instrumento de comunicação aos outros/sociedade, bem como, de definição e registo de identidade, seja pelo uso de tatuagens, piercings, implantes ou até mesmo alguns comportamentos em voga em determinado momento que manifestam adesão a grupos.⁹³

Fonte de novos prazeres só na adolescência descobertos, território pronto a ser marcado para a definição de uma identidade provisória, lugar de angústia diariamente renovada, cartão-de-visita no relacionamento interpessoal, ou ainda imagem perturbada de uma mente em sofrimento, o corpo ocupa sempre um dos lugares mais importantes no quotidiano juvenil.⁹⁴

Concomitantemente, o pedopsiquiatra Pedro Strecht confirma que o corpo é um meio de projeção, e sublinha que a problemática do corpo se tornou central da sociedade atual.⁹⁵

Os adolescentes procuram, em geral, investir cada vez mais precocemente no seu aspeto exterior, na imagem que sentem que os enquadra ou não em determinado grupo [...]. A forma como olha, a postura que tem quando se senta ou até quando anda, o estilo e a adequação de roupa que veste, entre outros, são exemplos bem vivos daquilo que realmente pode ser uma

⁹⁰ Cf. Andrade e Mussi, 32.

⁹¹ Tendo por base que somente à volta dos vinte anos estará totalmente estruturado o cérebro humano, Daniel Sampaio recorda que alguns autores apontam apenas aos vinte e quatro anos o fim da adolescência. Cf. Daniel Sampaio, *Do Telemóvel para o Mundo*, (Lisboa: Editorial Caminho, 2018), 38.

⁹² Sampaio, *Do Telemóvel para o Mundo*, 42 e 45.

⁹³ Cf. Sampaio, 43-44; Cf. Sagnier e Morell, *Os jovens em Portugal hoje*, 17-18.

⁹⁴ Sampaio, *Do Telemóvel para o Mundo*, 47.

⁹⁵ Cf. Strecht, *B' teen – É a vida dos adolescentes de hoje!*, 30.

correspondência com o seu nível de desenvolvimento intelectual e cognitivo, maturidade afetiva e integração em grupo de pares.⁹⁶

Consequentemente, os jovens constituem as suas subjetividades e identidades pessoais a partir do eu centrado no prazer corporal, na ideologia do corpo perfeito, no descarte e desmerecimento de outros atributos que não combinem com as idealizações corporais.⁹⁷

Contudo, a biossociabilidade, face aos altos padrões estéticos impossíveis de alcançar pela maioria da população, provoca estigmas e exclusão, potencia uma atitude consumista entre jovens, adquirindo produtos que oferecem respostas fugazes, sem grande utilidade, e diminuindo a sensibilidade às suas reais necessidades; favorece, ainda, o incremento da indústria de autoajuda com formulas voltadas para o fortalecimento do corpo e o esvaziamento de mobilizações por questões coletivas. O jovem centrado sobre questões de prazer tende à indiferença em relação ao mundo – alheado de projeto sociais.⁹⁸

Neste sentido, Strecht recordando o culto precoce do corpo, o parecer mais do que ser, o poder atual da imagem no domínio do corpo, graças à tremenda influência das tecnologias da informação, e o esvaziamento da palavra com sentido/significado, realça que a vida dos mais novos reduz-se à dimensão do momento, com uma ligação ao passado quase inexistente e pouca perspectiva de futuro:⁹⁹

Muitos dos grandes movimentos sociais e culturais, incluindo vários que se constituíram como marcos fragmentários em relação a erros e dificuldades passadas, tiveram como origem a inquietação juvenil, o desejo de muitos adolescentes quererem fazer diferente e melhor do que lhes passavam ou faziam crer como imagem dominante, única, respeitável ou inabalável. A imagem da adolescência é – e tem de continuar a ser – a da mudança e da diferença. Não a do adormecimento, da anestesia, da homogeneidade e da indiferença a que parece querer reduzi-la.¹⁰⁰

Andrade e Mussi apontam formas de sociabilidades dos jovens que afunilam o horizonte de ação juvenil com efeitos destrutivos e de negação da vida: *a)* centrando o ideal do eu no prazer corporal, os indivíduos/ jovens permanecem exilados em si mesmos, impedindo que as questões coletivas tenham a visibilidade e força; *b)* jovens envolvidos

⁹⁶ Strecht, 30 e 38.

⁹⁷ Cf. Andrade e Mussi, «Juventudes contemporâneas», 33.

⁹⁸ Cf. Andrade e Mussi, p. 33

⁹⁹ Cf. Strecht, *B'teen – É a vida dos adolescentes de hoje!*, 40, 47-48.

¹⁰⁰ Strecht, 48.

com o tráfico de drogas, armas e/ou outros dramas criminais; c) inserção de diversos tipos de linguagem, transformando os jovens em sujeitos de violência.¹⁰¹ Assim, afirmam Andrade e Mussi “marcados pela exclusão relacional, [os] jovens transitam numa faixa de vida desprovida de sentidos e valores”.¹⁰² Desta forma, como meio de travar estas sociabilidades negativas, as autoras insistem:

É preciso que as juventudes tenham garantias concretas de integração e pertencimentos societários, como a integração às instituições de ensino; às instituições vinculadas ao mundo do trabalho, às instituições de saúde; às instituições político-culturais disponíveis nas sociedades democráticas.¹⁰³

Por conseguinte, a multiplicação das sociabilidades/ relações juvenis abre caminho ao aparecimento de “micropolíticas de resistência juvenis” funcionando como “potentes territórios de lutas e transformações nas trajetórias juvenis contemporâneas”.¹⁰⁴

Concorre, hoje, igualmente, para a ampliação das relações juvenis a proliferação das novas tecnologias (computadores, telemóveis, internet, redes sociais), funcionando como reguladores/condicionadores de conduta e consumidores de enorme parte do tempo dos jovens (da população em geral), os quais colocam nestes bens altas expectativas de mudanças de vida (ascensão social).¹⁰⁵

Todavia, o investimento excessivo e desequilibrado nas novas tecnologias e no digital pode reduzir a produção de sentidos e as referências de socialização. Estes equipamentos além das funções profissionais e comerciais assumem, hoje, práticas de socialização como as interatividades virtuais entre indivíduos/grupos/comunidades distantes geográfica e socialmente; novas práticas de utilização dos meios de comunicação e de circulação de informações, bem como, a criação de novos territórios existenciais online. E, como salienta Sampaio, a internet e o mundo digital deram voz aos mais jovens e a uma multidão de incógnitos; eles tornaram-se autores, criativos, e protagonistas - isto

¹⁰¹ Cf. Andrade e Mussi, «Juventudes contemporâneas», 34.

¹⁰² Andrade e Mussi. 35.

¹⁰³ Andrade e Mussi. 35.

¹⁰⁴ Andrade e Mussi. 35. As autoras apresentam o exemplo das sociabilidades ligadas ao movimento do hip-hop. De facto, como afirma Martín-Barbero a música é uma “interface que permite ao jovem se conectar e conectar, entre si, referentes culturais e domínios de práticas e saberes”. Cf. Martín-Barbero *apud* Felipe Trotta. «Jovens contemporâneos: reflexões atuais», *Comunicação, Mídia e Consumo* 6, n. 15 (2009): 189. Acedido a 22 de julho de 2023. <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/152/153>.

¹⁰⁵ Cf. Andrade e Mussi, “Juventudes contemporâneas”, 36; Margarida Gaspar de Matos, *Adolescentes. As suas vidas, o seu futuro*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2020, 187-192; Sampaio, *Do Telemóvel para o Mundo*, 128-140 e 230.

esbate a influencia dos agentes socializadores tradicionais como a família, a escola e as instituições religiosas¹⁰⁶. Como sublinham Andrade e Mussi:

O porvir das juventudes encontra-se inseparável dessa condição. Jovens põem em cena expressões estéticas, comportamentos, estilos de vida, projetos de futuro que assinalam a presença de todo um sistema de referência.¹⁰⁷

Efetivamente, todo este movimento e circulação de bens, informações, estilos de vida, expressões estéticas, opiniões, etc... tem consequências paradoxais nas subjetividades de indivíduos ou grupos como também na recodificação dos espaços, tempos, linguagens e relações (ou conexões).¹⁰⁸

Se a cultura e as transformações da vida cotidiana ocupam um lugar central na formação da subjetividade e identidade, Stuart Hall opina que a “nossa participação na chamada Internet é sustentada pela promessa de que ela nos possibilite em breve assumirmos ciberidentidades – substituindo a necessidade de algo tão complicado e fisicamente constrangedor como é a interação real”.¹⁰⁹ Deste modo, com a desenvolvimento dos média/ digital e a socialização da Web, o diluir das fronteiras da cultura, comunicação e informação (e conseqüente globalização cultural), e com os “processos de desterritorialização” (conceito assumido como novas regras de codificação ou deslocação de conceitos e significados), os tradicionais lugares (família, escola, bairro, igreja, regiões etc.) de enraizamento e agrupamento identitário atenuam-se com os jovens a constituírem-se a sua identidade através de gostos, apreciações e de um estilo que caracteriza ou representa a juventude.¹¹⁰ Fundamentando-se no pensamento de Stuart Hall, Garbin considera que as identidades são mais um produto da marcação da diferença e indica que o uso de *nicknames* em jogos, *sites* e *chats* pelos jovens é “um dos grandes marcadores identitários da Internet”, pois, tornam-se um meio “onde podemos encarar nossas identidades com muito mais multiplicidade, onde podemos nos inventar do jeito que quisermos [porém não deixa de acrescentar que] as identidades são, sim fictícias,

¹⁰⁶ Cf. Sampaio, *Do Telemóvel para o Mundo*, 204-206.

¹⁰⁷ Andrade e Mussi, «Juventudes contemporâneas», 36-37.

¹⁰⁸ Cf. António Spadaro, *Ciberteologi@*, *Pensar o Cristianismo na era da Internet*, (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013) 89 e 91.

¹⁰⁹ Garbin, «Cultur@s juvenis, identid@des e Internet», 120.

¹¹⁰ Cf. Garbin, 121-122, 129.

porém não menos que da vida real. São apenas diferentes, mais breves, talvez mais flexíveis que as do cotidiano real”.¹¹¹

Se a internet e o digital abrem um terreno de flutuação de identidades, concomitantemente, anula a distância entre pessoas e lugares. ‘Podemo-nos mover sem sair do lugar’ ou ‘podemo-nos encontrar sem estar ao lado’ ou ainda ‘podemos criar laços/amizades em geografias tão dispares’. Estas expressões refletem um paradoxo: a necessidade de relações (de encontro e partilha de sistemas de significação ‘olhos nos olhos’ - interesses afetivos, intelectuais, estéticos, sistemas de pensamentos e de ações) é substituída por conexões diante telas de telemóvel ou de computadores, ligados a dezenas, centenas de pessoas, mas acabamos por estar isolados, sós. E ainda o choque da “interação entre as pressões globalizantes e o modo como as identidades locais são negociadas, construídas e reconstruídas”.¹¹² Consequentemente, os lugares de pertença e de comunidade correm o risco de serem substituídos - do real para o ‘virtual’.

A relação comunidade-lugar também é expandida: as comunidades podem existir sem estar no mesmo lugar, como, por exemplo, rede de amigos com interesses comuns e rede de pessoas que comungam crenças religiosas afins formam comunidade cidadinas que não se restringem a um lugar demarcado geograficamente.¹¹³

É, pois, neste contexto de dispersão de informações, de colapso espacial e mudanças na noção de lugar-comunidade que as juventudes (especialmente nos espaços urbanos – apesar destas fronteiras urbanos/rural, por força da natureza do digital, se estarem a diluir) parecem sustentar e estruturar as suas vidas¹¹⁴. E, parafraseando Sampaio, se desejamos compreender e estar mais próximos dos mais jovens, devemos ir ao seu encontro e percorrer os espaços que frequentam – não podemos “ser uns sem-abrigo digitais”.¹¹⁵ Devemos “sobretudo aproximar gerações em redor das novas tecnologias”.¹¹⁶

Por outro lado, Machado Pais, apoiando-se do pensamento de Mannheim que afirma os jovens como possíveis agentes de mudança social, desafiando-nos a questionar a realidade; tendo em conta a crise económica e social que afeta sobremaneira os jovens, nomeadamente, o facto do trabalho já não surgir como “núcleo de socialização e

¹¹¹ Cf. Garbin, 132-133.

¹¹² Andrade e Mussi, «Juventudes contemporâneas», 39.

¹¹³ Andrade e Mussi, 38.

¹¹⁴ Cf. Andrade e Mussi, 38. Sampaio, *Do Telemóvel para o Mundo*, 205.

¹¹⁵ Cf. Sampaio, *Do Telemóvel para o Mundo*, 142, 148 e 152.

¹¹⁶ Sampaio, 208.

estruturação dos cursos de vida de uma forma linear”;¹¹⁷ e, considerando os novos movimentos sociais juvenis, questiona se não “estaremos na senda de uma nova geração efetiva?”¹¹⁸ Machado Pais, reconhece que ainda não temos condições para uma resposta conclusiva, apesar de “os jovens de hoje pareçam liderar novas correntes socioculturais”.¹¹⁹

¹¹⁷ Cf. Pais, «Jovens, trabalho e futuro: dilemas e desafios», 33: os cursos de vida desestruturaram-se; os trajetos de vida são marcados por uma *yoyogeneização*.

¹¹⁸ Pais, «Jovens, trabalho e futuro: dilemas e desafios», 39.

¹¹⁹ Cf. Pais, «Jovens, trabalho e futuro: dilemas e desafios», 39.

2. Olhares sobre as Gerações

Quando pensamos no conjunto de problemáticas que afetam os jovens e a sua extensão temporal, devemos ter em conta que existem diversas juventudes, que enquanto tal, se sucedem no tempo. Consequentemente, essas populações continuam no ecossistema social, e as suas atitudes e valores, persistem e influenciam mudanças para além de um limite de idade.

Neste sentido, propomos explicar alguns apontamentos sobre as gerações e mudanças geracionais, as quais têm despertado interesse e relevância principalmente por estudos orientados para o mercado de trabalho, marketing e organização empresarial e/ou negócios.¹²⁰

De facto, conforme explica Novaes, as organizações são influenciadas e afetadas pelas diversas mudanças sociais, sendo, pois, necessária a devida adaptação da instituição (por exemplo, da Igreja) às transformações ocorridas como também é necessário um melhor conhecimento das características de cada geração e “desenvolver serviços e produtos adequados às necessidades de cada grupo de usuários que são formados por diferentes gerações”.¹²¹

Consequentemente, nas instituições encontramos grupos heterogêneos com indivíduos de diferentes grupos etários (gerações), com comportamentos, compromentimentos, expectativas, conjuntos de valores e visões do mundo diferentes.¹²²

Uma geração é composta por um conjunto de pessoas nascidas numa determinada época, cujo contexto histórico e social influencia e/ou predispõe a uma visão específica de olhar o mundo, a um modo comum de pensamento e de comportamento, a compartilhar experiências, costumes e valores ao longo da vida.¹²³

¹²⁰ Cf. Vítor Sérgio Ferreira, et al., *Geração Milénio? Um retrato Social e Político* (Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017), 17-18; Simone Novaes, «Perfil Geracional: Um estudo sobre as características das gerações dos Veteranos, Baby Boomers, X, Y, Z e Alpha». *Anais do VII SINGEP Simpósio Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidades* (outubro 2018). Acedido em novembro de 2023. <https://singep.org.br/7singep/resultado/428.pdf>; Luisa Zomer, Aline Santos e Kelly Costa, «O perfil de alunos do curso de administração: um estudo com base nas gerações X, Y e Z», *Revista GUAL* 11, n. 2 (2018): 200, DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1983-4535.2018v11n2p198>.

¹²¹ Cf. Novaes, «Perfil Geracional: Um estudo sobre as características das gerações dos Veteranos, Baby Boomers, X, Y, Z e Alpha», 2; Thais Zaninelli, Giseli Caldeira e Diego de Fonseca. «Veteranos, Baby Boomers, Nativos Digitais, Gerações X, Y e Z, Geração Polegar e Geração Alfa: perfil geracional dos atuais e potenciais usuários das bibliotecas universitárias». *Brazilian Journal of Information Studies: Research trends*, v. X (2022): 2. Acedido a 12 de Janeiro de 2024. DOI: 10.36311/1981-1640.2022.v16.e02143.

¹²² Cf. Novaes, «Perfil Geracional», 2 e 4.

¹²³ Cf. Novaes, 3

Assim, os conceitos de veteranos ou tradicionais, *baby boomers*, geração X, geração Y, geração Z e geração Alpha têm sido comumente aceitos e usados entre os pesquisadores das mais variadas áreas para designar as transformações de comportamento de cada geração frente ao uso e evolução das tecnologias de informação e comunicação, em específico as digitais/internet.¹²⁴ Com a evolução tecnológica é permitida cada vez mais a recolha e análise de um conjunto de elementos diferenciadores das gerações: dados referentes, por exemplo, à sexualidade, questões de género, idade de casamento, taxas de nascimento e de divórcio, filiação política, impostos, consumo de bens materiais e tecnologia, alcoolismo e consumo de drogas, uso do tempo, objetivos de vida, liderança, educação, obesidade, índice de alegria, segurança e doenças mentais.¹²⁵

Segundo Jean Twenge, as mudanças de geração não dizem respeito apenas a pessoas individuais que mudam, é também sobre dinâmicas de grupo e mudanças culturais, bem como, as nossas decisões e o nosso comportamento não dizem respeito ou afetam apenas a cada indivíduo em particular, mas afeta a todos – na sociedade estamos todos interconectados e somos influenciadores e influenciados.¹²⁶ De facto, o desenvolvimento demográfico e tecnológico produziu mudanças socioculturais que “permitiram a cada geração impor-se e desenvolver não somente as próprias ideias, mas também adotar e rotular um novo perfil por meio de comportamento, linguagem, moda música, arte, a forma como utilizam e vivenciam a tecnologia”.¹²⁷

Neste sentido, atualmente, existem seis gerações a coexistir.

Sucedem-se letras para identificar geracionalmente coortes etárias nascidas em diferentes décadas (geração ‘X’, ‘Y’, ou ‘Z’) e multiplicam-se categorias geracionais para designar os jovens de hoje, em grande medida concentradas em torno das suas diferentes vivências e experiências nos domínios do trabalho, da mobilidade e da digitalização do mundo, relativamente às gerações predecessoras.¹²⁸

Nos estudos das gerações é frequente encontrar outros termos para realçar diferenças, conflitos ou fluxos entre os estilos de vida das diversas gerações: “nativos digitais”,

¹²⁴ Cf. Jean Twenge, *Generations. The Real Differences Between Gen Z, Millennials, Gen X, Boomers, and Silents – and What They Mean for The Future* (New York: Atria Books, 2023) 4-23. Zaninelli, Caldeira e Fonseca, «Veteranos, Baby Boomers, Nativos Digitais, Gerações X, Y e Z, Geração Polegar e Geração Alfa», 2.

¹²⁵ Cf. Twenge, *Generations: The Real Differences*, 23.

¹²⁶ Cf. Twenge, 25-26.

¹²⁷ Cf. Rui Fava apud Zaninelli, Caldeira e Fonseca, «Veteranos, Baby Boomers, Nativos Digitais, Gerações X, Y e Z», 7.

¹²⁸ Ferreira, et. al, *Geração Milénio?*, 17.

“geração polegar”, “*Millennials*” “geração precária”, “geração perdida”, “geração global”, “geração digital”, “geração net”.¹²⁹

Posto isto, ressaltamos que, as características geracionais não são estanques, variando conforme região e contexto social, económico, político e cultural, pois, os nascidos no início de uma geração sofrem influência da geração anterior, possibilitando a osmose de comportamentos/valores.¹³⁰ Saliente-se, então que:

A operacionalização do conceito de geração permite compreender, através dos mais jovens e por comparação com os mais velhos [...] os modos de produção estrutural de diferentes subjetividades, existências e experiências sociais emergentes em diferentes tempos históricos.¹³¹

É relevante realçar, ainda, que não há consenso sobre as balizas etárias de início e fim de cada geração, as datas de nascimento variam conforme os autores e estudos, contudo as características apresentadas de cada geração são análogas.¹³² O clássico espaço de uma geração para a outra é de 25 anos, porém com o desenvolvimento tecnológico o espaço temporal entre gerações tem vindo a reduzir para 20 e 10 anos aproximadamente, o que significa uma tendência de intervalo por geração ser de 15 anos.¹³³

Porém, sabendo que não é consensual e que em todos os estudos referenciados neste texto são apresentadas diferentes referências de início e do fim para cada geração, seguirei a seguinte datação: veteranos ou tradicionais - nascidos entre 1922-1945; *baby boomers* - nascidos entre 1946 e 1964; geração X - nascidos entre 1965 e 1980; geração Y ou *Millennials* - nascidos entre 1981 e 1995; geração Z - nascidos entre 1996 e 2010; geração Alfa: nascidos a partir de 2010.

¹²⁹ Cf. Zaninelli, Caldeira e Fonseca, «Veteranos, Baby Boomers, Nativos Digitais, Gerações X, Y e Z, Geração Polegar e Geração Alfa», 3; Ferreira, et. al, *Geração Milénio?*, 17.

¹³⁰ Cf. Ferreira, et. al, *Geração Milénio?*, 18-19 e 21-22; Novaes, «Perfil Geracional», 4.

¹³¹ Ferreira, et. al, *Geração Milénio?*, 21.

¹³² Cf. Novaes, «Perfil Geracional», 3; Ferreira, et. al, *Geração Milénio?* 18 e 24.

¹³³ Cf. Novaes, «Perfil Geracional», 3; Zaninelli, Caldeira e Fonseca, «Veteranos, Baby Boomers, Nativos Digitais, Gerações X, Y e Z, Geração Polegar e Geração Alfa», 6-7; Gomes, Ana. *Geração Milénio: Comportamento nas Organizações e nos Mercados de Trabalho, Comparação com gerações anteriores*, Trabalho Final de Dissertação apresentado à Universidade Católica Portuguesa, Porto (2016), acessado em janeiro de 2024, <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/21687/1/TFM.pdf> , 24.

2.1 Veteranos ou Tradicionais

Esta geração é aquela nascida entre 1922 e 1945. Uma geração que nasceu e viveu num ambiente sufocado pela crise da Grande Depressão e em períodos de guerra, por isso, também designada por geração silenciosa, apesar do nome ser enganador, pois eles na sua vida de jovens e adultos estiveram associados a movimentos de direitos civis, ao movimento feminista e de contracultura nos anos 60.¹³⁴

Por outro lado, são “adultos conformados com os problemas”,¹³⁵ praticam uma liderança autoritária, concentrando o poder em si, todavia, assumindo responsabilidade e consequências das suas decisões; os “seus principais valores são a família, o trabalho e a moral” pelo que são dedicados e fieis ao trabalho, respeitam a hierarquia, a autoridade e as regras estabelecidas, bem como, a religião é uma característica marcante, revelam espírito de sacrifício e têm uma relação segura com o dinheiro – sabem poupar.¹³⁶

Por terem crescido entre tempos marcados pelas dificuldades económicas da Grande Depressão e das Guerras Mundiais, os veteranos ou geração silenciosa, forjaram um forte cultura de resiliência, mentalidade de sacrifício e de superação diante das dificuldades, pois a prosperidade e a paz não eram um dado adquirido.¹³⁷

Um outro dado que importa salientar, apesar da discriminação de género na época¹³⁸, o número de mulheres trabalhadoras aumentou constantemente após a Segunda Guerra Mundial. Os veteranos nascidos mais tarde foram os primeiros a terem mais de um terço de suas mães trabalhando quando estavam em idade escolar, tendência que se manteve quando as mulheres desta geração se casavam e tinham filhos.¹³⁹ Facto este relevante quando pensamos que na década de 1950, as famílias acreditavam que as mulheres deveriam ir para a escola não a pensar numa formação profissional, mas acima de tudo para serem boas donas de casa.¹⁴⁰

Segundo Jean Twenge, a geração dos veteranos foi a última geração a crescer até à idade adulta sob sistema/ época pré-tecnológica (anterior às novas tecnologias

¹³⁴ Cf. Twenge, *Generations. The Real Differences*, 33 e 78.

¹³⁵ Zomer, Santos e Costa, «O perfil de alunos do curso de administração», 202.

¹³⁶ Cf. Zaninelli, Caldeira e Fonseca, «Veteranos, Baby Boomers, Nativos Digitais, Gerações X, Y e Z», 8; Novaes, «Perfil Geracional», 4.

¹³⁷ Cf. Twenge, *Generations. The Real Differences*, 34.

¹³⁸ Cf. Twenge, *Generations. The Real Differences*, 42 e 46 (mas era raro encontrar mulheres em trabalhos prestigiantes ou bem pagos).

¹³⁹ Cf. Twenge, 43-44.

¹⁴⁰ Cf. Twenge, 44 e 45.

introduzidas na décadas de 50 e 60 do século XX e que semeiam o individualismo que encetará as convulsões surgidas na década de 1960) e a primeira a experimentar a plena idade adulta num mundo marcado por grandes e rápidos avanços tecnológicos.¹⁴¹ Consequentemente, avança Jean Twenge, esta geração, “com um pé em cada mundo, esteve na vanguarda das mudanças que criaram a nossa visão moderna de igualdade, especialmente em torno de raça, gênero e orientação sexual”.¹⁴²

Apesar de muitos homens e mulheres da geração dos veteranos já estarem reformados, os anos vinte do século XXI, são testemunhas dos últimos veteranos a saírem do mundo dos negócios, da vida política, da ciência e do mundo do entretenimento.¹⁴³

2.2 Baby Boomers

Após a II Guerra Mundial, inicia-se a reconstrução dos países envolvidos na mesma. Os *baby boomers*, (“explosão de bebés”), nascidos entre 1946 e 1964, tomam este nome face ao aumento populacional logo após a guerra.¹⁴⁴ Eles são “pessoas idealistas, que crescem como jovens indulgentes após uma crise, cultivam princípios moralistas na meia idade e emergem como visionários na velhice”.¹⁴⁵ Dominaram a cultura dos seus países durante todas as etapas da sua vida.¹⁴⁶

Os *baby boomers* receberam uma educação rígida e disciplinada; são ponderados, de raciocínio linear e obedientes; valorizam o trabalho, o estatuto e ascensão profissional e acreditam que ele é para toda a vida.¹⁴⁷ A geração dos *baby boomers*, também conhecida por “geração da paz e amor” pelas suas contestações pacíficas, e, ainda, designada por “geração da televisão” pois surge no tempo da invenção da TV, tem como objetivo um estilo de vida conservador: casamento, adquirir casa, ter filhos, ter um emprego e

¹⁴¹ Cf. Twenge, 34 e 39.

¹⁴² Twenge, 39.

¹⁴³ Cf. Twenge, 70.

¹⁴⁴ Cf. Twenge, 75-76.

¹⁴⁵ Zomer, Santos e Costa, «O perfil de alunos do curso de administração», 202.

¹⁴⁶ Cf. Twenge, *Generations. The Real Differences*, 76.

¹⁴⁷ Cf. Novaes, «Perfil Geracional», 5.

estabilidade financeira, um carro e tempo de lazer.¹⁴⁸ Esta geração abraçou o individualismo que a sociedade considera um dado adquirido.¹⁴⁹

Esta geração foi considerada como workaholics – viciados no trabalho – e acreditam na recompensa monetária depois do seu empenho; fiel aos seus valores e preferências, o *baby boomer*, é mais resistente às novas tendências e a lidar com as tecnologias; preferem comunicar de forma tradicional.¹⁵⁰

Todavia, e apesar de no mundo ocidental a família na década de 60 e 70, com o apoio da Igreja e do estado, ainda desempenhar um papel central na transmissão dos valores religiosos, Teixeira recorda que foi a partir desta época e com esta geração que se inicia a grande mudança no que concerne a transmissão dos valores religiosos. “A família deixou de funcionar como depositária de uma tradição religiosa” e “deixou de ser suficiente a validação por meio da autoridade de uma instituição ou da tradição de que se reclama depositária”.¹⁵¹

2.3 Geração X

Como referido anteriormente, a geração X é composta pelos nascidos entre 1965 e 1980. Jean Twenge adverte que esta geração é uma incógnita, muitas vezes descrita pelo que não é em comparação com os *boomers* e *Millennials* - daí também a letra que a descreve.¹⁵² Esta geração deixou os protestos e abraçou o cinismo; a autossuficiência independente é uma das suas marcas.

Os que fazem parte da Geração X são os filhos dos *Baby Boomers*, por isso, muito influenciados pela televisão (apelos ao consumo) e pelas culturas dos pais que incutiam a luta e esforço para conquistar independência financeira. Paralelamente, esta geração enfrentou mudanças na família: ambos pais trabalham; as mulheres estão mais ausentes

¹⁴⁸ Cf. Twenge, *Generations. The Real Differences*, 78-79: “os silenciosos mudaram as leis e regras, mas os Boomers mudaram corações e mentes [...] o que a geração silenciosa sonhou os boomers na realidade viveram[...] Foi uma revolução de crenças, valores e estilos de vidas das pessoas comuns, não apenas de políticas governamentais..”. Cf. ainda Zaninelli, Caldeira e Fonseca, «Veteranos, Baby Boomers, Nativos Digitais, Gerações X, Y e Z», 9.

¹⁴⁹ Cf. Twenge, *Generations. The Real Differences*, 80.

¹⁵⁰ Cf. Gomes, «Geração Milénio», 25-27.

¹⁵¹ Alfredo Teixeira, *Não sabemos já donde a luz mana, ensaio sobre as identidades religiosas*, (Prior Velho: Paulinas Editora, 2004), 46-47.

¹⁵² Cf. Twenge, *Generations. The Real Differences*, 149.

do lar; aumentaram os divórcios, gerando dificuldade em impor limites/disciplina. Os indivíduos desta geração são adversos à supervisão, são conservadores e materialistas.¹⁵³

É uma geração com um perfil mais independente, autónomo e empreendedor. Acreditam que é possível atingir um equilíbrio entre a vida pessoal e profissional. Buscam a ascensão profissional através do aprimoramento do conhecimento e da aquisição de competências, porém revelam medo de perder o seu emprego para as gerações mais novas. Constitui-se uma geração de fácil adaptação às tecnologias, mas também é mais individualista e competitiva. É a primeira das gerações a crescer com computadores e internet, tornando-se numa geração “híbrida”, flexível.¹⁵⁴ De facto, as inovações tecnológicas e informáticas irão começar a dividir e distinguir as gerações: “computadores e e-mails distinguiram Gen X dos *Boomers*, mensagens de texto os Millennials da Geração X e o TikTok a Geração Z dos Millennials”.¹⁵⁵

Da geração X fazem parte as “tribos” hippie, punk entre outras; a geração X ficou, ainda, marcada pela revolução sexual (maior flexibilidade na vida sexual, iniciando-a cada vez mais cedo) e um alargamento do tempo da adolescência e, por isso, um abrandamento na trajetória da vida adulta em direção ao casamento e filhos;¹⁵⁶ é uma geração influenciada pelas lutas por liberdade, paz e pelo reconhecimento de minorias.¹⁵⁷

2.4 Geração Y

Esta geração nascida entre 1981-1995 é também conhecida como *Millenials* ou Geração Milénio por fazerem parte da mudança do milénio. Os indivíduos da geração milénio são “desafiadores e priorizam a qualidade de vida, o contato com os amigos, família, e [que] o emprego seja atraente e se adapte a todas as necessidades”.¹⁵⁸ É a geração mais planeada e desejada, pois é nasce na era onde os métodos de controlo de natalidade são mais fiáveis e o aborto é legalizado.¹⁵⁹

¹⁵³ Cf. Novaes, «Perfil Geracional», 5-6; Bruna Borges, «As gerações x e y e as suas âncoras de carreira: diferenças intergeracionais», Dissertação de Mestrado Integrado de Psicologia, Secção de Psicologia dos Recursos Humanos, do Trabalho e das Organizações, Universidade de Lisboa (2016). Acedido em janeiro de 2024, https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26652/1/ulfpie051171_tm_tese.pdf.

¹⁵⁴ Cf. Gomes, «Geração Milénio», 27-29.

¹⁵⁵ Twenge, *Generations. The Real Differences*, 156.

¹⁵⁶ Twenge, *Generations. The Real Differences*, 165.

¹⁵⁷ Cf. Zaninelli, Caldeira e Fonseca, «Veteranos, Baby Boomers, Nativos Digitais, Gerações X, Y e Z», 10.

¹⁵⁸ Zaninelli, Caldeira e Fonseca, «Veteranos, Baby Boomers, Nativos Digitais, Gerações X, Y e Z», 10.

¹⁵⁹ Cf. Twenge, *Generations. The Real Differences*, 231.

A geração Y é a mais informal e imediatista, assume riscos e busca recompensas. O individualismo é exacerbado. Eleva o otimismo, a autoestima e as suas expectativas a um extremo, tornando-se numa geração narcisista.¹⁶⁰ São capazes de executar multitarefas simultaneamente e de forma autônoma: ouvir música, navegar na internet, ler os emails....¹⁶¹ Esta geração acompanha a mudança do analógico para o digital e transforma-se em cidadãos globais, pois estão sempre conectados.¹⁶² É a geração da internet e da globalização.¹⁶³ São “os filhos da tecnologia” e, conseqüentemente, a rápida mudança nos meios de comunicação intimidam os jovens desta geração” habituados que estão à tecnologia.¹⁶⁴ Desde a infância, a geração Milénio tem acesso ao PC e internet, a consolas, telemóveis pelo que é evidente a influencia nos seus comportamento e modos de olhar o mundo.¹⁶⁵ Esta geração apresenta-se como verdadeiros *networkers* (trabalhadores/usuários de rede; trabalho à distância etc.). Os Millennials preferem navegar em redes sociais e canais de conteúdos de influenciadores, Youtube e aplicativos e mensagens instantâneas como o WhatsApp e Instagram.

Deste modo, segundo Simone Novaes a geração Y dá prioridade ao lado pessoal em detrimento ao profissional. Profissionalmente, buscam sempre as melhores oportunidades e um trabalho que lhes traga prazer. Procuram fazer parte de equipas comprometidas e motivadas, com quem possam aprender e socializar; são criativos e inovadores; preferem horários flexíveis e hierarquias informais.¹⁶⁶

Ainda seguindo o discurso de Novaes, a geração Y é marcada por uma nova configuração da vida familiar com as mulheres cada vez mais presentes no mercado de trabalho e a sua educação passar desde cedo por instituições - creches, jardins-de-infância, amas – e agarrados à televisão.¹⁶⁷ As conseqüências foram indivíduos mais independentes, individualistas, instáveis e distraídos, “embora preocupados com o meio ambiente e com os direitos humanos”.¹⁶⁸

A geração Y não lida bem com as críticas. É a geração que chega à fase adulta deseja a eterna juventude. Mas gosta de uma comunicação clara e que o feedback do que realiza

¹⁶⁰ Cf. Twenge, *Generations. The Real Differences*, 250.

¹⁶¹ Cf. Gomes, «Geração Milénio», 31.

¹⁶² Cf. Zaninelli, Caldeira e Fonseca, «Veteranos, Baby Boomers, Nativos Digitais, Gerações X, Y e Z», 11.

¹⁶³ Cf. Novaes, «Perfil Geracional», 6.

¹⁶⁴ Cf. Zomer, Santos e Costa, «O perfil de alunos do curso de administração», 204.

¹⁶⁵ Cf. Gomes, «Geração Milénio», 41.

¹⁶⁶ Cf. Novaes, «Perfil Geracional», 6; Borges, «As gerações x e y e as suas âncoras de carreira», 42.

¹⁶⁷ Cf. Novaes, «Perfil Geracional», 6.

¹⁶⁸ Borges, «As gerações x e y e as suas âncoras de carreira», 9.

seja rápido, imediato e habitual. Defende a pluralidade a nível social e de consumo, mas acima de tudo, procura o seu bem-estar, fazer coisas do seu interesse. Valorizam a rapidez (velocidade) e praticidade nas comunicações (em tempo real); consome grande fluxo de informações, tendo facilidade para assimilá-las e dessa forma, preferem a maneira informal de aprender.¹⁶⁹

2.5 Geração Z

Entre 1996 e 2010 nasce a geração Z, autênticos nativos digitais, com forte criatividade e individualidade. É a primeira das gerações que demonstra que não há fronteiras geográficas. Esta é a geração Net ou geração Zapping (Z) – navega em *links*, *sites*, *blogs* online, com a mesma velocidade com que maneja um controle de televisão. Uma geração da tecnologia móvel, do digital, das redes sociais, dos *smartphones*, dos *tablets*. É uma juventude que, desde a infância, convive e não consegue imaginar o mundo sem televisão, sem PC, sem internet, sem chats, sem sites sem telemóveis.¹⁷⁰

“É uma camada juvenil que tecla num chat ao mesmo tempo em que troca *e-mails*, navega em *sites*, assiste televisão, ouve música... comenta o que assiste e ouve no *chat* em que tecla, troca de canais a todo o instante em busca de novas imagens, de novos sons, dos mais diferentes lugares e com os mais diferentes personagens, com uma velocidade ímpar, inventando com isso novas cenas compondo assim uma espécie de fast-food de imagens acionadas por um controle remoto ou por um teclado”.¹⁷¹

Os membros da geração Z são muito presentes na internet, com acesso contínuo e instantâneo, e são populares nas redes sociais. Twenge designa-os de iGen ou Zoomers com direta referência às plataformas de vídeo-chat, muito usadas aquando e depois da pandemia Covid-19, bem como, por serem a primeira geração a viver a adolescência na era do smartphone.¹⁷² Mas a interação nestes chats pressupõe que os usuários destas plataformas desenvolvam e partilhem valores, analisem e avaliem situações, etc. Fechados sobre este mundo digital, somente conhecem o mundo a partir desses suportes

¹⁶⁹ Cf. Gomes, «Geração Milénio», 35-39.

¹⁷⁰ Cf. Garbin, «Cultur@s juvenis, identid@des e Internet», 127; Twenge, *Generations. The Real Differences*, 435; Zaninelli, Caldeira e Fonseca, «Veteranos, Baby Boomers, Nativos Digitais, Gerações X, Y e Z», 11-13.

¹⁷¹ Garbin, «Cultur@s juvenis, identid@des e Internet», 127.

¹⁷² Twenge, *Generations. The Real Differences*, 345-346.

informáticos. Todavia, esta geração, viciada em telas – “*screenaddicts*”, sente necessidade de marcar presença no online só para se fazer notar.¹⁷³

Segundo R. G. Duffett, os jovens desta geração, são “jovens consumidores desejam tudo, em todo o lugar e instantaneamente. Entretanto, são capazes de filtrar rapidamente mensagens chatas e irrelevantes e manter o foco em mensagens criativas”.¹⁷⁴

Os indivíduos desta geração possuem raciocínio não-linear e utilizam informação via smartphones, em conteúdos visuais ou em áudios, como podcasts e vídeos curtos. Acreditam estes jovens que o conhecimento principal provém deste meios virtuais e tecnológicos.¹⁷⁵ Aqui reside o déficit da geração Z – a vasta informação que recolhe está fragmentada, tendenciosa e o indivíduo revela problemas na organização e ressignificação dos dados recolhidos. É uma geração que busca sempre o imediato, o prazer e o consumo agora; é uma geração que, simultaneamente, valoriza a liberdade de escolha, mas “não nasceram para ser empregados e sim empreender e empregar”.¹⁷⁶ Desejam uma rápida ascensão na carreira; são independentes, versáteis e flexíveis, porém manifestam dificuldade em trabalhar em grupo.

Por fim, e segundo Borges, a geração Z procura nas organizações “valores ou dinâmicas que correspondam às suas características pessoais, como o contato com outras pessoas através da Internet, a abertura ao diálogo, a velocidade e globalidade”.¹⁷⁷ Seguindo o pensamento desta autora, a geração Z revela inclinação para uma maior imediatismo o que leva a relacionar-se com a hierarquia/chefia de forma direta como se relacionasse com colegas (distanciamento do respeito pela hierarquia que havia nos *Baby Boomers* e nas gerações X).

¹⁷³ Cf. Zaninelli, Caldeira e Fonseca, «Veteranos, Baby Boomers, Nativos Digitais, Gerações X, Y e Z», 12; Zomer, Santos e Costa, «O perfil de alunos do curso de administração», 205.

¹⁷⁴ Cf. R. G. Duffett apud Zomer, Santos e Costa, «O perfil de alunos do curso de administração», 205.

¹⁷⁵ Cf. Zaninelli, Caldeira e Fonseca, «Veteranos, Baby Boomers, Nativos Digitais, Gerações X, Y e Z», 13-14.

¹⁷⁶ Novaes, «Perfil Geracional», 7.

¹⁷⁷ Borges, «As gerações x e y e as suas âncoras de carreira», 10.

2.6 Geração Alfa

A geração Alfa (termo cunhado por Mark McCrindle)¹⁷⁸ são os jovens nascidos a partir de 2010. Filhos dos *Millennials* – Milénios ou geração Y ou até mesmo da Z –, esta geração aproxima-se ainda mais do valor da liberdade em relação à sua identidade. Os jovens tendem a tornar-se mais protagonistas e questões de género e orientação sexual não serão impedimentos, assim como o direito à diferença será uma causa mais fortalecida.¹⁷⁹

«A visão de mundo dos *Alfas* é gerida sobre o conceito de igualdade – assim, eles enxergam cada vez menos barreiras entre as pessoas, descubrem a diversidade com naturalidade, para essas crianças, ser diferente é normal, essa geração apresenta comportamento menos limitado pelos estereótipos».¹⁸⁰

Consequentemente, e parafraseando “Pela primeira vez na história uma geração formada por crianças tem poder de influência”.¹⁸¹ Estamos a falar de uma geração cujas características são a espontaneidade, a observação, a atenção, e autonomia com uma enorme capacidade de adaptação muito acelerada.

A tecnologia faz parte da vida da geração alfa desde o nascimento e está ao serviço do desenvolvimento infantil em todos os ambientes com estímulos sensoriais, nomeadamente visuais, acelerando esse desenvolvimento.¹⁸² O raciocínio da geração alpha não é linear, assim as crianças e jovens consideram cansativas as atividades de aprendizagem mais tradicionais, como seja a leitura e interpretação de textos. Portanto, as tecnologias ao serviço da educação e do consumo das gerações irão continuar a saciar esta geração sedenta por novos *media* e tecnologias que favoreçam estímulos sensoriais, isto é, a audição, o tato e visão simultaneamente.¹⁸³

¹⁷⁸ Cf. Mark McCrindle e Ashley McCrindle, «Understanding Generation Alpha», acessado a 23 de julho de 2024,

https://www.researchgate.net/publication/342803353_UNDERSTANDING_GENERATION_ALPHA

¹⁷⁹ Cf. Novaes, Novaes, «Perfil Geracional», 7. Salientamos o desafio constante do Papa Francisco aos jovens para que sejam “protagonistas” e “protagonistas de uma nova coreografia” (de mudança) como fizera recentemente no seu discurso com os jovens universitários no dia 3 de agosto na Universidade Católica Portuguesa durante as Jornadas Mundiais da Juventude que decorriam em Lisboa. Cf. Francisco, *Todos, todos, todos! JMJ Lisboa 2023, Discursos e Homilias* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2023), 26.

¹⁸⁰ Zaninelli, Caldeira e Fonseca, «Veteranos, Baby Boomers, Nativos Digitais, Gerações X, Y e Z», 14; cf. Carvalho et al. «A geração alfa no (re)inventar da nova biblioteca escolar: um chamado à missão da biblioteca: um chamado ao real ofícios dos bibliotecários», *Comunicação & Informação* 24 (2021): 1-21, DOI: 10.5216/ci.v24.64527

¹⁸¹ Zaninelli, Caldeira e Fonseca, «Veteranos, Baby Boomers, Nativos Digitais, Gerações X, Y e Z», 14.

¹⁸² Twenge, *Generations. The Real Differences*, 456.

¹⁸³ Cf. McCrindle e McCrindle, «Understanding Generation Alpha».

Porém, vivemos no auge daquilo a que Zygmunt Bauman descreve como modernidade líquida¹⁸⁴, isto é, uma época marcada pela volatilidade, pela incerteza e individualismo, em que as relações sociais são frágeis, fugazes e flexíveis, onde nada é duradouro, onde somos analisados não pelo que somos, mas pelo que consumimos.¹⁸⁵

Assim, o indivíduo tornou-se um “empreendedor” de si mesmo e cada pessoa é uma instituição. Deste modo, se alguém não obtém sucesso a responsabilidade é completamente individual. As conexões digitais são prova deste pensamento e característica da pós-modernidade: a amizade e os relacionamentos amorosos são substituídos por conexões, que, a qualquer momento, podem ser desfeitas, pois não são mais do que algo acumulado com superficialidade suficiente para se desligar a qualquer momento.

Outra marca do futuro desta geração, da vivência constante online e das transformações que provoca será a sua relação com a inteligência artificial.¹⁸⁶ Tecnologia e humanidade estarão intrinsecamente interligadas.¹⁸⁷ Devido ao forte desenvolvimento tecnológico das últimas décadas, constata-se uma mudança no quotidiano e na cultura e, por isso, as gerações distingue-se umas das outras; o escalar do individualismo e da estratégia da *slow-life*, atrasando a entrada nos estágios da vida e alimentando mito da eterna juventude, são resultados diretos do avanço da tecnologia.

Posto isto, e revisitadas as várias gerações, torna-se oportuno referenciar algumas conclusões do estudo da juventude portuguesa elaborado por José Pereira Coutinho.¹⁸⁸

¹⁸⁴ Cf. Zygmunt Bauman, *Modernidade Líquida*, trad. Plínio Dentzien (Rio de Janeiro: Zahar, 2001), 140, 135-149.

¹⁸⁵ Cf. José Coutinho, *Religião em Portugal*, 77.

¹⁸⁶ Sobre este assunto, na Mensagem para o Dia Mundial da Paz (1 de janeiro de 2024), o Papa Francisco, exaltou o impacto da tecnologia e defendeu um diálogo aberto sobre o significado destas novas tecnologias (Cf. Francisco, *Inteligência Artificial e Paz*, Mensagem do Santo Padre Francisco para a celebração do Dia Mundial da Paz, 1º de janeiro de 2024, acedido em Janeiro de 2024, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/20231208-messaggio-57giornatamondiale-pace2024.html>). Sublinhou que esta deve ser utilizada de forma responsável e apelou que a Inteligência Artificial esteja ao serviço da humanidade: “a imensa expansão da tecnologia deve ser acompanhada por uma adequada formação da responsabilidade pelo seu desenvolvimento. A liberdade e a convivência pacífica ficam ameaçadas, quando os seres humanos cedem à tentação do egoísmo, do interesse próprio, da ânsia de lucro e da sede de poder. Por isso temos o dever de alargar o olhar e orientar a pesquisa técnico-científica para a prossecução da paz e do bem comum, ao serviço do desenvolvimento integral do homem e da comunidade”. Não deixou o Papa Francisco de exortar a uma reflexão no âmbito da educação e da promoção do pensamento crítico sobre as tecnologias digitais e, especificamente, sobre Inteligência artificial: “É necessário que os utentes das várias idades, mas principalmente os jovens, desenvolvam uma capacidade de discernimento no uso de dados e conteúdos recolhidos na web ou produzidos por sistemas de inteligência artificial” (*Inteligência Artificial e a Paz*, 2).

¹⁸⁷ Cf. Twenge, *Generations. The Real Differences*, 7-23.

¹⁸⁸ Cf. Coutinho, *Religião em Portugal*, 306-333.

Para o sociólogo «as tendências mais nítidas parecem ser a redução da juventude, a sua maior urbanização e digitalização, a par da quebra do casamento e da fecundidade, assim como do adiamento do compromisso conjugal e parental».¹⁸⁹ Assiste-se, por isso, a uma extensão da juventude como fase transitória; a partir da geração X e, sobretudo da Y, os jovens permanecem mais tempo em casa dos pais e as formas alternativas à família tradicional acentuam-se; as gerações são gradualmente mais instruídas, adiam a entrada no mercado de trabalho, dependem mais das famílias e muitos dos trabalhos são precários (temporários ou a tempo parcial); no campo do lazer, «marcado pelo consumo, pela liberdade, pelo prazer e pela igualdade»,¹⁹⁰ a leitura, a rádio e a televisão perdem peso nos jovens, mas as atividades musicais e desportivas dilatam a sua importância, bem como, aumentam o consumo de álcool, de tabaco e a liberdade sexual por parte das mulheres; o uso crescente nas últimas gerações da internet e das redes sociais transformam a relação dos jovens com os outros e com o mundo, elas têm «expandido o egocentrismo e o descomprometimento numa ótica de consumo, expressividade e efemeridade».¹⁹¹

Na realidade, atualmente, coexistem as seis gerações: a geração silenciosa a gozar a sua reforma, os *baby boomers* a entrar para a sua reforma, a Geração X a tomar lugares de liderança, os *Millennials*/geração X à procura de mais oportunidades e responsabilidades, a geração Z à procura da sua voz e influência e a geração alfa a iniciar o seu potencial frente às adversidades da recente pandemia e suas consequências.¹⁹² Assim, Twenge afirma que o desafio para as seis gerações é o seguinte: “para encontrar uma maneira de a tecnologia nos unir em vez de nos separar”.¹⁹³

As diferentes gerações utilizam linguagens e movimentam-se de modos diferentes. Que tipo de comunicação e dinâmicas são necessárias à Igreja desenvolver para abarcar os diferentes comportamentos e visões do mundo das várias gerações que hoje simultaneamente convivem? As gerações Y, Z e Alfa valorizam a sustentabilidade, diversidade e engajamento social. Se a Igreja perder este dinamismo, força de engajamento e presença nos lugares de ação das novas gerações como poderá desenvolver eficazmente a sua missão? Não basta reconhecer e aderir à tecnologia usada pelas

¹⁸⁹ Coutinho, *Religião em Portugal*, 315.

¹⁹⁰ Coutinho, 315.

¹⁹¹ Coutinho, 317.

¹⁹² Cf. Twenge, 512.

¹⁹³ Twenge, 515.

gerações mais recentes, é premente produzir conteúdos que essas gerações apreciam consumir, conteúdos de ensino que ajudem a realização dos seus projetos, conteúdos que inspirem confiança. É necessário pensar em criar ou recriar espaços apelativos, dinâmicos de encontros. Porém, neste afã de produção é necessário ouvi-los e envolver estas gerações.

3. Exortação Apostólica *Christus Vivit* e urgências pastorais

No desenvolvimento deste capítulo, estruturamos a nossa reflexão sobre a exortação apostólica *Christus vivit* (*Christus vivit*). A *Christus vivit* enquadra-se no pontificado do Papa Francisco como uma exortação apostólica pós-sinodal, fruto do Sínodo dos Bispos sobre os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional, realizado em 2018. Foi publicada em 25 de março de 2019 no sétimo ano do pontificado do Papa Francisco. A principal intenção do documento é refletir sobre o papel dos jovens na Igreja e na sociedade, oferecendo uma visão desafiante, de esperança e de encorajamento aos jovens, ao mesmo tempo em que convoca todos os membros da Igreja a se envolverem no processo de renovação e revitalização da fé, especialmente através do testemunho e do compromisso com o Cristo vivo, como o título da exortação sugere.

No contexto do pontificado de Francisco, a *Christus vivit* segue a linha de várias das preocupações e prioridades pastorais do Papa¹⁹⁴, como a centralidade da juventude, a promoção de uma Igreja inclusiva, aberta e acolhedora, além da valorização do discernimento vocacional. A exortação também destaca a importância de uma juventude comprometida com a transformação do mundo, a serviço do Evangelho e do bem comum, algo que já é um tema recorrente no papado de Francisco, especialmente nas suas abordagens sobre a misericórdia, a solidariedade e desejo de uma Igreja missionária, em permanente saída.

Neste sentido, faremos um levantamento da problemática contextual, observando como, no quadro atual, os processos de transmissão crente intergeracional se encontram amplamente afetados. Nesse contexto, procuraremos analisar a leitura que a Exortação *Christus vivit* faz da realidade juvenil e que lógicas de ação pastoral podem emergir do mesmo para a Igreja que se quer dinâmica, em diálogo com o mundo contemporâneo, enfrentando os desafios e promovendo mudanças.

¹⁹⁴ A Exortação Apostólica pós-sinodal aos Jovens e a todo o Povo de Deus *Christus vivit* (2019) é a quarta exortação apostólica do Papa, depois da Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual *Evangelii Gaudium* (24 de novembro de 2013), da Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre o amor na família *Amoris laetitia* (19 de março de 2016) e da Exortação Apostólica sobre a chamada à santidade no mundo atual *Gaudete et exsultate* (19 de março de 2018). Entretanto o Papa Francisco em 29 de junho de 2013 publica a Carta Encíclica *Lumen fidei* sobre a fé e a *Laudato si'* sobre o cuidado da casa comum em 24 de maio de 2015.

3.1 A rutura na transmissão da fé na sociedade ocidental

O Cristianismo (em específico, o catolicismo), segundo Pierrette Daviau, é considerado por vários sectores contemporâneos como uma religião fria, agarrada a normas e leis, “afastada da vida das pessoas, insensível às suas preocupações quotidianas e à sua evolução moral”.¹⁹⁵

A Igreja, especialmente no mundo ocidental, cada vez mais secularizado, encontra-se num período histórico em que é urgente pensar novamente o cristianismo o que implica a nível pastoral uma mudança de mentalidade. Com efeito, Matteo defende que este é o centro da nova ação pastoral; uma ação que deve saber responder às mudanças do tempo, à mudança epocal como refere o Papa Francisco.¹⁹⁶

Nesta medida, Tiago Neto sublinha que o cristianismo se depara com dificuldades em definir, de forma fundamentada e enquadrada na cultura contemporânea, as suas instituições, crenças e práticas,¹⁹⁷ isto é, a Igreja do ocidente enfrenta problemas em garantir o saber-fazer cristão e em renovar as formas cristãs de existência.¹⁹⁸ Por isso, afirma a necessidade de «romper como os modelos herdados e encontrar formas diferenciadas que tenham em conta os dinamismos de recomposição do crer assentes numa identificação subjetiva dos sujeitos».¹⁹⁹

Assim, e partindo do discurso do Papa Francisco no dia 21 de dezembro de 2019 à Cúria Romana e da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG), Matteo salienta três temas basilares daquilo a que designa *Opção Francisco*: um novo contexto cultural/mudança de época, o fim da cristandade e a necessidade de um novo modelo pastoral/conversão pastoral (o eixo verdadeiro da *opção Francisco* – o seu desejo e pensamento

¹⁹⁵ Pierrette Daviau, «Espiritualidade de gestação e práxis pastoral», em *Uma nova oportunidade para o Evangelho, para uma pastoral de gestação*, ed. Philippe Bacq e Christoph Theobald (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), 175.

¹⁹⁶ Cf. Armando Matteo, *Converter Peter Pan. O destino da fé na sociedade da eterna juventude* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2022), 41, 89-100 e 128-136; confira, ainda, Armando Mateo, *Trazer os jovens à Missa. A transmissão da fé numa sociedade sem adultos* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2023) 14, 56-58, 65 e 69.

¹⁹⁷ Cf. Tiago Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de gestação* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2016) 29.

¹⁹⁸ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé*, 34

¹⁹⁹ Neto, 32.

sobre a hodierna missão dos cristãos).²⁰⁰ Efetivamente, o Papa Francisco no seu discurso aos organismos da cúria romana que presidem à evangelização²⁰¹ afirmou:

Estamos a viver, não simplesmente uma época de mudanças, mas uma mudança de época. Encontramo-nos, portanto, num daqueles momentos em que as mudanças já não são lineares, mas epocais; constituem opções que transformam rapidamente o modo de viver, de se relacionar, de comunicar e elaborar o pensamento, de comunicar entre as gerações humanas e de compreender e viver a fé e a ciência. Muitas vezes acontece viver a mudança limitando-se a envergar um vestido novo e, depois, permanecer como se era antes. [...] A atitude sadia é, antes, deixar-se questionar pelos desafios do tempo presente, individuando-os com as virtudes do discernimento, da *parresia* e da *hypomoné*. Então a mudança assumiria um aspeto completamente diferente: de elemento complementar, de contexto ou de pretexto, de paisagem exterior, tornar-se-ia cada vez mais humana e também mais cristã.

Efetivamente, Matteo esclarece que esta mudança epocal afeta a população adulta do ocidente nascida depois da Segunda Guerra Mundial, nomeadamente, a geração dos *Baby Boomers* e a *Geração X*, pais dos *Millennials/ Geração Y* e dos jovens da *Geração Z* respetivamente. Importa aqui recordar que são estes os adultos que participam no Sínodo de 2018 convocado pelo Papa Francisco e que se debruça sobre os jovens (*Geração Y*, *Geração Z* e *Geração Alpha*).²⁰²

Consequentemente, a questão que se coloca é que mudança ocorreu com estas gerações de adultos? Que impactos tem nas gerações mais novas? O teólogo italiano faz-nos reconhecer que o modo de ser no mundo pós-moderno mudou; engendrou-se uma transformação do sentido de vida que afeta toda a realidade social inclusive a Igreja. Partindo dos efeitos da pandemia de Covid-19 (encerramento das igrejas por temor associado ao medo de contágio, substituição temporária da presença física pelo *online* das celebrações e o efetivo não regresso à igreja/missa) e da contundente observação de Tomás Halík das igrejas semivazias, Matteo foca o abandono de uma religião de preceito e hábito e evidencia a crise da Igreja ocidental que «já não fala *a todos* e que, precisamente por isso, já não é a Igreja *de todos*». ²⁰³ As Igrejas (e a religião) deixaram de ter um papel

²⁰⁰ Cf. Matteo, *Converter Peter Pan*, 73 e 88-89.

²⁰¹ Francisco, «Discurso do Papa Francisco à Cúria romana na apresentação de votos natalícios» (21/XII/2019), acedido a 19 de julho de 2024, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/december/documents/papa-francesco_20191221_curia-romana.html#_ftn9.

²⁰² Cf. Matteo, *Converter Peter Pan*, 90. Confira ainda Mateo, *Trazer os jovens de volta à Missa*, 31-32.

²⁰³ Cf. Matteo, *Converter Peter Pan*, 17-19.

de garantia do enquadramento ou configuração da ordem social.²⁰⁴ Resulta a partir daqui uma nova oportunidade e desafio à igreja cristã: «encontrar uma Palavra de Evangelho para o adulto» pós-moderno.²⁰⁵

Assim, se na ideia de adulto, e de acordo com as ciências psicanalíticas e filosóficas, se destacam o amadurecimento da capacidade reprodutiva, a estabilização psíquica, a conquista intelectual, a responsabilidade, o cuidado, proximidade e abertura ao outro, a superação do narcisismo e a capacidade de estabelecer uma relação natural com o envelhecimento e a morte, bem como, de se configurar como testemunha e exemplo para as gerações seguintes,²⁰⁶ o cristianismo é de facto uma religião para adultos.²⁰⁷ Contudo, «os adultos de hoje [Boomers e Geração X] já não são o que eram» afirma Matteo.²⁰⁸

Segundo o teólogo italiano existem cada vez menos adultos capazes de assumir a sua identidade e responsabilidade enquanto testemunhas, educadores e acompanhantes do crescimento das novas gerações (crianças e jovens), pois o adulto ocidental, impulsionado pelos interesses económicos, culturais, tecnológicos, publicitários e digitais que estimulam o consumo e, face ao seu medo da velhice e encontro com a morte, converteu-se ao «juvenilismo», isto é, encontrou a resposta para a sua busca de sentido no mito da juventude: a sua liberdade e unicidade servem apenas para ser e permanecer jovens (em corpo e espírito) - «apenas jovens. Nada mais do que jovens»,²⁰⁹ tornando-se num *Peter Pan* – uma criança que não quer crescer:²¹⁰

O adulto em que nos transformámos: uma massa de quarentões, cinqüentões e sessentões que fazem tudo para não envelhecer, chegando assim à idade da velhice sem nunca terem sido adultos, estando, aliás, demasiado ocupados a manter-se jovens, ativando desse modo as condições para liquidar os verdadeiros jovens!²¹¹

Para o teólogo Giuseppe Savagnone, a satisfação dos desejos, com toda a sua subjetividade, tornou-se o fascínio da sociedade contemporânea: «Libertar o desejo» tornou-se a pedra de toque do mundo juvenil e do mundo dos adultos – um verdadeiro

²⁰⁴ Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé*, 31 e 155. Cf. Eduardo Duque, *Valores e Religiosidade em Portugal. Comportamentos e atitudes geracionais* (Porto: Edições Afrontamento, 2022) 41.

²⁰⁵ Cf. Matteo, 20. Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé*, 154.

²⁰⁶ Cf. Matteo, *Trazer os jovens de volta à Missa*, 34-37.

²⁰⁷ Cf. Matteo, 13 e 82.

²⁰⁸ Cf. Matteo, 37.

²⁰⁹ Cf. Matteo, *Converter Peter Pan*, 66-67.

²¹⁰ Cf. Matteo, 70.

²¹¹ Matteo, 68.

canto das sereias, pois converteu-se num verdadeiro estimulante do ritmo de vida individual e social.²¹² Consequentemente, estamos diante uma sociedade composta por adultos que não estimulam os jovens a crescerem, pois, o seu único foco, interesse ou credo é a juventude e só conseguem testemunhar que «fora da juventude não há salvação», considerando que só a juventude é capaz de garantir a plena humanidade de cada um.²¹³ Ou como escreveu Michel Foucault «a saúde substitui a salvação».²¹⁴

O Papa Francisco no discurso dirigido aos participantes na Assembleia Geral dos membros da Pontifícia Academia para a Vida (05/10/2017)²¹⁵ explicitou o seguinte:

Parece que hoje a criatura humana se encontra numa particular passagem da sua história que, num contexto inédito, se depara com as antigas e sempre novas interrogações sobre o sentido da vida humana, acerca da sua origem e do seu destino. A característica emblemática desta passagem pode ser reconhecida, de modo resumido, no rápido difundir-se de uma cultura obcecadamente centrada na soberania do homem — quer como espécie, quer como indivíduo — em relação à realidade. Alguns chegam a falar de *egolatria*, ou seja, de um verdadeiro culto do ego, sobre cujo altar são sacrificadas todas as coisas, inclusive os afetos mais queridos. Esta perspectiva não é inócua: ela plasma um sujeito que se completa continuamente ao espelho, a ponto de se tornar incapaz de dirigir o olhar para os outros e para o mundo.

Impõe-se, deste modo, segundo Matteo, uma mudança no significado e valor da categoria de adulto, mudando «o sentido de se estar no mundo como ser humano»: um adulto voltado sobre si mesmo, narcisista, manipulador e ególatra, sem limites e a quem quase nada é proibido se munido de dinheiro; «sem mais nada *acima* e *além* de si próprio».²¹⁶

Esta soberania do Homem resulta dos avanços tecnológicos e digitais, da indústria farmacêutica e da medicina (que permitem a contenção da dor e sofrimento), do aumento da longevidade (que afasta a ideia de morte e acentua a ideia de mais tempo para o cuidado

²¹² Cf. Giuseppe Savagnone, *Evangelizar na pós-modernidade, instruções para uma navegação «à vista»*, trad. Manuel Mesquita (Porto: Edições Salesianas, 2005), 77-79.

²¹³ Cf. Matteo, *Trazer os jovens de volta à Missa*, 85.

²¹⁴ Michel Foucault, *O Nascimento da Clínica*, trad. Roberto Machado (Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977), 228.

²¹⁵ Francisco, «Discurso do Papa Francisco aos participantes na Assembleia Geral dos membros da Pontifícia Academia para a Vida» (05/10/2017), acedido a 19 de julho de 2024, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/october/documents/papa-francesco_20171005_assemblea-pav.html.

²¹⁶ Cf. Matteo, *Converter Peter Pan*, 46, 69, 90-91.

do corpo e outras atividades lúdicas), da valorização da higiene e saúde pessoal e social, de uma maior atenção e cuidado com a alimentação e recursos financeiros (melhorias económicas e aumento do bem-estar) e um maior investimento na educação (permitindo o desfazer de tabus e preconceitos). Além disso, a juventude deixa de ser uma etapa transitória no crescimento de um indivíduo e passa a apresentar-se como sentido da existência humana²¹⁷.

Com efeito, Teixeira alude ao surgimento de novas utopias que buscam o corpo e a saúde perfeitos, libertos de doenças e imperfeições. Este esforço do melhor *look* corporal e de bem-estar provoca um certo ritualismo, o surgimento de novos mediadores de sentido (médico, *personal trainers*, nutricionistas e outros terapeutas de medicinas alternativas) e a ‘sacralização’ da beleza e do prazer. O resultado desta demanda e exploração do corpo e da beleza não é uma “transcendência virtuosa”, mas a edificação à medida de indivíduos narcisistas. Teixeira reconhece que “se trata de um novo terrorismo científico sob o horizonte do dever do prazer”, pois não se procura um remédio, mas a “sobrenaturalização” – “o homem perfeito que estaria nas nossas origens”.²¹⁸

Neste sentido, Armando Matteo apresenta cinco características do adulto pós-moderno nas quais assenta a sua liberdade e unicidade: “um adulto sem transcendências” (o Homem é detentor da sua vida); “um adulto sem verdades” (caracteriza-se pela pluralidade de pertenças sociais; nenhuma confissão ideológica ou religiosa assume a primazia); “um adulto sem limites”(capacidade de superação; laboratório de experiências; a morte é assunto distante); “adulto sem moral” (a vida como bem de consumo; sentimento de prazer e de busca do prazer); e, “adulto sem política” (modelo tradicional da família desagrega-se; surgem novas formas de convivência menos reguladas, menor abertura ao seu semelhante, maior desestabilização com o digital – perda de privacidade); o adulto .²¹⁹

Efetivamente, já no seu ensaio *A primeira geração incrédula*, Armando Matteo indicava que com a alteração do significado e valor do ser adulto convertido ao mito da juventude “eterna”, a um juvenilismo despropositado segundo o lema “jovens para sempre e todos jovens a qualquer custo”, os adultos constroem «uma sociedade que rouba

²¹⁷ Cf. Matteo, 90.

²¹⁸ Cf. Teixeira, *Não sabemos já donde a luz mana*, 150-153.

²¹⁹ Cf. Matteo, *Converter Peter Pan*, 46-56.

avidamente espaços e tempos aos jovens» sem prestar atenção à sua condição ou desenvolvimento.²²⁰ Pelo que encontramos uma juventude com poucas oportunidades ao seu crescimento e ingresso na vida adulta: sem acesso ao trabalho que desejam, à habitação e apoios que almejam para constituir família e acesso a cargos de responsabilidade, os jovens estão destinados a ser “meninos da mamã” – aquilo que Matteo recorda como uma espécie de vingança dos adultos, pois os jovens «só pela sua presença, recordam aquilo que os adultos gostariam de esquecer a todo o custo: o passar do tempo, a aproximação da doença, a hora inexorável da despedida desta vida».²²¹

Portanto, estamos diante de uma “revolução copernicana das idades da vida” – do sentido da vida: se há quatro décadas era a idade adulta o centro pelo qual provinha o sentido do mundo, hoje o lugar é ocupado pela juventude.²²² Com efeito, o Papa Francisco plasmou esta revolução no número 182 da exortação pós-sinodal *Christus Vivit* evidenciando atualmente:

Uma adoração da juventude, como se tudo o que não é jovem aparecesse detestável e caduco. O corpo jovem torna-se o símbolo deste novo culto e, conseqüentemente, tudo o que tenha a ver com este corpo é idolatrado e desejado sem limites, enquanto o que não for jovem é olhado com desprezo. Mas é uma arma que acaba por degradar os jovens, esvaziando-os de valores reais e utilizando-os para obter benefícios individuais, económicos ou políticos (*Christus vivit*, 182).

Assim, deparamo-nos com adultos e jovens esvaziados de si mesmos e cada vez mais opostos aquilo que deveriam ser nas diferentes etapas de vida. Os adultos, por força da máquina económico e cultural vigente, minam o seu papel de cuidadores e educadores dos mais novos seja a nível do crescimento e amadurecimento humano, seja na transmissão dos valores e instrução religiosa, impossibilitando os jovens de crescer (de se tornarem adultos) e adultos crentes.²²³ Parafrazeando o Papa Francisco, “os adultos erradicam com frequência os jovens, arrancam-lhes as respectivas raízes em vez de os ajudar a ser profetas pelo bem da sociedade”²²⁴. Teixeira indica que este desenraizamento provoca a erosão da identidade individual e coletiva, bem como, fragiliza os sistemas de

²²⁰ Cf. Matteo, *A primeira geração incrédula. A difícil relação entre os jovens e a fé* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), 24-25.

²²¹ Matteo, *A primeira geração incrédula*, 25-26.

²²² Cf. Mateo, *Converter Peter Pan*, 92.

²²³ Cf. Matteo, *Trazer os jovens de volta à Missa*, 42.

²²⁴ Francisco, *Deus é jovem, Uma conversa com Thomas Leoncini*, trad. Ana Silva (Lisboa: Grupo Planeta, 2018), 33.

crença e de pertença.²²⁵ Compreende-se, pois que a verdadeira crise é uma crise de maturidade nos adultos.

Precisamente, como recorda José Pereira Coutinho, a conjugação de fatores como o consumo (o lazer; as redes sociais que apesar de servirem para unir o que está longe e possibilitar o relacionamento com diferentes pessoas sem esforço ou compromisso, pelo consumismo e imediatismo, tendem a agravar o egocentrismo e a desconectar do convívio e socialização), liberdade, prazer, educação e experimentação (família), associados à diminuição gradativa das famílias tradicionais conduz ao afastamento das instituições religiosas, das suas normas e práticas, à interrupção da transmissão religiosa aos mais jovens, quebrando as «linhagens crentes».²²⁶

Ademais, desde tenra idade que desejamos fazer o que vemos os outros a realizar; é natural o nosso desejo de participar, faz parte da nossa identidade. Somos resultado da cultura que nos recebe e para a qual contribuímos, pelo que na sociedade assumimos um papel e lugar social e dela adquirimos os meios necessários para a nossa dignidade. Porém, Souto Coelho aponta:

Uma das dificuldades mais graves de um jovem é quando ele não vê luz em relação ao seu presente nem ao seu futuro. [...] O papel social faz parte do mapa da juventude, da conquista da identidade de cada jovem. A pessoa que não participa vai sentir-se inútil e acabará não fazendo parte.²²⁷

Deste modo, precisamos de objetivos, de adultos, de famílias (pais, mães, avós), da escola, da Igreja; precisamos de testemunhas que nos transmitam valores, o fio condutor da vida. Por isso, a Igreja deverá saber encontrar uma palavra, uma linguagem tanto para os adultos como para os jovens de hoje, de modo que cada qual seja o que deve ser. Para transmitir a sua narrativa, a Igreja deverá integrar, “as pequenas narrativas que constituem a vida dos indivíduos”.²²⁸

²²⁵ Teixeira, *Não sabemos já donde a luz mana*, 87.

²²⁶ Cf. José Coutinho, «Religiosidade da Juventude Portuguesa: evolução recente e comparação com o restante da população», *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 34, nº 101 (2019): 12; Coutinho, *Religião em Portugal*, 332. O sociólogo expõe, ainda, em ambiente marcadamente católicos como o português, poderá haver no seio familiar alguém próximo como os avós que mantêm as crenças e práticas junto dos jovens, atenuando a rutura da transmissão da fé.

²²⁷ José Coelho, *Os jovens, a conquista da identidade*, (Prior Velho: Paulinas Editora, 2023), 43.

²²⁸ Cf. Teixeira, *Não sabemos já donde a luz mana*, 53.

Com efeito, Matteo enuncia que os jovens já não recebem razões sobre a pertinência da fé, não sabem por que razão devem crer ou rezar – fala mesmo em analfabetismo cristão. “Ninguém os ajudou a desenvolver, no seu coração, antenas para Deus” afirma Matteo.²²⁹ Estamos diante de uma rutura intergeracional na transmissão da fé a partir da qual hoje surgem sinais de grande indiferença com o cristianismo. Hoje, e parafraseando Matteo, “nascer e tornar-se cristão são duas coisas diferentes”.²³⁰

De facto, no já referido discurso de Natal de 2019 à Cúria romana²³¹, o Papa Francisco observa:

Nas grandes cidades, precisamos de outros «mapas», outros paradigmas, que nos ajudem a situar novamente os nossos modos de pensar e as nossas atitudes: já não estamos, irmãos e irmãs, na cristandade! Hoje, já não somos os únicos que produzem cultura, nem os primeiros nem os mais ouvidos. Por isso precisamos duma mudança de mentalidade pastoral, o que não significa passar para uma pastoral relativista. Já não estamos num regime de cristandade, porque a fé – especialmente na Europa, mas também em grande parte do Ocidente – já não constitui um pressuposto óbvio da vida habitual; na verdade, muitas vezes é negada, depreciada, marginalizada e ridicularizada.»

Se a transmissão da fé nas comunidades cristãs até à década de oitenta do século XX era uma questão primária da família na qual nascer e tornar-se cristão era algo natural, verificamos que nas últimas quatro décadas aos jovens (Geração Y, Geração Z e Geração Alpha) começam a faltar a narrativa e o testemunho da fé, o hábito da oração e a vivência comunitária, bem como, o sentido da transcendência.²³² Por isso, Matteo declara que estamos diante «uma geração que não se põe contra Deus nem contra a Igreja, mas uma geração que está a aprender a viver sem Deus e sem a Igreja». ²³³ É manifesto o crescente desinteresse pelo cristianismo (cada vez mais visível na ignorância pela cultura doutrinal e bíblica, pelo abandono da prática dominical e da catequese ou da fuga pós-crisma) – os jovens deixam de ter antenas para Deus, para a fé e para a Igreja, conclui Matteo.²³⁴

²²⁹ Matteo, *A primeira geração incrédula*, 36.

²³⁰ Matteo, 35.

²³¹ Francisco, *Discurso do Papa Francisco à Cúria romana na apresentação de votos natalícios* (21/XII/2019), acedido a 19 de julho de 2024, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/december/documents/papa-francesco_20191221_curia-romana.html#_ftn9

²³² Cf. Matteo, *A primeira geração incrédula*, 34, 47.

²³³ Matteo, 33. Cf. Matteo, *Trazer os jovens de volta à Missa*, 60-61.

²³⁴ Matteo, *A primeira geração incrédula*, 31-32. O teólogo fundamenta-se num artigo de Walter Kasper (*Introduzione alla fede*, Bréscia, Queriniana, 1985, p.32) no qual se pode ler: «Cada um de nós já encontrou

Portanto, a comunicação da fé não se reduz à transmissão de uma mensagem ou como simples reprodução, pelo contrário, deve ser entendida como uma proposição que exige consonância entre linguagem e estilo de vida, entre o que é anunciado e a expressão concreta de o viver.²³⁵

3.2 A urgente mudança de mentalidade pastoral

Julgamos agora oportuno apresentar o número 70 da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG) do Papa Francisco:

Não podemos ignorar que, nas últimas décadas, se produziu uma ruptura na transmissão geracional da fé cristã no povo católico. É inegável que muitos se sentem desiludidos e deixam de se identificar com a tradição católica, que cresceu o número de pais que não batizam os seus filhos nem os ensinam a rezar, e que há um certo êxodo para outras comunidades de fé. Algumas causas desta ruptura são a falta de espaços de diálogo familiar, a influência dos meios de comunicação, o subjectivismo relativista, o consumismo desenfreado que o mercado incentiva, a falta de cuidado pastoral pelos mais pobres, a inexistência dum acolhimento cordial nas nossas instituições, e a dificuldade que sentimos em recriar a adesão mística da fé num cenário religioso pluralista.

Tendo por base que hoje é mais difícil, e que tendencialmente diminuem os indivíduos e famílias que se organizam para este processo de transmissão da fé, o evangelho e/ou substrato cristão, podemos concordar com a quebra geracional da transmissão da fé, bem como, dizer como o Papa Francisco que a cristandade terminou. No presente, ao nascer não estamos perante uma criança, jovem e depois adulto espontaneamente cristão. «A fé já não é uma opção hereditária, mas uma decisão que deve ser preparada e promovida» observa Matteo.²³⁶

Consequentemente, a Igreja católica e o universo adulto e dos jovens do ocidente distanciaram-se. A questão que se coloca é a seguinte: que passos deve dar a comunidade

homens que parecem carecer de todas as antenas, quando falamos de Deus. Talvez seja uma das mais graves provas do crente na situação atual, sobretudo para aqueles que estão incumbidos do anúncio da fé, o facto de que haja um número crescente de homens que mesmo sem fé em Deus, se sentem completos e felizes. Aparentemente, não lhes falta nada daquilo que a fé lhes possa dar. Pelo menos nas formas e nas fórmulas, mediante as quais se articula a fé segundo a Igreja. Ela já não encontra correspondência com os seus problemas e experiências». Cf. Matteo, *A primeira geração incrédula*, 120.

²³⁵ Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé*, 39 e 147.

²³⁶ Matteo, *A primeira geração incrédula*, 63.

dos crentes para que a Igreja e o mundo contemporâneo de adultos se reaproxime? Que passos dar para falar aos jovens de hoje e não hipotecar o futuro da Igreja no mundo ocidental? Primeiro, aceitar que as categorias adultos e jovens mudaram. Segundo, acompanhar o desafio do Papa Francisco e promover a conversão da mentalidade pastoral – pensar de novo o Cristianismo. E isto não passa pela atitude de gatopardismo: nem mudar tudo, para que tudo fique igual, nem fingir mudar alguma coisa para nada mudar!²³⁷ Se tudo mudou, a sociedade ocidental, a família, a escola, etc., a Igreja deverá também adaptar a sua linguagem e estratégias.

Por isso, Eduardo Duque afirma que a Igreja do presente não pode ficar agarrada a saudosismos ou nostalgias de outros tempos, porém deve cooperar com todas as ciências e realizar o seu trabalho à luz de toda a sociedade sem temer a aceleração dos tempos ou atacar a liberdade de comportamentos. Reconhecendo que à Igreja faltam estruturas com processos inteligentes e humildes, propõe que a Igreja seja mais aberta e siga o caminho do diálogo com a ciência, uma igreja que ama a verdade da pessoa, compreendendo que o amor ao próximo é central no cristianismo – o cristão é chamado a fazer a experiência da bondade de Deus, a partilhar um novo modo de falar de Deus e a retomar a dimensão da mística cristã encarnada na realidade.²³⁸

Segundo Matteo, partindo da ideia de laboratórios da fé do Papa São João Paulo II, as comunidades paroquiais e seus grupos ou movimentos deverão tornar-se lugares de aprendizagem e de gestão da fé, da oração e de encontro com Jesus e com o Evangelho, lugares de liberdade e de interrogação, lugares de seguimento.²³⁹ De igual modo, frente à fluidez nos modos de crer das culturas juvenis e à rápida mutação no processo de busca de sentido para a vida e realização pessoal e social dos jovens fora das comunidades e instituições, Teresa Messias salienta que os desafios que se colocam às comunidades para possibilitarem uma experiência de fé autónoma, individual e comunitária são: proporcionar oportunidades e criar condições que possibilitam uma experiência espiritual pessoal através da oração e contato pessoal com Deus, companheiro e protetor, e consigo próprios (isto requer acompanhamento e discernimento); relacionar os conteúdos da fé com uma experiência prática e viva de Deus.²⁴⁰

²³⁷ Cf. Matteo, *Converter Peter Pan*, 72-73. Cf. ainda Matteo, *A primeira geração incrédula*, 26-27.

²³⁸ Cf. Duque, *Valores e Religiosidade em Portugal. Comportamentos e atitudes geracionais* 35-41.

²³⁹ Cf. Matteo, *A primeira geração incrédula*, 62.

²⁴⁰ Cf. Messias, «Espiritualidade cristã e identidade crente nas Culturas Juvenis», 126.

Todavia, segundo o teólogo Matteo, o que se pede à Igreja não é aumentar ou diminuir exigências ou limites para a admissão de crentes, mas sim comunicar a novidade cristã aos jovens incrédulos pós-modernos introduzindo-os à intimidade com Jesus a partir da leitura da Bíblia (para e com os jovens), apresentando-a como elemento predicativo da vida cristã, procurando a partir dela ler a vida, pois será a partir da Palavra que brotará a fé, enquanto experiência mistagógica e resposta livre ao mandamento do amor a Deus e ao próximo, e a garantia de um futuro possível a partir do testemunho apaixonado do Reino de Deus pela comunidade crente.²⁴¹

Com efeito, António Spadaro reconhece nas palavras do Papa Francisco uma urgente necessidade de mudança e reforma interior da Igreja e cita um discurso de 11 de março de 2000 dirigido a catequistas da diocese de Buenos Aires do Papa Francisco, na altura ainda arcebispo de Buenos Aires: «Os tempos apertam. [...] Não temos o direito de ficar tranquilos e a amar-nos a nós mesmos. [...] Devemos sair a contar que desde há dois mil anos, há um homem que quis reeditar o paraíso terrestre».²⁴²

Ou, ainda, igual urgência se reflete no diálogo com jovens argentinos durante a Jornada Mundial da Juventude em 2013: «Quero que vos façais ouvir nas dioceses, quero que se saia para a rua, quero que a Igreja saia para as ruas, quero que nos defendamos de tudo o que é mundanidade, imobilismo, [...] de tudo o que é estarmos fechados em nós próprios».²⁴³

Deixar de ser uma Igreja que acolhe e recebe, para uma Igreja em saída e que vai ao encontro dos que não a frequentam ou são indiferentes. Neste sentido, Giuseppe Savagnone indica que a igreja na sua ação pastoral deverá encarnar um “estilo de abertura à autenticidade das pessoas, na sua misteriosa e irrepetível individualidade”, de modo a desenvolver o verdadeiro “sentido da experiência cristã: aprender a ter ‘um eu perante Deus’”²⁴⁴ – a reconhecer a sua identidade diante do Verbo/ Palavra que nos criou, transforma, e acolhe todas as diversidades com amor.²⁴⁵

²⁴¹ Cf. Matteo, *A primeira geração incrédula*, 14, 94-98.

²⁴² Papa Francisco, Encontro com os catequistas da diocese de Buenos Aires (11.03.2000) cit. apud. António Spadaro, *O Sonho do Papa Francisco, os jovens no coração da Igreja*, trad. António Rocha (Prior Velho: Paulinas Editora, 2014), 83.

²⁴³ Cf. Papa Francisco, *Encontro com os jovens argentinos, Palavras do Santo Padre* (25.07.2013) cit. apud. Spadaro, *O Sonho do Papa Francisco*, 82.

²⁴⁴ Cf. Giuseppe Savagnone, *Evangelizar na pós-modernidade, instruções para uma navegação «à vista»*, trad. Manuel Mesquita (Porto: Edições Salesianas, 2005), 55, 57.

²⁴⁵ Cf. Savagnone, 100.

Por isso, Matteo recorda os alertas que os Papas João Paulo II, Bento XVI e Francisco vêm realizando nas homilias e discursos dirigidos aos jovens, apresentando as características de mudança necessárias na comunidade de crentes:

Comunicar uma fé jovem, redescobrir a alegria do anúncio, manifestar uma profunda inspiração bíblica, derrubar as barreiras do sagrado e testemunhar uma proximidade mais direta, fixar por fim, sempre e de novo, o rosto daquele Jesus que nunca erra o alvo na estigmatização daquilo que torna pesada e embrutecida a experiência humana e na indicação daquilo que, pelo contrário, a torna mais leve e orientada para a sua beleza original.²⁴⁶

Para cumprir com esta mudança de mentalidade e ação pastoral, é eloquente a imagem proposta pelo teólogo Matteo - “fazer dieta”: «A Igreja precisa de um tempo de dieta».²⁴⁷ Trata-se de priorizar os interesses e destinatários da missão evangelizadora; pensar o modelo de fé e de cristão que queremos propor; refletir sobre os leigos, animadores e agentes pastorais que temos, o seu papel e o rosto de Deus e imagem de igreja que transmitem; bem como, redefinir a organização territorial/paroquial e suas estruturas que por vezes sufoca e assusta quem chamamos ou está em busca de algo. Efetivamente, sobre este último aspeto, Matteo indica que, para além da história da salvação, hoje, devemos falar da “geografia da salvação”, isto é, encontrar ou criar espaços de encontro com e entre os jovens a nível paroquial ou interparoquial, espaços com recursos que permitam atividades diversas como o voluntariado, teatro, o apoio ao estudo ou outras atividades; centros juvenis; espaços de hospitalidade e acolhimento a jovens deslocados como os universitários; enfim, questionar onde e como falar aos jovens? quem e com que projetos? “Fazer dieta” aponta, ainda, para o excesso do peso da missa na pastoral, da catequese que não corresponde às atuais necessidades e para a coragem de abandonar atividades, rituais e práticas que não cativam, mantendo práticas e estruturas que sejam funcionais, bem como, um atento cuidado nas relações político-institucionais, atenção e severidade no controlo e punição de erros dos membros que mancham a imagem da Igreja.²⁴⁸

Contudo, Mateo adverte, ainda, que aqueles que a comunidade cristã sente falta e que designa por crentes não-praticantes ou católicos anónimos – aqueles que deixaram de frequentar a vida da comunidade e que agudizam o sinal das igrejas semivazias como

²⁴⁶ Matteo, *A primeira geração incrédula*, 94.

²⁴⁷ Matteo, 15, 101-105. Cf. Matteo, *Converter Peter Pan*, 139-140.

²⁴⁸ Cf. Matteo, *A primeira geração incrédula*, 101-105; Matteo, *Converter Peter Pan*, 139-140.

apontou Tomás Halík – «tornaram-se, na realidade, autênticos “adoradores da juventude”», são eles também os destinatários da nova etapa de evangelização desafiada pelo Papa Francisco na exortação *Evangelii Gaudium*, devendo a comunidade cristã reconhecer que o tempo da “cristandade” já findou e urge uma nova atitude mental e pastoral.²⁴⁹

Consequentemente, o teólogo fala ainda da transformação da ação pastoral como uma passagem do tempo cronológico para o tempo “kairológico” (tempo de Deus, momento oportuno), ou seja, passar de uma pastoral e vida cristã feita de etapas, sacramentos, ritmos precisos e de uma igreja à imagem de estação de serviços para uma igreja de tempo oportuno, em movimento, que vai ao encontro da primeira geração incrédula/ de todos²⁵⁰ (crentes, crentes não-praticantes, ateus, buscadores de Deus, indiferentes, “reprincipiantes”), que promove ocasiões para que Deus atue em todos e onde todos sintam que têm lugar, seja através de iniciativas personalizadas de modo que cada um possa aferir a sua relação com Deus mais do que fixar-se em questões morais ou doutrinárias, seja na adaptação das paróquias e movimentos a estilos de centros de vida cristã como a comunidade de Taizé²⁵¹ com recurso à meditação bíblica, a orações simples e personalizáveis, ao silêncio e momentos de contemplação, à música e ao canto, à alegre pregação, acompanhamento espiritual e beleza dos gestos litúrgicos. «Portanto, uma aliança renovada entre a dimensão familiar-paroquial e monástico-contemplativa da presença cristã na sociedade».²⁵² Taizé constituiu-se, afirma Hervieu-Léger, «uma ação

²⁴⁹ Cf. Matteo, *Converter Peter Pan*, 62, 76, 81, 84-85.

²⁵⁰ Cf. Matteo, 130. “Onde há vida há movimento, onde há movimento há mudanças, procura, incertezas, há esperança, há alegria, e há também angústia e desolação” diz o Papa Francisco e ainda “se quisermos dialogar com um jovem devemos ser móveis”. Devemos acompanhá-lo em movimento e depois será ele a tomar a decisão de abrandar o passo para nos escutar. De facto, deseja-se uma igreja em movimento, em saída, que acelere o passo para que possamos escutar e acolher os jovens que querem ser ouvidos. Cf. Francisco, *Deus é jovem*, 22. 29 e 31.

²⁵¹ Comunidade fundada pelo irmão Roger em 1940 na aldeia de Taizé na Borgonha, França, em plena segunda guerra mundial com o propósito de concretizar todos os dias a reconciliação entre cristãos. Em 1949 os primeiros sete irmãos juntam-se ao irmão Roger e rapidamente o número de jovens a participar na comunidade aumentou. Vêm jovens do mundo inteiro para participar nos encontros semanais, meditando o tema “vida interior e solidariedades humanas”. Buscam um sentido para a sua vida e assumindo responsabilidades onde são chamados a viver. Para ajudar as jovens gerações, organizam uma “peregrinação de confiança sobre a terra” para estimular os jovens a ser “portadores de paz, de reconciliação e de confiança nas suas cidades, nas suas universidades, nos seus locais de trabalho, nas suas paróquias e isto em comunhão com todas as gerações. Cf. Oliver Clément, *Taizé um sentido para a vida*, traduzido por Maria Saint-Maurice (Lisboa: Paulus Editora, 2007), 66-67.

²⁵² Matteo, *A primeira geração incrédula*, 109 (cf. 105-109).

extremamente elaborada de (re)construção experimental da identidade cristã [...] a partir dos valores partilhados pelos jovens» e pelas culturas juvenis.²⁵³

Na verdade, Olivier Clément defende igualmente que, no ocidente, o cristianismo contemporâneo deverá valorizar mais a experiência espiritual e a vida mística, deverá redescobrir o sentido da interioridade, do mistério e a alegria de viver o essencial que permita o crente abrir-se ao mundo de forma criadora.²⁵⁴ É isto que se articula no tema dos encontros de Taizé “vida interior e solidariedades humanas”. Para Clément a oração não nos retira/aliena do mundo, mas antes aumenta a nossa responsabilidade, pelo que, afirma o teólogo «o mundo não precisa de cristãos lamurientos, mas sim de cristãos criadores» e «capazes de modificar suavemente, por osmose, os fundamentos da cultura e da sociedade».²⁵⁵

Deus está para lá de todos os conceitos e imagens. Então o Deus vivo pode revelar-se no mistério de Cristo como Deus incarnado, crucificado e ressuscitado que nos ressuscita para a nossa interioridade. Temos de definir hoje uma espiritualidade profunda que possa ao mesmo tempo irrigar a sociedade e a cultura. Daí a importância de uma liturgia, de uma vida de oração como aquela que é vivida e transmitida em Taizé.²⁵⁶

De facto, e ainda sobre o tema da pastoral em movimento único e em tempo oportuno, Giuseppe Savagnone, fala que há um “hoje de Deus”, no qual cada um de nós é chamado a viver e refere que o estilo de Jesus nos convida a viver a relação com Deus e com os irmãos na simplicidade do momento sem cálculos ou antecipações, isto é, abdicando adicionar à realidade presente “lamentos do passado” ou “ansiedade do futuro”.²⁵⁷

Efetivamente, esta “revolução” pastoral desenvolve-se em dois movimentos: o primeiro, *ad intra*, numa reestruturação interna do modo de agir da Igreja, passando do modelo da geração da fé família-escola para o modelo da comunidade que assume a missão de geradora da fé, o que implica simplicidade e criatividade, maior peso dos leigos e menos clericalismo; o segundo, *ad extra*, a resposta educativa aos jovens frente a cada contexto socioeconómico e cultural.²⁵⁸

²⁵³ Danièle Hervieu-Léger, *O Peregrino e o convertido: a religião em movimento*, trad. João Batista Kreuch (Petrópolis RJ: Editora Vozes, 2008), 97. Cf. Teixeira, *Não sabemos já donde a luz mana*, 62.

²⁵⁴ Cf. Clément, *Taizé um sentido para a vida*, 38.

²⁵⁵ Clément, 39 e 53.

²⁵⁶ Clément, 37.

²⁵⁷ Giuseppe Savagnone, *Evangelizar na pós-modernidade*, 45-46.

²⁵⁸ Cf. Matteo, *A primeira geração incrédula*, 114-115.

Enfatizamos por fim, se a mentalidade pastoral que herdamos do tempo da cristandade, que era uma pastoral do acompanhamento, manutenção e da consolação face às dificuldades, sofrimentos e traumas da vida (durante muito tempo era uma esperança de vida curta), ainda vigora no *habitus* paroquial contemporâneo, e, tendo em conta que o tempo da cristandade findou, urge imaginar o cristianismo (e a Igreja) de novo.

Neste sentido, a partir da opção de Francisco e da leitura do mundo social pós-moderno que afeta a Europa e todo o Ocidente, Armando Matteo faz-nos questionar sobre o que queremos oferecer ao mundo dos jovens e adultos de hoje; faz-nos questionar sobre com que imagem de Igreja queremos ir ao seu encontro. Por isso, à Igreja da consolação, apresenta-nos como resposta alternativa um cristianismo (e Igreja) marcado pela alegria e pela mansidão (uma das qualidades que Jesus atribui a si próprio – «Vinde a mim... e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração», Mt 11, 28-29) proclamada nas bem-aventuranças para herdar a terra (precisamente o objetivo de quem se converte ao mito da juventude). Hoje não se quer mais um cristianismo reduzido a “nãos” e prescrições (como os mandamentos da Igreja católica²⁵⁹), mas um cristianismo dos “felizes” que resulta dum equilíbrio e serenidade interior provenientes da prática do amor (Mt 5, 3ss e Lc 6, 20ss).²⁶⁰

Para fundamentar este cristianismo da mansidão²⁶¹ como resposta da igreja à mudança epocal e mudança da mentalidade pastoral para uma efetiva transmissão da fé, Matteo parte do olhar de Jesus. Cita o relato do chamamento do evangelista Mateus (Mt 9,9) e do jovem rico (Mc 10, 17-22) para evidenciar como o olhar de Jesus é um olhar de acolhimento, de amor e de restituição à verdade. Em Mateus, Jesus não viu o ofício e o significado de traição ao seu povo, viu o homem e restitui-lhe a possibilidade de mudança, conversão e liberdade. Com o jovem rico, Jesus fita o olhar e ama-o e fez o mesmo convite de seguimento feito a Mateus, porém não é correspondido. Citando Carlo Mazzanti a partir de um texto de Norberto Bobbio, referindo que a mansidão é a “única ‘potência’ suprema [...] que consiste ‘em deixar o outro ser aquilo que é’”, Matteo salienta, que

²⁵⁹ Os mandamentos da Igreja católica são: 1. Participar da missa inteira nos domingos e outras festas de guarda e abster-se de ocupações de trabalho; 2. Confessar-se ao menos uma vez por ano; 3. Receber o sacramento da Eucaristia ao menos pela Páscoa da ressurreição; 4. Jejuar e abster-se de carne; 5. Ajudar a Igreja em suas necessidades.

²⁶⁰ Cf. Giuseppe Savagnone, *Evangelizar na pós-modernidade*, 69-70.

²⁶¹ Savagnone fala de estilo pastoral contemplativo: cf. Giuseppe Savagnone, *Evangelizar na pós-modernidade*, 131-132.

mansidão equivale a maturidade.²⁶² Ainda a partir do exemplo do olhar de Jesus para a viúva de Naim que chora a morte do filho (Lc 7, 11-17), salienta-se a misericórdia e compaixão ativa de Jesus; e no exemplo dos amigos do paralisado que o fazem descer pelo telhado da casa (Lc 5, 17-26), Jesus atraído pela fé daqueles homens revela que mansidão significa também responsabilidade, participação no destino dos outros e sinodalidade, pois procura fazer caminho com o outro – em conjunto.²⁶³

Consequentemente, Matteo afirma que o mundo precisa de adultos que vivam da mansidão e que estejam disponíveis para desenvolver em si o caráter samaritano (e para se encontrarem fraternalmente uns com os outros e juntos desenvolver um futuro melhor) que o Papa Francisco aponta no segundo capítulo da Encíclica *Fratelli Tutti*, atitudes que tornam possível o exercício da liberdade e do sentimento de unicidade que liberta do mito do juvenilismo.²⁶⁴

Teixeira considera que o religioso hoje vive-se no movimento; fala de uma religiosidade modular que depende dos modos de vida que orientam o percurso de cada indivíduo ou crente. Os percursos individuais crentes são cada vez mais fluidos, de construção autobiográfica, isto é, subjetivos e de associação temporária. A objetividade da sua experiência crente pode ser desenvolvida inserido numa comunidade – a qual é o lugar onde o indivíduo se identifica como crente com outros crentes.²⁶⁵

Deste modo, a socióloga Danièle Hervieu-Léger apresenta como figura desta religiosidade em movimento (modular) – o peregrino.²⁶⁶ Um indivíduo que constrói a sua biografia/ narrativa, atribuindo significações à sua própria experiência e ajustando as suas crenças aos dados da sua experiência (bricolagem): a «religiosidade peregrina individual, portanto, se caracteriza, antes de tudo, pela fluidez dos conteúdos de crença que elabora, ao mesmo tempo que pela incerteza das pertenças comunitárias às quais pode dar lugar».²⁶⁷ E, por sua vez, Teixeira indica que esta prática religiosa modulada, em movimento, depende mais dos ritmos e itinerários pessoais de cada um do que das referências institucionais.²⁶⁸

²⁶² Cf. Matteo, *Converter Peter Pan*, 108.

²⁶³ Cf. Matteo, 111.

²⁶⁴ Cf. Matteo, 128-129.

²⁶⁵ Teixeira, *Não sabemos já donde a luz mana*, 59-60.

²⁶⁶ Cf. Hervieu-Léger, *O Peregrino e o convertido*, 89.

²⁶⁷ Hervieu-Léger, 89-90.

²⁶⁸ Cf. Teixeira, *Não sabemos já donde a luz mana*, 64.

No discurso do Papa Francisco aos universitários durante a Jornada Mundial da Juventude, que aqui já referenciamos, ele explica:

Na imagem do “peregrino”, espelha-se a conduta humana, pois todos somos chamados a confrontar-nos com grandes interrogativos [...] que não tem uma resposta simplista ou imediata, mas convidam a realizar uma viagem, superando-se a si mesmo, indo mais além.²⁶⁹

O Papa Francisco sonha com uma Igreja em saída, ao encontro dos mais frágeis e esquecidos, pois é aí que encontraremos Jesus e a encarnação do seu Evangelho. Por isso, o Papa desafia a “procurar e arriscar”, a tornar credível a fé através das nossas decisões e ações de modo que o nosso estilo de vida crente seja convincente; desafia os jovens a serem “protagonistas de uma nova ‘coreografia’ que coloque no centro a pessoa humana” e acrescenta “coreógrafos da dança da vida” – protagonistas da mudança.²⁷⁰ Ficar no casulo sentindo-nos seguros é uma tentação que distorce o sentido da vida: o grão de trigo para dar fruto deve ser lançado na terra, caso contrário, é estéril. Neste sentido, há que sair e lutar, procurar e trabalhar por uma sociedade mais justa, inclusiva e desenvolvida: “Peço-vos que também vós sejais protagonistas desta mudança [...] Peço-vos que sejais construtores do futuro [...], sede lutadores pelo bem comum, sede servidores dos pobres, sede protagonistas da revolução da caridade e do serviço, capazes de resistir às patologias do individualismo consumista e individual” (*Christus Vivit* 174).

De outro modo, Matteo apresenta o significado de fé e do perfil do crente: a fé é participar no modo olhar de Jesus, isto é, *ver com os olhos de Jesus, olhar como Jesus olha*; e o crente é aquele que olha o mundo e o tudo o que o rodeia como Jesus e por esse olhar dirige a sua vida como quem a todo o momento questione ‘o que faria Jesus nesta situação?’.²⁷¹ Isto também nos recorda o Papa Francisco no n.º 18 da Carta Encíclica *Lumen Fidei*. Além disso, o Papa Francisco, lembra a lógica da fé centra-se em Cristo e no amor de Deus revelado em Jesus – um amor que nos procede, que transforma a partir de dentro, que age em nós e connosco, um amor sobre o qual podemos apoiar-nos para construir a nossa vida; neste amor o crente reconhece o fundamento da sua realidade e futuro (cf. *Lumen fidei* 4, 15, 20). Consequentemente, o Papa Francisco no n. 21 da *Lumen fidei* esclarece:

²⁶⁹ Francisco, *Todos todos, todos, JMJ Lisboa 2023, Discursos e homilias*, 24.

²⁷⁰ Cf. Francisco, 25-26.

²⁷¹ Matteo, *Trazer os jovens de volta à Missa*, 90.

Podemos assim compreender a novidade, a que a fé nos conduz. O crente é transformado pelo Amor, ao qual se abriu na fé; e, na sua abertura a este Amor que lhe é oferecido, a sua existência dilata-se para além dele próprio. [...] Na fé, o «eu» do crente dilata-se para ser habitado por um Outro, para viver num Outro, e assim a sua vida amplia-se no Amor. É aqui que se situa a acção própria do Espírito Santo: o cristão pode ter os olhos de Jesus, os seus sentimentos, a sua predisposição filial, porque é feito participante do seu Amor, que é o Espírito; é neste Amor que se recebe, de algum modo, a visão própria de Jesus (*Lumen fidei* 21).

Deste modo, embrenhado no olhar de Jesus e habitado pelo Amor (um amor que nos ama primeiro, que nos precede), o crente experimenta uma expansão de si mesmo para além do próprio eu, como se esquecesse de si mesmo para cuidar dos outros. O crente, procurando ser fiel a si próprio e a melhor versão de si, abre-se à dimensão do “Totalmente Outro”, transcende-se, vai além do que se julga capaz e ultrapassa os seus limites, desejos individualistas e receios.²⁷² Ora, como expressa o Papa Francisco no discurso com os jovens universitários na quinta feira, 3 de agosto de 2023, em Lisboa, «estamos em caminhando “para”. Somos chamados a algo mais, a uma descolagem sem a qual não há voo».²⁷³ Ou, ainda, como expõe Giuseppe Savignone, “o homem tem necessidade, para se realizar, de se transcender incessantemente para a alteridade, para valores, pessoas, finalidades, que não sejam ele mesmo e o seu bem-estar”.²⁷⁴

Por isso, Matteo apresenta como foco a expressão “recorda-te de amar”, pois “é a realização da progressiva aprendizagem de ver o mundo com os olhos de Jesus que define a figura específica do cristão”.²⁷⁵

Em suma, Matteo propõe como alternativa o cristianismo da mansidão – um cristianismo que favoreça o encontro com Jesus, um cristianismo que nos faça apaixonar por Jesus Cristo; um cristianismo que favoreça a fraternidade e tenha a *parrésia*²⁷⁶, a coragem, fervor e ousadia de denunciar uma economia e interesses consumistas, capaz de enfrentar a cultura do descarte e que defenda a causa da nossa “casa comum” que é o

²⁷² Cf. Giuseppe Savignone, *Evangelizar na pós-modernidade*, 62.

²⁷³ Francisco, «Discurso do Santo Padre, Encontro com os jovens universitários, quinta-feira, 3 de agosto de 2023, Mosteiro dos Jerónimos, Lisboa, em Francisco, *Todos, Todos, Todos! Discursos e Homilias. JMJ Lisboa 2023* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2023), 25.

²⁷⁴ Giuseppe Savignone, *Evangelizar na pós-modernidade*, 71.

²⁷⁵ Matteo, *Trazer os jovens de volta à Missa*, 93.

²⁷⁶ Faço recurso das palavras do Papa Francisco na definição de *parrésia* para intensificar o cristianismo e perfil de cristão que o Papa Francisco deseja – um Cristianismo e cristão reconhecidos “em função da coragem, do fervor da nossa atitude”. Cf. Francisco, *Deus é jovem*, 29 e 31.

planeta; um cristianismo que saiba retornar ao olhar de Jesus e transmitir esse olhar a todos; um cristianismo e Igreja que fala de um sentido de vida baseado na proximidade e cuidado à imagem de Jesus e do Evangelho.²⁷⁷ Somente deste modo podemos suprir a cisão entre fé e experiência e reimplantar o cristianismo (e igreja) doméstico.

É esta a pastoral de que nós precisamos, a *pastoral da encruzilhada*: agir de tal modo que cada gesto dos cristãos, individualmente ou em conjunto, se torne ocasião, para qualquer um, de se encontrar com o Ressuscitado e de se enamorar dele, recebendo a graça de [...] despojar-se de *Peter Pan* e renascer como bom samaritano.²⁷⁸

O cristianismo (ou a Igreja católica) não pode ter a pretensão de mudar o mundo inteiro ou regular as sociedades, se não compreender que a sua missão é converter ou transformar indivíduos movidos pelo divino.²⁷⁹

3.3 A Exortação Apostólica *Christus vivit* e a Pastoral Juvenil

O ato da convocação da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (Roma, 3-28 de outubro de 2018) com o tema “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional” faz parte deste momento oportuno da Igreja de se repensar e ir apressadamente ao encontro dos jovens para os escutar e depois caminhar em conjunto? Qual o pensamento de Francisco na exortação apostólica *Christus vivit*? Que processos de conversão pastoral e missionária suscita o documento? Que observações podemos retirar sobre a ação da igreja com as novas gerações (pastoral juvenil)? Que linguagem e estilo apresenta o Papa Francisco na comunicação com o mundo e a Igreja e, especificamente, com os jovens?

Neste momento, torna-se oportuno o pensamento de Walter Kasper e de António Spadaro sobre a linguagem do Papa Francisco. O teólogo Spadaro não a considera especulativa, mas sim missionária e com uma mensagem profética. Não é para ser objeto

²⁷⁷ Um jovem perguntou ao Papa Francisco durante a Jornada Mundial da Juventude em Cracóvia como podia falar com um jovem ateu. A resposta do Papa Francisco foi «Porque tens necessidade de dizer? Devemos sempre fazer, não dizer. Tu fazes [...]. Os jovens são muito sensíveis aos testemunhos, precisam de homens e de mulheres que sejam exemplos, que façam pelos outros sem esperar nada em troca, que se mostrem pelo que são e pronto. Serão eles, os outros jovens, a fazer-te perguntas e assim chegará o momento de falar, de dizer». Cf. Francisco, *Deus é jovem*, 54-55.

²⁷⁸ Matteo, *Trazer os jovens de volta à Missa*, 131.

²⁷⁹ Cf. Hervieu-Léger, *O Peregrino e o convertido*, 128-129.

apenas de estudo, mas pretende ser “ouvida” e, ao ser escutada, provocar reação imediata.²⁸⁰

Dito de outro modo, Walter Kasper reconhece que o tipo de linguagem do Papa Francisco prossegue o estilo jesuíta e da teologia querigmática, partindo da situação concreta e julgando na linha do “discernimento evangélico” e espiritual, para depois definir orientações pastorais, conforme podemos ler no número 50 da exortação apostólica *Evangelii gaudium*: «o que quero oferecer situa-se mais na linha de um *discernimento evangélico*. É o olhar do discípulo missionário, que “se nutre da luz e da força do Espírito Santo”». ²⁸¹

Com efeito, Walter Kasper recorda que este foi o método seguido na elaboração da Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja e sua presença no mundo, *Gaudium et spes*, fazendo uma leitura dos sinais dos tempos à luz do Evangelho.²⁸² Também a esta tarefa exorta o Papa Francisco todas as comunidades a assumirem uma atitude de constante e vigilante análise dos sinais dos tempos, a serem comunidades de homens e mulheres abertos à ação do Espírito de Deus, mergulhados no Evangelho e que caminham imitando os gestos de Jesus, que com e em Jesus trabalham e rezam, pois “unidos a Jesus, procuramos o que Ele procura, amamos o que Ele ama” (cf. *Evangelii gaudium* 51).

Deste modo, à urgência dos desafios socioculturais desta sociedade pós-moderna e da crise na igreja, Walter Kasper salienta que o Papa Francisco, seguindo a orientação proposta pelo Concílio Vaticano II e pelos seus antecessores, responde ao mundo atual com o Evangelho, enquanto apelo à conversão e a uma nova orientação, tornando-se a evangelização o programa pastoral da Igreja.²⁸³ Por isso, Kasper conclui que:

O Papa Francisco não pretende revolucionar a fé e amoral, quer interpretar a fé e a moral a partir do Evangelho. De harmonia com a índole querigmática do Evangelho, ele fá-lo, não numa linguagem doutrinal, abstrata, mas numa linguagem simples, comunicativa e dialógica, não simplificadora, que interpela as pessoas, as envolve e implica.²⁸⁴ [...] o papa Francisco quer remover o que há de cinza acumulada, para fazer novamente brilhar o

²⁸⁰ Cf. António Spadaro, *O Sonho do Papa Francisco*, 23.

²⁸¹ Cf. Walter Kasper, *Papa Francisco - a revolução da misericórdia e do amor* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2015), 20-21.

²⁸² Cf. Kasper, *Papa Francisco*, 21-22.

²⁸³ Cf. Kasper, 39 e 42.

²⁸⁴ Kasper, 46.

núcleo das brasas do Evangelho. [...] [Trata-se], como afirma o Papa Francisco, da revolução das brasas do amor cheio de ternura, em cuja força transformante desde dentro ele insiste (cf. *Evangelii gaudium*, 88).²⁸⁵

A linguagem, estilo e programa do Papa Francisco seguem a proposta do regresso ao Evangelho e a sua oferta de ternura, de misericórdia e de amor em Jesus como caminho de futuro e regra para a mudança e transformação que se impõe tanto ao mundo como à Igreja.²⁸⁶

Deste modo, podemos concluir que no Papa Francisco se encerra uma súpula e estreita continuidade com os seus antecessores. Desde o Concílio Vaticano II que a Igreja se remete para a sua verdadeira missão: a evangelização. O Papa Paulo VI, na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, reafirma a evangelização como a vocação da Igreja. A Igreja existe para evangelizar o mundo cada vez mais secularizado, apelando à Igreja ousar a anunciar Cristo de forma querigmática. Por sua vez, o Papa João Paulo II introduz o desafio da “nova evangelização”, procurando não uma nova doutrina, mas anunciando e testemunhando Jesus com um novo ardor, novos métodos e linguagens. Bento XVI, por sua vez, acrescenta a tônica da fé na experiência e relação pessoal com Jesus Cristo, ou seja, a evangelização serve para promover este encontro pessoal com Cristo. Por fim, intuímos todos estes aspetos no estilo do Papa Francisco que propõe como objetivo da Igreja fazer discípulos-missionários, pois face à descoberta e experiência do amor de Jesus Cristo, surge o ímpeto natural à missão, ao querer comunicar e partilhar a alegre descoberta.²⁸⁷

3.3.1 Sinodalidade

Com a leitura e análise da exortação apostólica pós-sinodal *Christus vivit* do Papa Francisco, impõe-se a análise de uma das categorias da eclesiologia de comunhão

²⁸⁵ Kasper, 25.

²⁸⁶ Cf. Kasper, 126-127.

²⁸⁷ Cf. Dalle, Lionel, «Repensar a pastoral paroquial», em *Mudar, guia prático e apaixonado para paróquias transformadas*, ed. Tiago Melo (Apelação: Paulus Editora, 2022), 23-29.

desenvolvida pelo Concílio Vaticano II - a colegialidade, bem como, o Sínodo dos Bispos, constituído pelo Paulo VI a 15 de setembro de 1965, e o significado de sinodalidade.²⁸⁸

A Constituição Dogmática do Vaticano II sobre a Igreja *Lumen gentium* (LG) no número 22 afirma claramente a natureza colegial da ordem episcopal (dos Bispos). Do mesmo modo, que «por instituição do Senhor, S. Pedro e os restantes Apóstolos formam um colégio apostólico, assim de igual modo estão unidos entre si o Romano Pontífice, sucessor de Pedro, e os Bispos, sucessores dos Apóstolos» (*Lumen gentium* 22). Os Bispos sucedem e perpetuam o colégio dos Apóstolos no magistério e no governo pastoral sobre toda a Igreja, juntamente com o Romano Pontífice, “sua cabeça, e nunca sem a cabeça” (*Lumen gentium* 22). Assim, a Constituição *Lumen gentium* esclarece no número 23 que a união colegial manifesta-se nas mútuas relações de cada Bispo com as igrejas particulares e com a Igreja universal: o Papa, Bispo de Roma, é fundamento da unidade dos Bispos e dos fiéis membros da Igreja e, por sua vez, cada Bispo é o alicerce visível da unidade na sua diocese ou igreja particular, pelo que «cada um dos Bispos representa a sua igreja e, todos em união com o Papa, no vínculo da paz, do amor e da unidade, a Igreja inteira» (*Lumen gentium* 23).

Portanto, e de acordo com o Código de Direito Canónico (CDC), o Colégio dos Bispos, que sucede ao Colégio Apostólico no magistério e governo pastoral, em virtude da sua consagração sacramental e em união com o Papa, Bispo de Roma, que é a cabeça do colégio, e com os demais bispos, «é também sujeito do poder supremo e pleno sobre a Igreja universal», exercendo-o de forma solene no Concílio Ecuménico e quando convocado pelo Papa para deliberar sobre os assuntos por ele aprovados (cânones 336, 337 e 338).²⁸⁹

No que diz respeito ao Sínodo dos Bispos, o código designa-o como «a assembleia dos bispos escolhidos das diversas regiões do mundo, que em tempos estabelecidos se reúnem para fomentarem o estreitamento da união entre o Romano Pontífice e os Bispos», auxiliando no desenvolvimento da fé, dos costumes e da doutrina, bem como, informando sobre a vida e ação da Igreja no mundo, constituindo-se num modo institucionalizado de comunhão e de governo colegial (c. 342). O Sínodo dos Bispos depende diretamente do

²⁸⁸ Cf. Dario Vitali, *A Caminho da Sinodalidade*, trad. António Maia da Rocha (Prior Velho: Paulinas Editora, 2014), 7.

²⁸⁹ Cf. *Código de Direito Canónico*, anotado, promulgado por João Paulo II, trad. José A. Marques (Braga: Edições Theologica, 1997), 306-308.

Papa, pois só ele o pode convocar, presidir e determinar o tempo e assuntos a tratar, e ainda ratificar os membros eleitos ou nomear outros – bispos, sacerdotes, religiosos ou leigos como peritos ou observadores (c. 344); representa todo o episcopado; reúne-se em assembleia geral ordinária, por norma a cada três anos, geral extraordinária (para tratar assuntos que obrigam a resolução imediata) ou em assembleia especial, sendo dirigida para uma região específica da Igreja (c. 346); para cada Assembleia Sinodal dos Bispos é nomeado um secretariado geral, composto por Bispos nomeados pelo Papa e outros pelo próprio Sínodo, como também, vários secretários especiais nomeados pelo Papa (c. 348).²⁹⁰

Efetivamente, com o *aggiornamento* do Concílio Vaticano II um novo rumo se impôs à Igreja com a doutrina da colegialidade dos bispos, atribuindo importância às conferências episcopais, ao Sínodo dos Bispos, aos Sínodos locais (das igrejas particulares ou diocesanas), e fazendo brotar outros organismos de corresponsabilidade como os Conselhos Presbiterais Diocesanos ou os Conselhos Pastorais Diocesanos e Paroquiais.²⁹¹

Portanto, para Walter Kasper o centro da questão está na ligação entre colegialidade ou sinodalidade e primado (do Papa ou Bispo de Roma).²⁹² Para Kasper sinodalidade «significa o comum estar a caminho de todo o povo de Deus, em comunhão com o ministério apostólico».²⁹³

A Comissão Teológica Internacional no documento *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja* esclarece que “Sínodo” uma é palavra presente na Tradição da Igreja, formada pela preposição σύν (*syń* – com, em conjunto) e pelo substantivo óδος (*hodós* – via, caminho), referenciando o caminho que os membros do povo de Deus percorrem em conjunto.²⁹⁴ O Concílio de Jerusalém (Atos 15, 4-29) na igreja primitiva é exemplo claro da sinodalidade como dimensão constitutiva da Igreja, do modo como o povo de Deus se configura em caminho e como a igreja vive e atua.²⁹⁵

²⁹⁰ Cf. *Código de Direito Canônico*, 309-315.

²⁹¹ Cf. Vitali, *A Caminho da Sinodalidade*, 55.

²⁹² Cf. Kasper, *Papa Francisco*, 72.

²⁹³ Kasper, 72.

²⁹⁴ Comissão Teológica Internacional, «A sinodalidade na vida e na missão da igreja», acedido 29 de julho de 2024, n.º 3.

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html.

²⁹⁵ Comissão Teológica Internacional, «A sinodalidade na vida e na missão da igreja», acedido 29 de julho de 2024, n.º 42.

Consequentemente, a Comissão Teológica Internacional aprofunda e distingue os conceitos de sinodalidade e colegialidade:

Enquanto o conceito de sinodalidade recorda o comprometimento e a participação de todo o povo de Deus na vida e na missão da Igreja, o conceito de colegialidade precisa o significado teológico e a forma de exercício do ministério dos Bispos a serviço da Igreja particular confiada ao cuidado pastoral de cada um e na comunhão entre as Igrejas particulares no seio da única e universal Igreja de Cristo, mediante a comunhão hierárquica do Colégio episcopal com o Bispo de Roma. A colegialidade, portanto, é a forma específica na qual a sinodalidade eclesial se manifesta e se realiza através do ministério dos Bispos no nível da comunhão entre as Igrejas particulares em uma região e no nível da comunhão entre todas as Igrejas na Igreja universal. Toda autêntica manifestação de sinodalidade exige, por sua natureza, o exercício do ministério colegial dos Bispos.²⁹⁶

De facto, no discurso do Papa Francisco aos membros da Comissão Teológica Internacional de 29 de novembro de 2019, o Papa reconhece que o tema da sinodalidade é-lhe muito próximo: «este tema é muito querido ao meu coração: a sinodalidade é um estilo, é caminhar juntos, e é isto que o Senhor espera da Igreja no terceiro milénio».²⁹⁷

Com efeito, como reconhece D. Joaquim Mendes, o sínodo dos Bispos sobre os jovens, a fé e o discernimento vocacional e a exortação pós-sinodal *Christus vivit* são resultado de um amplo movimento sinodal, caminho de escuta e de diálogo que envolveu toda a Igreja e, em particular os jovens.²⁹⁸ No discurso aos membros da Comissão Teológica Internacional de 29 de novembro de 2019 que já referenciamos, o Papa Francisco afirma que «fazer sinodalidade é dar as mãos e ir pela estrada, festejar com os jovens...».²⁹⁹

Efetivamente, do mesmo modo como Jesus dizia que era o Caminho (Jo 14, 6) e os primeiros cristãos referenciavam-se como povo do novo caminho (cf. At. 9,2; 19,9.23; 22,4; 24,14.22), Walter Kasper recorda que segundo o Papa Francisco para fazer a

²⁹⁶ Comissão Teológica Internacional. «A sinodalidade na vida e na missão da igreja», n.º 7.

²⁹⁷ Francisco, «Discurso do Papa Francisco aos Membros da Comissão Teológica Internacional» de 29 de novembro de 2019, acessado a 29 de julho de 2024. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/november/documents/papa-francesco_20191129_commissione-teologica.html.

²⁹⁸ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, *Rumo à JMJ Lisboa 2023, Documentos do Sínodo dos Bispos sobre os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (Lisboa: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2020), 4.

²⁹⁹ Francisco, «Discurso do Papa Francisco aos Membros da Comissão Teológica Internacional» de 29 de novembro de 2019, s.p.

experiência pessoal de Deus, devemos pôr-nos a caminho para o encontrar e deixarmos encontrar por ele – os crentes, povo de Deus, devem fazer o caminho do seguimento de Jesus Cristo; a palavra caminho tornou-se, assim, um conceito orientador do estilo do Papa Francisco.³⁰⁰

Deste modo, para Francisco, a Igreja é sobretudo o povo de Deus a caminho para Deus e, por isso, é desejo do Papa que todo o povo de Deus, por razão do seu batismo, participe na vida da Igreja, pois a sensibilidade espiritual e testemunho dos leigos, guiados pelo Espírito de Deus, abrem novos caminhos de evangelização.³⁰¹ Por isso, a sinodalidade na Igreja manifesta a natureza peregrina da Igreja e é vivida como serviço na missão de evangelizar; em sinodalidade todos os crentes são corresponsáveis e discípulos missionários convocados para “discernir os caminhos da evangelização na escuta da voz do Espírito”.³⁰²

Por este facto, o Papa Francisco no seu discurso aos membros da comissão teológica de 29 de novembro de 2019 afirma: “A sinodalidade é um caminho eclesial que tem uma alma que é o Espírito Santo. Sem o Espírito Santo não há sinodalidade”.³⁰³ Assim, o Papa a partir da doutrina do *sensus fidei* desafia a Igreja à escuta do povo (crente e não crente).³⁰⁴

Como bem recorda Dario Vitali, a mudança de perspetiva sobre o povo de Deus – a «revolução copernicana» em eclesiologia – com o sacerdócio comum dos fiéis é um dos grandes proveitos do Concílio Vaticano II e, partindo da segunda carta de São Paulo aos Coríntios - “sois uma carta de Cristo, confiada ao nosso ministério, escrita, não com tinta, mas como Espírito do Deus vivo” (2Cor 3,3), o dom do Espírito Santo no batismo está na base do *sensus fidei*. Deste modo, afirma Vitali que a colegialidade e, conseqüentemente, a sinodalidade, não se esgotam na escuta da hierarquia da Igreja, mas alarga-se a todo o povo de Deus.³⁰⁵ Assim, e segundo o autor, para por em exercício a sinodalidade na Igreja

³⁰⁰ Cf. Kasper, *Papa Francisco*, 13-14.

³⁰¹ Segundo a doutrina do “*sensus fidei*”, o cristão pela infusão do Espírito Santo no batismo é por ele guiado na fé e na verdade, como também, feito participante na vida da fé e discípulo missionário. Cf. *Lumen gentium* n. 12 e *Evangelii gaudium* n. 119-120. Neste sentido, para o Papa Francisco revestem-se de singular importância os “organismos de participação e de diálogo pastoral”. Cf. Kasper, *Papa Francisco*, 57 e 60.

³⁰² Cf. Comissão Teológica Internacional. «A sinodalidade na vida e na missão da igreja», n.º 49 e 53.

³⁰³ Francisco, «Discurso do Papa Francisco aos Membros da Comissão Teológica Internacional» de 29 de novembro de 2019, s.p.

³⁰⁴ Cf. Kasper, *Papa Francisco*, 60. Cf. Comissão Teológica Internacional. «A sinodalidade na vida e na missão da igreja», n.º 9.

³⁰⁵ Cf. Vitali, *A Caminho da Sinodalidade*, 59-63, 85.

há que estimular a relação do um (o Papa), os muitos (o Colégio Episcopal) e o todos (o Povo de Deus): pelo dom do Espírito, ao Povo de Deus pertence a profecia e a escuta do que o Espírito diz à Igreja passa, igualmente, pela escuta do Povo de Deus; ao colégio pertence o reconhecimento dos sinais dos tempos e o discernimento e ao Papa, enquanto fundamento da unidade e de poder sobre toda a Igreja, pertence a decisão e ação do que foi discernido como vontade de Deus para a Igreja.³⁰⁶

Prova desta vontade de caminhar juntos e da sinodalidade como estilo do Papa Francisco podemos elencar os dois anos de escuta do mundo e da Igreja, bem como, os diversos documentos/processos usados na mesma: o *Documento Preparatório* enviado às Conferências Episcopais e aos Sínodos das Igrejas Orientais Católicas com o questionário que promove a análise da realidade e a escuta dos jovens;³⁰⁷ a carta do Papa aos jovens por ocasião da apresentação do *Documento Preparatório* (ambos de 13 de janeiro de 2017) que exorta aos jovens a fazerem-se ouvir;³⁰⁸ o discurso do Papa e diálogo com os jovens na reunião pré-sinodal a 19 de março de 2018, no qual indica que o contributo dos jovens é indispensável para o Sínodo dos Bispos sobre os jovens, que eles são os verdadeiros protagonistas do sínodo, apelando ao diálogo aberto e frontal e que todos, sejam católicos ou de outras religiões, crentes ou não, colaborem na fecundidade e vida da Igreja;³⁰⁹ o próprio *Documento final da reunião Pré-sinodal* de 19 a 24 de março de 2018, que reuniu em Roma mais de 300 jovens de todo o mundo e outros 15 mil jovens pela rede social *Facebook* (procedentes de diversas religiões e contextos culturais distintos) que serviu também como fonte para o documento de trabalho da assembleia sinodal;³¹⁰ o próprio *Documento de trabalho* ou *Instrumentum laboris* da XV Assembleia do Sínodo dos Bispos (resultante do processo de auscultação e das diversas contribuições das conferências episcopais); o *Documento final* da XV Assembleia do Sínodo dos Bispos que no número dois indica que ele «reúne o resultado deste processo e relança-o para o futuro: [e] exprime aquilo que os Padres sinodais reconheceram, interpretaram e escolheram à luz da Palavra de Deus»;³¹¹ e, por fim, a Exortação Apostólica *Christus Vivit* do Papa Francisco que a redige «no contexto de um caminho sinodal» (*Christus vivit*

³⁰⁶ Cf. Vitali, 63, 86-87, 119-120.

³⁰⁷ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, *Rumo à JMJ Lisboa 2023*, 34-38.

³⁰⁸ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, 41.

³⁰⁹ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, 44, 48-49.

³¹⁰ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, 65-66.

³¹¹ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, *Rumo à JMJ Lisboa 2023*, 206.

3)³¹² e inspirada pelas diversas contribuições colhidas em dois anos de escuta, nas reflexões elaboradas e nas propostas do *Documento final*, evidenciando assim que a exortação está «carregada de milhares de vozes de crentes do mundo inteiro que fizeram chegar as suas opiniões ao Sínodo» (*Christus vivit*, 4).

Em suma, o Papa Francisco deseja reforçar a natureza sinodal da Igreja, ou seja, o estar em caminho num autêntico processo sinodal, seguindo um estilo dialógico onde toda a Igreja (Povo de Deus) está comprometida - ouvir o que diz o Espírito às igrejas/comunidades, para depois do discernimento poder o colégio dos bispos, e em nome de todos, o Papa, tomar a posição da verdade e expressar a voz do Evangelho.³¹³ Parafraseando, Walter Kasper, no processo sinodal a Igreja aparece como uma unidade na multiplicidade das Igrejas locais e dos carismas, mas o «Sínodo não pode substituir ou atenuar o primado, nem o primado pode suprimir a colegialidade e a sinodalidade da Igreja. A todos incumbe a tarefa de colaborarem uns com os outros».³¹⁴

3.3.2 Composição do Sínodo e estrutura da *Christus vivit*

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit* do Papa Francisco dirigida aos jovens e a todo o povo de Deus, assinada e publicada a 25 de março de 2019, é o terceiro documento do processo sinodal à volta da XV Assembleia do Sínodo dos Bispos sobre “Os Jovens, a fé e o discernimento vocacional” (Roma, 3 a 28 de outubro de 2018). Depois da auscultação preparatória feita à diversas Conferências Episcopais e jovens do mundo inteiro, foi elaborado o *Instrumentum Laboris* que serviu de agenda de trabalho do Sínodo. No fim da Assembleia foi redigido o *Documento Final* que reúne a leitura, interpretação e conclusões dos participantes. Ambos os documentos estão presentes na leitura que o Papa Francisco apresenta na exortação apostólica, reconhecendo que «a reflexão sobre os jovens e para os jovens convoca e estimula a todos nós» (*Christus vivit*, 3).

A XV Assembleia do Sínodo dos Bispos contou com 267 representantes dos episcopados católicos (a Conferência Episcopal Portuguesa esteve representada por D.

³¹² Segue-se aqui a edição: Francisco, *Cristo Vive, Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christus Vivit aos Jovens e a todo o Povo de Deus* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2019).

³¹³ Kasper, *Papa Francisco*, 74.

³¹⁴ Kasper, 75.

Joaquim Mendes, bispo auxiliar de Lisboa e presidente da Comissão Episcopal do Laicado e Família, e D. António Augusto Azevedo, bispo auxiliar do Porto e presidente da Comissão Episcopal das Vocações e Ministérios), bem como, participaram na Assembleia diversos especialistas e convidados, nomeadamente, 34 jovens.³¹⁵

A Exortação *Christus Vivit* é composta por nove capítulos: primeiro, «O que diz a Palavra de Deus sobre os Jovens?»; segundo, «Jesus Cristo sempre jovem»; terceiro, «Vós sóis o agora de Deus»; quarto, «O grande anúncio para todos os jovens»; quinto, «Caminhos de Juventude»; sexto, «Jovens com raízes»; sétimo, «A pastoral dos jovens»; oitavo, «A vocação» e, por último, nono capítulo, «O discernimento».

O Papa Francisco discorre pela Palavra de Deus e analisa a realidade juvenil para que o jovem encontre a Boa Notícia do Evangelho de Jesus e se torne discípulo-missionário-evangelizador de outros jovens, por isso, motiva repensar a ação pastoral, aponta orientações pastorais e reflete sobre a vocação e o discernimento, como opção de diálogo com Deus a partir da dinâmica dos três verbos: “reconhecer, interpretar, escolher” (*Christus vivit* 237, 283-284, 287 e 295).³¹⁶ Rossano Sala e Giacomo Costa, secretários especiais do Sínodo dos Jovens, por sua vez, identificam esta dinâmica estrutural na exortação *Christus Vivit*, pois podemos agrupar de três em três os nove capítulos que a compõe: os três primeiros capítulos correspondem ao reconhecer (reconhecer a vontade de Deus no concreto da história e da vida quotidiana e a situação dos jovens no mundo contemporâneo); os capítulos quarto, quinto e sexto referem-se ao interpretar (discernir, interpretar o encontro com Deus e o dinamismo de resposta ao desejo de vida próprio da juventude e as possibilidades de orientação de vida para cada um); e, por fim, os últimos três capítulos exploram o verbo escolher (tratam das escolhas concretas a que os jovens e comunidades são chamados a realizar).³¹⁷

³¹⁵ Cf. «XV Assembleia Generale Ordinaria del Sinodo dei Vescovi (3-28 ottobre 2018) – Elenco dei Partecipanti», <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2018/09/15/0644/01374.html> e «Vaticano: Participantes no Sínodo dos Bispos sobre a juventude encontraram-se com sete mil jovens», <https://agencia.ecclesia.pt/portal/vaticano-participantes-no-sinodo-dos-bispos-sobre-a-juventude-encontraram-se-com-sete-mil-jovens/>, acedidos a 03 de julho de 2024.

³¹⁶ Cf. Conferencia Episcopal Portuguesa, «Documento preparatório», em *Rumo à JMJ Lisboa 2023*, 19; Conferencia Episcopal Portuguesa «Instrumentum Laboris» em *Rumo à JMJ Lisboa 2023*, 141, n.º 112;

³¹⁷ Cf. Rossano Sala e Giacomo Costa, «“Christus Vivit”, comentário e guia de leitura da Exortação Apostólica pós-sinodal sobre os jovens», acedido a 20 de julho de 2024, <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/588058-christus-vivit-um-comentario-e-guia-de-leitura-da-exortacao-apostolica-pos-sinodal-sobre-os-jovens>.

O *Documento preparatório* na sua «Introdução» reconhece que «anunciar a alegria do Evangelho é a missão que o Senhor confiou à sua Igreja».³¹⁸ Se o sínodo sobre a nova evangelização e a exortação pós-sinodal *Evangelii gaudium* trataram desta missão do anúncio alegre da Boa-Nova e os sínodos posteriores sobre a família e a Exortação *Amoris laetitia* abordaram o acompanhamento das famílias ao encontro da alegria do Evangelho, com o sínodo sobre os jovens é exposto o imperativo de acompanhamento da juventude. Efetivamente, o Papa Francisco no sínodo dos bispos de 2018 promoveu um estilo sinodal de ser Igreja, procurando estabelecer um caminho de escuta, de diálogo alargado e de encontro, tornando aquele evento num sínodo para a Igreja com a juventude e não apenas uma Assembleia que fala da e para juventude:

Em continuidade com este caminho, através de um novo percurso sinodal sobre o tema: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, a Igreja decidiu interrogar-se sobre o modo de acompanhar os jovens a reconhecer e a acolher o chamamento ao amor e à vida em plenitude, e também pedir aos próprios jovens que a ajudem a identificar as modalidades hoje mais eficazes para anunciar a Boa-Nova. Através dos jovens, a Igreja poderá ouvir a voz do Senhor que ressoa inclusive nos dias de hoje. [...] Ouvindo as suas aspirações, podemos entrever o mundo de amanhã que vem ao nosso encontro e os caminhos que a Igreja é chamada a percorrer.³¹⁹

3.3.3 Juventude

O conceito de “jovem” é aplicado no sínodo a indivíduos entre os 16 e 29 anos de idade.³²⁰ «Falar de jovens significa falar de promessas e também significa falar de alegria», afirma o Papa Francisco (*Christus vivit* 139); pois, «há neles um forte desejo de viver o presente, de aproveitar ao máximo as possibilidades que esta vida lhes oferece» (*Christus vivit* 144).

Portanto, o Papa Francisco e a Igreja identificam nos diversos documentos do Sínodo de 2018 os jovens como o seu presente e o seu futuro, capazes de revigorar a própria Igreja (cf. *Documento Final*, 54; *Christus vivit*, 37, 50, 64, 135); reconhecem a juventude

³¹⁸ Conferencia Episcopal Portuguesa, *Rumo à JMJ Lisboa 2023*, 5.

³¹⁹ Conferencia Episcopal Portuguesa, «Documento Preparatório» («Introdução») em *Rumo à JMJ Lisboa 2023*, 5; «Documento Final» n.º 10.

³²⁰ Cf. Conferencia Episcopal Portuguesa, «Documento Preparatório», em *Rumo à JMJ Lisboa 2023*, 9; «Instrumentum Laboris» em *Rumo à JMJ Lisboa 2023*, n.º 6, 93 e *Christus vivit* 68.

como a fase de vida que se caracteriza pela sua energia e dinamismo, ousadia e generosidade, capacidade criativa, inquietude e idealismo (cf. *Christus vivit* 137-140).

A juventude, fase do desenvolvimento da personalidade, caracteriza-se por sonhos que vão tomando corpo, por relações que adquirem cada vez mais consistência e equilíbrio, por propósitos e experiências, por escolhas que vão construindo gradualmente um projeto de vida. Neste período da vida, os jovens são chamados a projetar-se para a frente sem cortar com as raízes, a construir autonomia, mas não na solidão (*Christus vivit* 137).

Porém, os documentos do sínodo sobre os jovens identificam, igualmente, as suas vulnerabilidades (desde o desemprego, precariedade ocupacional, exploração e marginalização social, à violência, perseguição, guerras, a imagem do corpo e problemáticas da sexualidade como a gravidez na adolescência, o aborto e pornografia, redes de tráfico e consumo de drogas e outras dependências, distúrbios alimentares, depressão e outras doenças mentais).³²¹

O Documento preparatório assinala no ponto dois do primeiro capítulo, que «quem é jovem hoje, vive a própria condição num mundo diferente daquele da geração dos seus pais e dos seus educadores». ³²² O mesmo documento esclarece que o termo juventude «mais do que identificar uma categoria de pessoas, é uma fase da vida que cada geração volta a interpretar de modo singular e irrepetível». ³²³

Consequentemente, e apesar dos efeitos da globalização, toda a análise ou caracterização dos jovens e/ou da juventude, deverá ter em conta a devida adaptação ou contextualização à geografia e contexto socioeconómico e cultural dos jovens (por exemplo, questões demográficas – países com elevada taxa de natalidade versus países onde o número de jovens é cada vez menor; a presença da cultura cristã – países maioritariamente católicos, outros onde a presença cristã é minoritária e, ainda, a questão da perda da memória da cultura cristã em países de tradição cristã; questões de diferença entre género masculino e feminino; o maior ou menor avanço tecnológico e do digital que acarreta processos de mudança e transformação velozes das sociedades, tornando-as cada vez mais multiculturais e multirreligiosas; questões de insegurança, vulnerabilidade e

³²¹ Cf. Reginaldo Martins da Silva, «Propor a fé aos Jovens à luz da Exortação Apostólica *Christus Vivit*». *Revista Contemplação* n.º 21 (2020): 113 e 120. Acedido a 13 de janeiro de 2022. <https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/222/241>; Cf. *Instrumentum Laboris* n. 17, *Documento Final* n. 40-44, *Christus Vivit* 72, 74 e 81.

³²² Conferencia Episcopal Portuguesa, «Documento Preparatório», em *Rumo à JMJ Lisboa 2023*, 10.

³²³ Conferencia Episcopal Portuguesa, 9.

dificuldades económicas – tudo isto apresenta riscos, mas, simultaneamente, oferece uma série de oportunidades).³²⁴

Por isso, no início da auscultação do mundo, o Documento Preparatório já afirmava a existência de «uma pluralidade de mundos juvenis», confirmada no Documento Final e na exortação apostólica (*Documento Final*, 10; *Christus vivit*, 68),³²⁵ de tal maneira que a assembleia sinodal considerou adequado falar não de juventude no singular, mas de juventudes no plural (*Christus vivit*, 68 e *Documento Final*, 10)³²⁶. Mais assertivo foi o Papa Francisco no seu discurso na reunião pré-sinodal com os jovens, dizendo: «a juventude não existe! Existem jovens, histórias, rostos, olhares, ilusões. Existem jovens»³²⁷ e na exortação pós-sinodal repete: «“a juventude” não existe, existem os jovens, com as suas vidas concretas» (*Christus vivit*, 71).

Deste modo, vários foram os traços específicos abordados da realidade juvenil³²⁸, porém quer o Documento Final quer a Exortação Apostólica *Christus vivit* abordam três temáticas que se apresentam como emblemas da condição dos jovens hodiernos: o ambiente digital, a condição dos migrantes e a situação dos abusos no interior da igreja (*Documento Final*, 21-31, *Christus vivit*, 85-102).³²⁹

Em primeiro lugar, o Papa Francisco explica que quando falamos do ambiente digital, não se trata apenas de usar tecnologia de informação e comunicação, «mas de viver numa cultura largamente digitalizada, que afeta de modo muito profundo a noção de tempo e de espaço, a perceção da própria pessoa, dos outros e do mundo, o modo de comunicar,

³²⁴ Cf. Conferencia Episcopal Portuguesa, «Documento Preparatório», em *Rumo à JMJ Lisboa 2023*, 8-10, 15; «Instrumentum Laboris» em *Rumo à JMJ Lisboa 2023*, n.º 6-7, 93; «Documento Final» n.º 7, 11-12 e *Christus vivit* 69.

³²⁵ Cf. Conferencia Episcopal Portuguesa, «Documento Preparatório», em *Rumo à JMJ Lisboa 2023*, 8-9; *Christus Vivit* 68.

³²⁶ Cf. Sala e Costa, «“Christus Vivit”, comentário e guia de leitura da Exortação Apostólica pós-sinodal sobre os jovens», acessido a 20 de julho de 2024, <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/588058-christus-vivit-um-comentario-e-guia-de-leitura-da-exortacao-apostolica-pos-sinodal-sobre-os-jovens>, sp.

³²⁷ Conferencia Episcopal Portuguesa, «Reunião pré-sinodal com os jovens, Discurso do papa e diálogo com os jovens», *Rumo à JMJ Lisboa 2023*, 45.

³²⁸ Foram propostos para reflexão no *Instrumentum Laboris* por exemplo a sensibilidade, capacidade de compromisso e participação social dos jovens através de diversas formas de voluntariado (IL 27), a sua abertura ao sagrado mesmo que separado da sua vida quotidiana ou considerando-se espirituais, mas não religiosos (IL 28), a sua participação no interior da vida da Igreja e a sua ligação à piedade popular (IL 31-32), diversos canais de expressão como o corpo, a afetividade e a sexualidade (IL 52-53), o digital e as redes sociais (IL 34-35), o desporto (IL 39-40), a música e outras expressões artísticas (IL 36-38), bem como, alguns aspetos caracterizadores da cultura de descarte que afetam os jovens, a saber: a questão do trabalho (IL 43-44), a situação de jovens migrantes (IL 45-47), várias formas de discriminação (IL 48) e de exclusão social (IL 49-50).

³²⁹ Cf. Sala e Costa, «“Christus Vivit”, comentário e guia de leitura da Exortação Apostólica pós-sinodal sobre os jovens», sp.

[...] de entrar em relação com os outros» (*Christus vivit* 86). Contudo, a reflexão da assembleia sinodal elucida que apesar de a web e redes sociais e constituírem uma oportunidade de encontro e diálogo e de hoje serem essenciais para chegar aos jovens e envolvê-los nas atividades pastorais (*Christus vivit*, 87), o ambiente digital é igualmente espaço de solidão e isolamento (afastamento da família e dos valores culturais e religiosos) manipulação (de consciências, fakenews) e exploração e de novas formas de violência o ciberassédio e cyberbullying (*Christus vivit*, 88-90). Assim, os jovens enfrentam um novo desafio: «interagir com um mundo real e virtual» (*Christus vivit*, 90). Como incentivo e exortação aos jovens, o Papa Francisco apresenta o exemplo de Carlos Acutis, que com a sua criatividade e alegria soube habitar o mundo digital «para transmitir o Evangelho, comunicar valores e beleza» (*Christus vivit*, 105).

Em segundo lugar, os Padres Sinodais e o Papa apresentam a condição dos emigrantes como paradigma atual da condição dos jovens e dos crentes partindo da imagem da carta aos hebreus “estrangeiros e peregrinos sobre a terra” (Heb 11, 13; cf. *Christus vivit* 91). Seja qual for a razão que leve ao movimento migratório, ele faz-se acompanhar de vulnerabilidades e riscos de discriminação, exploração e desenraizamento cultural e religioso, pelo que a preocupação da igreja deve ser o acolhimento e o apoio integral (*Christus vivit* 92-93).

Em terceiro lugar, é abordada a questão dos diversos abusos cometidos por responsáveis e membros da Igreja – é renovado o compromisso firme na adoção de medidas rigorosas de prevenção e na erradicação de todas as formas de abuso (de poder, de consciência, sexual ou económico), numa maior atenção à formação dos que terão responsabilidades educativas (*Christus vivit* 97), no reforçar medidas de transparência (*Christus vivit* 98), e no desejo que os jovens se sintam chamados também como parte do Povo de Deus a colaborarem na transformação deste flagelo em possibilidade de reforma/renovação e purificação da Igreja (*Christus vivit* 100).³³⁰

Além de tudo isto, o Papa Francisco adverte, ainda, no discurso da reunião pré-sinodal com os jovens, para o facto de vivermos numa cultura que idolatra a juventude, que busca a eterna juventude, mas que trava a possibilidade dos jovens serem

³³⁰ Cf. Sala e Costa, sp.

protagonistas,³³¹ bem como, torna a transição para a vida adulta num «caminho longo, complicado, não-linear» (*Instrumentum Laboris*, 16):

Muitas vezes hoje são os adultos a considerar os jovens como uma referência para o próprio estilo de vida, dentro de uma cultura global dominada por uma ênfase individualista no próprio eu. [...] Várias Conferências Episcopais firmam que hoje não há um verdadeiro conflito geracional entre jovens e adultos, mas uma “estranheza mútua”: os adultos não estão interessados em transmitir os valores fundadores da existência às gerações mais jovens, pois sentem-nas mais como concorrentes do que como potenciais aliados (*Instrumentum Laboris*, 14).

Com efeito, o Papa Francisco confirma na *Christus vivit* que os jovens são ideologizados e instrumentalizados, envolvidos numa cultura do descarte, na qual o modelo de pessoa é alocado à imagem do jovem e o modelo de beleza é o modelo juvenil – isto “significa apenas que os adultos querem roubar a juventude para si, e não respeitam, amam e cuidam dos jovens” (*Christus vivit*, 79).

Por forma a valorizar a juventude o Papa Francisco parte do modo de olhar de Deus sobre a mesma e apresenta diversos de exemplos concretos da ação de jovens do Antigo Testamento no plano de salvação de Deus e um conjunto de narrativas de encontros de jovens com Jesus, «o eternamente jovem, [que] quer dar-nos um coração sempre jovem» (*Christus vivit* 13; IL 75).

Consequentemente, o Papa Francisco esclarece, citando Santo Ireneu que «Jesus é “jovem entre os jovens, para servir de exemplo aos jovens e consagrá-los ao Senhor”» (*Christus vivit* 22) e, ainda, recupera as afirmações do *Instrumentum Laboris* e do Documento Final, recordando «que a juventude é uma etapa original e estimulante da vida, que o próprio Jesus viveu, santificando-a» (*Christus vivit* 22, IL 75, *Documento Final*, 60), pois «Ser jovem, mais do que uma idade, é um estado de coração» (*Christus vivit* 34), pelo que, para a comunidade de crentes e para uma franca proposta de fé aos jovens «é importante tomar consciência de que Jesus foi jovem» (*Christus vivit* 23), dado que é a partir da sua própria juventude que Ele inspira e ilumina cada jovem (*Christus vivit* 30-31).

³³¹ Cf. Conferencia Episcopal Portuguesa, «Reunião pré-sinodal com os jovens, Discurso do papa e diálogo com os jovens», *Rumo à JMJ Lisboa 2023*, 45.

Efetivamente, parafraseando Rossano Sala e Giacomo Costa, é dentro deste dinamismo que a Igreja é chamada a renovar-se constantemente e a voltar a ser jovem, de modo a entrar no mundo dos jovens numa época em que muitos «não a consideram significativa para a sua existência», ao contrário, «pedem expressamente que os deixem em paz» (*Christus vivit* 40).³³²

Assim, e como refere o Papa Francisco, «Para muitos jovens Deus, a religião e a Igreja são palavras vazias, no entanto, eles são sensíveis à figura de Jesus. Por isso é necessário que a Igreja [...] reflita sobretudo Jesus Cristo» (*Christus vivit* 39), privilegiando uma linguagem de proximidade e aproveitando o dinamismo, visão e/ou críticas dos jovens, dando-lhes espaços, deixando-os agir, de modo que se tornem protagonistas da transformação, propondo e praticando alternativas que mostram ao mundo e à Igreja como podem ser.³³³

Por fim, apraz-nos mencionar o desejo e apelo que Papa Francisco faz aos jovens de não se deixarem abater pelas contradições do nosso mundo: «Não deixes que te roubem a esperança e a alegria (...). Atreve-te a ser mais...» (*Christus vivit* 107), pois como dizia Carlos Acutis, «todos nascem iguais, mas muitos morrem como fotocópias». Não permitas que isso te aconteça» (*Christus vivit* 106). Ou, ainda, o belo apelo a arriscar, a viver, a dar corpo aos sonhos, a serem “construtores do futuro” (cf. *Christus vivit* 173):

Jovens, não renunciéis ao melhor da vossa juventude, não observeis a vida da varanda. Não confundais a felicidade com um sofá nem passeis toda a vossa vida diante de um ecrã. Tampouco vos reduzais ao triste espetáculo dum veículo abandonado. Não sejais carros estacionados, mas deixai brotar os sonhos e tomai decisões. Arriscaí [...]. Deitai fora os medos que vos paralisam [...]. Vivei! Entregai-vos ao melhor da vida! Abri a porta da gaiola e saí a voar! Por favor, não vos aposenteis antes do tempo (*Christus vivit*, 143; cf. *Christus vivit*, 174).

Dito de outro modo, a partir da sua leitura da *Christus vivit* e de todos os desejos e exortações do Papa Francisco, Armando Matteo apresenta um “mapa da juventude”

³³² Cf. Sala e Costa, «“Christus Vivit”, comentário e guia de leitura da Exortação Apostólica pós-sinodal sobre os jovens», sp. Como razões para este afastamento ou indiferença com a Igreja o Papa Francisco apresenta as seguintes: «os escândalos sexuais e económicos; a falta de preparação dos ministros ordenados, que não sabem reconhecer de maneira adequada a sensibilidade dos jovens; pouco cuidado na preparação da homília e na apresentação da Palavra de Deus; o papel passivo atribuído aos jovens no seio da comunidade cristã; a dificuldade da Igreja dar razão das suas posições doutrinárias e éticas perante a sociedade atual» (*Christus vivit*, 40; cf. Documento Final 53 e *Instrumentum Laboris* 66).

³³³ Cf. Martins da Silva, «Propor a fé aos Jovens à luz da Exortação Apostólica *Christus vivit*», 119 e Conferencia Episcopal Portuguesa, «Documento Preparatório», em *Rumo à JMJ Lisboa 2023*, 15.

composto por sete elementos que permitem descrever uma juventude bem vivida e/ou que a juventude possa atingir a transição para a idade adulta, a saber: a “inquietação” (a atitude da insatisfação que permite tomar a vida pelas mãos e avançar em missão no desejo de vida e por algo novo; cf. *Christus vivit* 138); o “infinito” (cada jovem é feito para o infinito; cada jovem transporta dentro de si uma força vivificante; cf. *Christus vivit* 160); o “êxtase” (a juventude é a idade do enamoramento, do sair de si mesmo e comprometer-se; cf. *Christus vivit* 167-168); o “ousar mais” (chamados por Deus e ir mais além; transcender-se; cf. *Christus vivit* 107); “santidade” (escolher, ambicionar ser santo; tornar-nos “aquele que Deus quis sonhar e criar”; cf. *Christus vivit* 162); “doação” (doação generosa e figura do humano que somos; esquecer-se de si para dar espaço e atenção aos outros; cf. *Christus vivit* 108); decisão (a juventude é a idade das opções a nível profissional, social e político; cf. *Christus vivit* 140).³³⁴

3.3.4 Transmissão da fé e memória

No número anterior analisamos que no Sínodo sobre os jovens «Deus, a religião e a Igreja não passam de palavras vazias» para muitos jovens e que a Igreja não era importante para a vida deles. Uma das razões apontadas, além dos erros dos ministros ordenados e a sua falta de sensibilidade com os jovens, era «a dificuldade da Igreja dar razão das suas posições doutrinárias e éticas perante a sociedade atual» (*Christus vivit* 40). Muitos jovens acusam a Igreja de prestar mais atenção à sua dimensão institucional do que à pessoa de Cristo, de atender mais à sua dimensão administrativa do que criar comunidade como se esquecesse «que são as pessoas que a forma e não as estruturas».³³⁵

Compreendemos, assim, a dificuldade de a Igreja chegar hoje ao mundo juvenil, de comunicar e transmitir as razões da sua fé aos jovens, e de um modo geral, a todas as pessoas. Como o próprio verbo “transmitir” indica, a transmissão da fé implica passar conhecimentos, um testemunho, legar ou até mesmo passar uma herança recebida a outros. Deste modo, na transmissão da fé falamos, igualmente, de uma aprendizagem ou apropriação pessoal da fé,³³⁶ tal como acontece com a cultura que herdamos da família

³³⁴ Cf. Matteo, *Trazer os jovens de volta à Missa*, 103-109.

³³⁵ Conferência Episcopal Portuguesa, «Documento da Reunião Pré-Sinodal com os Jovens» em *Rumo à JMJ Lisboa 2023*, 77.

³³⁶ Cf. Philippe Bacq, «Para uma pastoral de gestação», em Philippe Bacq e Christoph Theobald, *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), 13.

e/ou região na qual nascemos e somos criados – recebemos, apropriamos, damos novas expressões, o nosso contributo pessoal e passamos à frente, isto é, aos nossos filhos, aos alunos, à sociedade.

Além disto, Philippe Bacq defende que «propor é “tomar a iniciativa”; é ousar anunciar publicamente a fé numa sociedade que tem tendência para relegar o religioso para o domínio privado».³³⁷ Consequentemente, Jean-Marie Donegani sublinha que a transmissão da fé não é apenas uma adesão à doutrina, ela passa pelo testemunho e autenticidade de vida e que «hoje, já não se pode considerar a transmissão religiosa como uma simples reprodução, de forma idêntica, de uma geração para a outra».³³⁸ O indivíduo não é apenas o destinatário ou recetor de uma proposta de fé, mas a sua consciência torna-se também lugar de produção do conhecimento cristão e referência para construção de identidade religiosa.³³⁹

Assim sendo, na transmissão da fé fazemos memória do passado, reordenando-a ou reconstruindo-a no presente, pelo testemunho, dando-lhe perspetivas de continuidade, de futuro. O problema reside na perda da memória pelas sociedades pós-modernas atuais, concentradas apenas no imediato e efêmero, com adultos a demitirem-se do seu papel de transmissores e educadores (querendo ser e fingindo ser mais jovens que os jovens) e as gerações mais velhas a serem descartadas.³⁴⁰

O Documento Final do Sínodo dos Jovens e o Papa Francisco na *Christus vivit* alertam para este problema:

Os jovens estão projetados para o futuro [...]. No entanto, [...] por vezes, prestam pouca atenção à memória do passado donde provêm, em particular aos numerosos dons que os seus pais e avós lhes transmitiram, à bagagem cultural da sociedade em que vivem. Ajudar os jovens a descobrir a riqueza viva do passado, fazendo memória e servindo-se deste para as próprias decisões e possibilidades, é um verdadeiro ato de amor para com eles (*Christus vivit*, 187; cf. *Documento Final*, 35).

³³⁷ Philippe Bacq, «Para uma pastoral de gestação», 13.

³³⁸ Jean-Marie Donegani, «Inculturação e gestação do crer», em Philippe Bacq e Christoph Theobald, *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), 45.

³³⁹ Jean-Marie Donegani, «Inculturação e gestação do crer», 51.

³⁴⁰ Cf. A introdução de Thomas Leoncini em Francisco, *Deus é Jovem*, 13 e 35-37; Bruno-Marie Duffé, «Press Conference to present the Document of the Pontifical Academy for Life: “Old age: our future. The condition of the elderly after the pandemic”», acessado a 24 de fevereiro de 2024, <https://www.vatican.va/content/salastampa/en/bollettino/pubblico/2021/02/09/210209a.pdf>.

Para o Papa Francisco os anciãos, os avós, são “guardiães da memória” (*Christus vivit* 196) e, dificilmente, alguém cresce e amadurece sem raízes fortes que o possam sustentar (cf. *Christus vivit* 179 e 200). Neste sentido, Francisco incita na sua exortação *Christus vivit* que os jovens estejam disponíveis «para acolher uma sabedoria que se comunica de geração em geração» (*Christus vivit* 190) e recomenda que não se deixem seduzir por ilusões e ideologias que desprezem a história e a riqueza espiritual e humana (*Christus vivit* 181), por «uma vida superficial, que confunde beleza com a aparência» (*Christus vivit* 183), por uma «espiritualidade sem Deus» e por uma «afetividade sem comunidade e sem compromisso» (*Christus vivit* 184).

O Papa Francisco na valorização da memória e para o entendimento do valor da preservação das nossas raízes como base para o desenvolvimento e resposta aos novos desafios, apresenta-nos a bela imagem fundada no profeta Joel: «Os anciãos sonham e os jovens têm visões» (*Christus vivit* 192; cf. Jl 3, 1). Segundo o pensamento do Papa, os mais velhos sonham a partir de recordações e de experiências feitas e se estes são partilhados com os mais jovens, estes conseguem ver o futuro, ter visões que revelam novos caminhos. Ou como explica Bruno-Marie Duffé: «Se os idosos continuarem a sonhar, o mais novo pode continuar a inventar. Se o olhar do velho encorajar suavemente os planos dos mais novos, ambos viverão na esperança que supera os medos».³⁴¹ De facto, no livro *Deus é jovem*, o Papa Francisco abona «a salvação dos velhos é dar aos jovens a memória, [...] enquanto a salvação dos jovens é assimilar estes ensinamentos e sonhos, e levá-los adiante na profecia».³⁴²

Para o Papa Francisco a força e o caminho de mudança e da salvação desta sociedade «desarreigada» está na junção de forças dos jovens com os idosos - «duas gerações de rejeitados podem salvar todos».³⁴³

Por sua vez, Armando Matteo considera como grande sonho do Papa «uma sociedade na qual os jovens possam ser jovens», mas isto só poderá suceder quando, superando a ilusão de juventude, os adultos forem adultos e deixarem os jovens crescerem e serem adultos; só poderá acontecer se os adultos tiverem um verdadeiro amor pelos jovens,

³⁴¹ Bruno-Marie Duffé, «Press Conference to present the Document of the Pontifical Academy for Life: “Old age: our future. The condition of the elderly after the pandemic”», acedido a 24 de fevereiro de 2024, <https://www.vatican.va/content/salastampa/en/bollettino/pubblico/2021/02/09/210209a.pdf>. A tradução do inglês é da minha responsabilidade.

³⁴² Cf. Francisco, *Deus é jovem*, 35.

³⁴³ Cf. Francisco, 36, 51 e 54.

assumindo o seu papel de educadores e testemunhas; só poderá acontecer se ser jovem e juventude passar a designar uma fase da vida e de transição para a vida adulta; só acontecerá se os crentes voltarem a sonhar e desejar «trazer os jovens de volta à missa».³⁴⁴

Posto isto, e ainda a propósito da memória e a partir da imagem do sonho, o Papa Francisco recorda aos jovens na *Christus Vivit* que na mesma ordem em que algo partilhado ou recordado pelos pais e avós nos fazem imaginar o que sonharam para nós, também «o sonho primordial, o sonho criador de Deus, nosso Pai, precede e acompanha a vida de todos os seus filhos» (*Christus vivit*, 194). É importante ter consciência deste facto, Deus tem um sonho para cada um de nós – é uma bênção que se prolonga de geração em geração; devemos saber conservar e transmitir (cf. *Christus vivit*, 194).

Se caminharmos juntos, jovens e anciãos, poderemos estar bem enraizados no presente e, a partir daqui, frequentar o passado e o futuro: frequentar o passado para aprender com a história e para sarar as feridas que por vezes nos condicionam; frequentar o futuro, para alimentar o entusiasmo, fazer germinar sonhos, suscitar profecias, fazer florescer esperanças (*Christus vivit* 199).

Efetivamente, António Spadaro enfatiza esta preocupação do Papa Francisco em dar voz aos jovens e idosos, mesmo antes do início do seu pontificado. Os jovens deverão sair para lutar pelos valores e os idosos, enquanto “reserva cultural do povo” devem abrir a boca para ensinar e transmitir a sabedoria do povo.³⁴⁵

Com efeito, Armando Mateo, como anteriormente analisado, adverte para a rutura na transmissão da fé ao falar da “primeira geração incrédula” que está a aprender a viver sem Deus e sem Igreja, à qual ninguém narrou ou testemunhou a beleza e a importância da fé e, por isso, não sabem por que deveriam crer; a transmissão da fé em casa, como missão familiar começou a desaparecer, quebrando a “correia de transmissão [da fé] entre as gerações”, pelo que, se há umas décadas atrás se poderia dizer que nascer e tornar-se

³⁴⁴ Cf. Matteo, *Trazer os jovens de volta à missa*, 119-122.

³⁴⁵ Cf. Spadaro, *O Sonho do Papa Francisco*, 32. Na recente visita apostólica a Timor-Leste, o Papa Francisco no encontro com milhares de jovens no dia 11 de setembro de 2024 pediu aos jovens para se fazerem ouvir (“façam barulho”), pediu aos jovens para fazerem barulho, para ousarem testemunhar a sua fé. Reafirma o que diz na *Christus vivit*: “não percam a memória” (“Vocês são herdeiros daqueles que vos precederam fundando esta nação. Por isso, não percam a memória”). O Papa Francisco lembrou ainda, aos jovens o papel dos idosos: “são os avós e os idosos que dão sabedoria aos jovens”. Cf. Rui Saraiva, «Timor-Leste. Papa aos jovens: liberdade, compromisso e fraternidade», notícia do Semanário *Voz Portuguesa*, acessado a 11 de setembro de 2024, <https://www.vozportuguesa.pt/2024/09/11/timor-papa-aos-jovens-liberdade-compromisso-e-fraternidade/>.

cristão era quase o mesmo, pois era algo que ninguém questionava, hoje esta realidade é bem distinta.³⁴⁶

Assim, por falta do testemunho pessoal e familiar, pela perda da memória das gerações mais velhas, pela envolvimento num mundo cada vez mais secularizado e com novas modalidades de referência, e perante os graves escândalos de natureza sexual e económica dentro da Igreja, verifica-se um maior afastamento dos jovens da Igreja e das práticas comunitárias, permitindo concluir como Matteo que «o nome da crise atual do Cristianismo é perda de credibilidade».³⁴⁷

Por outro lado, os jovens pedem à Igreja (hierarquia, consagrados e leigos) coerência entre aquilo que anuncia e a forma de viver dos seus membros. «Os jovens pedem que a Igreja brilhe pela autenticidade, exemplaridade, competência, corresponsabilidade e solidariedade [...] [e desejam] que na Igreja se adote um estilo de diálogo menos paternalista e mais genuíno» (*Documento Final*, 57; IL 67). Os jovens pedem, deste modo, uma Igreja capaz de propor e transmitir a fé com alegria, verdade e autenticidade - «uma Igreja que partilhe a sua situação de vida em vez de fazer sermões» (IL 67).

Desejamos que a Igreja se aproxime de nós nos diversos lugares onde é pouco ou nada presente. De modo particular onde esperamos que a Igreja nos encontre são as ruas onde se encontram as pessoas de todos os tipos. A Igreja deveria tentar desenvolver novos caminhos para ir ao encontro das pessoas onde exatamente se encontram, nos lugares onde comumente sociabilizam: bares, cafés, parques, ginásios, estádios e outros centros culturais populares. Seria de considerar também espaços menos acessíveis, tais como os ambientes militares, o local de trabalho e as áreas rurais. Mas é igualmente importante que a luz da fé chegue a lugares mais soturnos como orfanatos, hospitais, bairros marginalizados, zonas de guerra, prisões, centros de reabilitação e zonas de prostituição. [...] gostaríamos de vê-la mais presente e eficaz. [...] Gostaríamos de ter uma Igreja acessível nos *media* sociais e nos vários espaços virtuais [...]. Em suma, gostaríamos que nos encontrassem onde

³⁴⁶ Cf. Matteo, *A primeira geração incrédula*, 34-36; Matteo, *Trazer os jovens de volta à Missa*, 67.

³⁴⁷ Cf. Matteo, *A primeira geração incrédula*, 35-36, 38, 47; Matteo, *Trazer os jovens de volta à Missa*, 77.

estamos- intelectualmente, emocionalmente, espiritualmente, socialmente e fisicamente». ³⁴⁸

Contudo, como foi reconhecido no *Instrumento Laboris* «“Os jovens são atraídos pela alegria, que deveria ser um sinal distintivo da nossa fé”, mas muitas vezes as comunidades cristãs parecem não ser capazes de transmitir» (IL 69). Deste modo, é necessário encontrar a melhor forma de transmitir o anúncio do evangelho e do modo cristão de viver.

No Documento da Reunião Pré-Sinodal com os Jovens já era evidenciado o estilo de apoio e o que os jovens buscam da Igreja, das comunidades e da família. «Os jovens procuram companheiros de caminho [...] testemunhas vivas que evangelizam com a própria vida». ³⁴⁹ Coerência e autenticidade é isso que garante credibilidade à Igreja, pois mais do que olhar às instituições em si, os jovens estão mais ligados às pessoas que fazem parte das instituições (IL 60).

Porém, como já evidenciamos nos capítulos anteriores, também na *Christus vivit* o Papa Francisco aborda a dificuldade dos adultos na sociedade contemporânea pós-moderna em transmitir “os valores fundamentais da existência” ao inverterem a relação entre jovens e adultos, pois estes assumem os estilos juvenis, abandonando o seu papel educativo e cultural, o que “dificulta enormemente a transmissão da fé” (*Christus vivit*, 80).

Com efeito, o Papa Francisco explicita que necessitamos criar espaços onde se possa ouvir a voz dos jovens, pois a escuta «estabelece as condições para um anúncio do Evangelho» (*Christus vivit*, 38), permite ganhar credibilidade junto dos jovens e «descobrir melhor o Evangelho» (*Christus vivit*, 41). Deste modo, afastamo-nos da tentação e erro de tornar o Evangelho demasiado abstrato e sem vida e, por isso, incompreensível e estéril, afastado das culturas juvenis hodiernas. Olhar o mundo através

³⁴⁸ Conferencia Episcopal Portuguesa, «Documento da Reunião Pré-Sinodal com os Jovens» em *Rumo à JMJ Lisboa 2023*, 83.

³⁴⁹ Conferência Episcopal Portuguesa, 80. Os agentes da pastoral juvenil ou orientadores devem ser cristãos empenhados na Igreja e no mundo, que procuram a santidade, alguém que saiba escutar, ser confidente sem julgar, que saiba reconhecer os seus limites, seja amável e de vida espiritual, que saiba reconhecer a sua própria humanidade e como pecadores perdoados, que fale com precisão até mesmos de assuntos problemáticos ou incómodos como a homossexualidade ou ideologia de género (Cf. Conferencia Episcopal Portuguesa, «Documento da Reunião Pré-Sinodal com os Jovens» em *Rumo à JMJ Lisboa 2023*, 81; *Christus vivit*, 246).

dos olhos dos jovens possibilita à Igreja manter-se jovem e desafia-lhe a adaptar a sua linguagem e a procurar novos rumos/caminhos, novas experiências.

Neste sentido, o Papa Francisco recorda que «Em vez de “sufocá-los com um conjunto de regras que transmitem uma imagem estreita e moralista do Cristianismo, somos chamados a investir na sua audácia e a educá-los”» (*Christus vivit*, 233), tal como «aquilo que o Evangelho nos pede é que sejamos audazes [...], sem presunção e sem fazer proselitismo, dando testemunho do amor do Senhor e estendendo a mão a todos os jovens do mundo» (*Christus vivit*, 235).

Por fim, é fundamental apresentar a reflexão crítica feita por Armando Matteo sobre os trabalhos decorridos no processo sinodal acerca da transmissão da fé aos jovens. Apesar da problemática da transmissão da fé às novas gerações ser abordada de forma evidente no *Documento Preparatório* da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos ao afirmar que «a pertença confessional e a prática religiosa se tornam cada vez mais características de uma minoria» com os jovens a aprender a viver «sem» o Deus do Evangelho e «sem» a Igreja, mas buscando formas de espiritualidade alternativas e desinstitucionalizadas, como também, ao reconhecer que a Igreja em muitos sítios «torna-se menos frequente, e por isso, é mais difícil encontrá-la, enquanto a cultura dominante é portadora de instâncias muitas vezes em contraste com os valores evangélicos»³⁵⁰, Matteo considera que o Sínodo dos Jovens dedicou uma «atenção periférica à discussão da questão da rutura da transmissão da fé entre as gerações»,³⁵¹ centrando mais a discussão sinodal na problemática da vocação e acompanhamento dos jovens³⁵² e «reduzindo a questão da crença/descrença dos jovens a simples nuances daquele anseio por espiritualidade»,³⁵³ de modo que «uma análise aprofundada do tão generalizado ateísmo juvenil e da escassa adultícia dos adultos não se encontra o mais pequeno indício».³⁵⁴

Matteo conclui que os trabalhos sinodais ao não abordarem o crescente e problemático ateísmo juvenil «não atingiram a substância da real da condição juvenil»

³⁵⁰ Conferencia Episcopal Portuguesa, «Documento Preparatório» em *Rumo à JMJ Lisboa 2023*, 13.

³⁵¹ Matteo, *Trazer os jovens de volta à missa*, 10.

³⁵² Cf. Matteo, 24-26; o autor relembra a finalidade do Sínodo apresentada no n.º 1 do *Instrumento Laboris*: cuidar e acompanhar todos os jovens «para rejuvenescer o próprio rosto da Igreja, acompanhando os jovens no seu percurso de discernimento vocacional nesta “mudança de época”».

³⁵³ Matteo, *Trazer os jovens de volta à missa*, 57.

³⁵⁴ Matteo, 21 e 27.

hodierna e da sociedade ocidental.³⁵⁵ Além disso, Matteo considera que no Sínodo a temática «Jovens, fé e discernimento vocacional» ficou reduzido a «Jovens e discernimento vocacional».³⁵⁶ Para o teólogo, não basta anunciarmos a nossa vontade em acompanhar os jovens no seu processo de discernimento vocacional³⁵⁷ se a fé cristã não é mais apelativa ou cativante para os jovens sobretudo porque não encontram exemplo na família e, por isso, concluída a iniciação cristã (quando a concluem), abandonam a comunidade paróquial,³⁵⁸ ficando o caminho aberto para buscarem novas formas de viver a espiritualidade ou o religioso fora do paradigma tradicional e construindo “a la carte” cada qual a sua identidade religiosa como se a fé se tratasse de meras colagens ou práticas segundo as suas próprias conveniências e necessidades.

Deste modo, Armando Matteo considera a rutura da transmissão da fé aos jovens «o verdadeiro “buraco negro” da ação pastoral de hoje»³⁵⁹ e que «a atual pastoral juvenil não está à altura da situação», pelo que defende a necessidade de continuar a reflexão eclesial sobre o ateísmo juvenil e redefinir a ação pastoral da Igreja com os jovens (crentes e não-crentes).³⁶⁰ Matteo denuncia, ainda, que depois do Sínodo «nada de novo» ocorreu na pastoral juvenil, continuamos a cuidar «apenas das ovelhas que permaneceram no redil»,³⁶¹ notando-se um «completo arquivamento do interesse pelos jovens que lutam com a fé cristã».³⁶²

Contudo, a partir do itinerário de escuta e pesquisa aos jovens do mundo inteiro, às conferências episcopais católicas e às igrejas do oriente iniciado em outubro de 2016 e, tendo em conta todo o processo, debate e documentação produzida no Sínodo dos Bispos de 2018, a Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus vivit* e suas orientações devem transformar-se, urgentemente, em prática pastoral. Esta implica uma renovação eclesial na qual devemos reconhecer a necessidade e missão de ir ao encontro dos jovens, reconhecendo cada jovem como ser único e irrepetível, como protagonistas e agentes de mudança. Para que isto aconteça é necessário deixar de olhar os jovens como um

³⁵⁵ Matteo, 43. Matteo considera o silêncio perante a inquietação ou crise da transmissão geracional da fé e do ateísmo juvenil uma das razões para justificar que a *Christus Vivit* seja um dos documentos menos vendidos do magistério do Papa Francisco. Cf. Matteo, *Trazer os jovens de volta à missa*, 29.

³⁵⁶ Matteo, *Trazer os jovens de volta à missa*, 10.

³⁵⁷ Matteo, 68.

³⁵⁸ Cf. Matteo, 78-79.

³⁵⁹ Matteo, 79.

³⁶⁰ Cf. Matteo, 79.

³⁶¹ Cf. Matteo, 8-9.

³⁶² Matteo, 8.

problema e contemplá-los como afirma o Papa Francisco «Vós sois o agora de Deus» (capítulo III da *Christus vivit*); é necessário superar a divisão Igreja/jovens e introduzir os jovens na Igreja, escutando-os e incluindo-os nos espaços de decisões (*Christus vivit*, 38); é necessário, ainda, neste movimento de ir ao encontro dos jovens, a Igreja e os agentes pastorais superarem a tentação de enquadrar as gerações mais novas em concepções, estereótipos e paradigmas pastorais pré-concebidos, procurando sempre novas e criativas soluções de propostas da fé e de acompanhamento juvenil e vocacional.³⁶³ Surge, conseqüentemente, a necessidade de analisar o que diz a exortação *Christus vivit* sobre a pastoral juvenil e vocacional.

3.3.5 A Pastoral Juvenil e Vocacional

O Papa Francisco anuncia três grandes verdades a transmitir a todos os jovens: «Deus ama-te» (*Christus vivit*, 112), «Cristo, por amor, se entregou até ao fim para te salvar» (*Christus vivit*, 118) e «Ele vive!» (*Christus vivit*, 124). Francisco, confiante neste anúncio, deseja e desafia os jovens a serem protagonistas e construtores de uma Igreja para este novo milénio. Se o Documento Final impele os jovens a imitarem a atitude de João que, na manhã de Páscoa corre adiantando-se a Pedro, mas que soube esperar por ele (*Documento Final*, 66) e, a atitude de Madalena, a primeira discípula-missionária, que corre a anunciar o mistério do sepulcro vazio e da ressurreição (*Documento Final*, 115), o Papa Francisco exorta:

Correi «atraídos por esse Rosto tão amado, que adoramos na Sagrada Eucaristia e que reconhecemos na carne do irmão sofredor. Que o Espírito Santo vos empurre nesta corrida para a frente. A Igreja precisa do vosso entusiasmo, das vossas intuições, da vossa fé. Fazeis-nos falta! E quando chegardes onde nós ainda não chegamos, tende paciência para esperar por nós» (*Christus vivit*, 299).

A mensagem do Papa Francisco é clara, podemos-nos lançar seguros nos braços abertos do Cristo Salvador, pois Ele vive, nos ama e nos sustentará; para Ele os jovens são valiosos, importantes e sem preço (*Christus vivit*, 115-116, 122) e «só quem é amado pode ser salvo. Só quem é abraçado pode ser transformado» (*Christus vivit*, 120); porque

³⁶³ Cf. Patrícia Teixeira e Rafael Fernandes, «Juventude e contemporaneidade: experiência humana, comunitária e pastoral», *Teocomunicação, Revista da Teologia da PUCRS*, 50, n.º 1 (2020): 2-4, <https://doi.org/10.15448/0103-314X.2020.1.38628>.

Deus nos ama, não importam os erros e suas circunstâncias (*Christus vivit*, 115, 120). Assim, afirma o Papa:

Se conseguires apreciar, com o coração, a beleza deste anúncio e te deixares encontrar pelo Senhor, se te deixares amar e salvar por Ele, se travares amizade com Ele e começares a conversar com Cristo vivo sobre as coisas concretas da tua vida, será essa a grande experiência, será essa a experiência fundamental que sustentará a tua vida cristã. Essa é também a experiência que poderás comunicar a outros jovens. Porque “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou por uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa [Cristo]” (*Christus vivit*, 129).

Consequentemente, para a Igreja a questão que se coloca é saber como agir e ajudar os jovens a prosseguir este caminho. Aliás, como indicam Rossano Sala e Giacomo Costa, a exortação *Christus vivit* não apresenta instruções pastorais diretas, mas o ensejo que cada comunidade se torne um espaço de discernimento e de fidelidade e que cada um assuma a responsabilidade de encontrar os melhores caminhos ou meios pastorais para auxiliar as novas gerações (cf. *Christus vivit*, 103), tornando-se, juntos, construtores de uma Igreja acolhedora, misericordiosa e que tem o amor de Deus por fundamento. Só assim, numa mudança de época como a presente, seremos capazes de uma renovação eclesial.³⁶⁴ Renovação que se estende à pastoral juvenil como refere o Papa: «No Sínodo apareceram muitas propostas concretas orientadas para renovar a pastoral juvenil e para a libertar de esquemas que já não são eficazes porque não entram em diálogo com a cultura atual dos jovens» (*Christus vivit*, 208; cf. *Christus vivit*, 202).³⁶⁵

Com efeito, segundo Rossano Sala e Giacomo Costa, o Papa Francisco na exortação *Christus Vivit* apresenta quatro dinâmicas para a renovação eclesial e pastoral juvenil.³⁶⁶ Primeiro, permanecer enraizados no caminho sinodal. «A pastoral juvenil só pode ser sinodal», isto é, formada num «caminhar juntos» e avançando para uma Igreja participativa e corresponsável, valorizando todos quantos nela fazem parte (*Christus vivit*, 206). Pela sua íntima relação, explicamos de imediato a quarta dinâmica para a renovação

³⁶⁴ Cf. Sala e Costa, «“Christus Vivit”, comentário e guia de leitura da Exortação Apostólica pós-sinodal sobre os jovens», sp.

³⁶⁵ O Papa Francisco no n.º 208 da exortação *Christus vivit* esclarece que não reúne todas as propostas na exortação, mas aponta a consulta para o Documento Final. Por sua vez, Rossano Sala e Giacomo Costa aconselham um estudo aprofundado e «cuidadoso discernimento eclesial» do Documento Final, pois ele apresenta cerca de noventa propostas. Cf. Sala e Costa, «“Christus Vivit”, comentário e guia de leitura da Exortação Apostólica pós-sinodal sobre os jovens».

³⁶⁶ Cf. Sala e Costa, «“Christus Vivit”, comentário e guia de leitura da Exortação Apostólica pós-sinodal sobre os jovens», sp.

eclesial e da pastoral: realizar caminhos sinodais. Sala e Costa salientam o estilo da sinodalidade missionária (cf. *Documento Final*, 118) que implique caminhar com os jovens ao encontro de todos, a purificação do coração e um modo de viver no exemplo e na fé encarnada, bem como, trabalhar juntos na escuta e discernimento de acordo com o método seguido no Sínodo, como o centro da renovação eclesial para que se possam alcançar as opções pastorais adequadas à realidade (cf. *Angelus* de 28 de outubro de 2018).

Segundo, assumir o hábito do discernimento quer a nível pessoal, quer a nível eclesial. «O processo de discernimento [durante todo o Sínodo] tornou-se uma necessidade eclesial», pois o discernimento baseia-se numa atitude de fé em que Deus atua na história do mundo e da humanidade. Como afirma o Papa Francisco, «Sem a sabedoria do discernimento, podemos converter-nos facilmente em marionetas à mercê das tendências do momento» (*Christus vivit*, 279) ou, ainda, «o discernimento converte-se num instrumento de luta para melhor seguir o Senhor», evitando cair na dupla tentação: tornar-nos em “velhos do restelo” querendo uma Igreja imóvel, amarrada ao passado ou pensar uma Igreja jovem somente porque acolhe tudo o que o mundo tem para oferecer, mascarando a sua mensagem (*Christus vivit*, 35). Assim sendo, do mesmo modo que os jovens devem discernir para orientar o seu projeto de vida e descobrir a sua vocação, assim a Igreja deve discernir para seguir e viver fielmente o Evangelho em cada tempo: «Ao mesmo tempo, cada discernimento pessoal interpela a comunidade, solicitando-a a pôr-se à escuta daquilo que o Espírito lhe sugere através da experiência espiritual dos seus membros: como cada crente, também a Igreja está em discernimento» (*Christus vivit*, 105).

Terceiro, reativar o protagonismo juvenil. O Papa Francisco faz um evidente apelo à responsabilidade de todos os jovens e de todos os crentes. Só assim se constrói uma Igreja participativa e em dinamismo de corresponsabilidade eclesial, uma Igreja capaz de acolher o contributo de todos, inclusive jovens e mulheres, religiosos, grupos e movimentos paroquiais – ninguém deve ficar de fora nem podemos deixar que alguém se exclua (*Christus vivit*, 206). Na exortação *Christus vivit* os jovens são convidados a construir comunidade com a sua alegria e generosidade (*Christus vivit*, 167) e a evangelizar no meio do mundo e da sociedade, procurando e lutando pelo bem comum (*Christus vivit*, 169). Os jovens são convidados a serem «protagonistas da mudança»:

Continuai a superar a apatia e a oferecer uma resposta cristã às inquietações sociais e políticas [...] do mundo. Peço-vos que sejais construtores do futuro, que deiteis as mãos ao trabalho por um mundo melhor. [...] sede lutadores pelo bem comum, sede servidores dos pobres, sede protagonistas da revolução da caridade e do serviço, capazes de resistir às patologias do individualismo consumista e superficial (*Christus vivit*, 174).

O protagonismo juvenil torna-se, assim, em instrumento de ação pastoral e missionária, pois os jovens que já encontraram Jesus Cristo, são os mais aptos para anunciar o Evangelho aos seus pares: «partilhai Jesus, comunicai a fé que Ele vos ofereceu» (*Christus vivit*, 176; cf. *Christus vivit*, 203, 210), porque, como dizia Santo Alberto Hurtado, «o Evangelho, mais do que uma lição, é um exemplo. A mensagem convertida em vida vivente» (*Christus vivit*, 175). Deste modo, para o Papa Francisco, esta abertura dos jovens à vida, ao mundo e ao serviço aos outros, bem como, a busca da sua vocação, reveste a pastoral juvenil de natureza vocacional (*Christus vivit*, 254) e missionária (*Christus vivit*, 240). Consequentemente, o princípio unificador de toda a pastoral é a sua dimensão vocacional (*Documento Final*, 139): «toda a pastoral é vocacional, toda a formação é vocacional e toda a espiritualidade é vocacional» (*Christus vivit*, 254).³⁶⁷

Koldo Gutiérrez Cuesta assinala, igualmente, que o futuro da Igreja está na sinodalidade.³⁶⁸ Portanto, o teólogo recorda que a pastoral sinodal baseia-se em quatro dinamismos: 1) porque Deus fala à Igreja e ao mundo através dos jovens, devemos olhar os jovens com a atitude de Jesus, com simpatia e proximidade (a simpatia torna-se uma característica da pastoral); 2) a partir da presença da Igreja junto dos jovens, escutar (mediante a escuta a Igreja entra no movimento de Deus que em Jesus vem ao encontro do homem; cf. *Documento Final*, 6); 3) a missão da Igreja é possibilitar que todos reconheçam Deus a atuar na sua vida, isto é, ajudar a discernir, incluindo o diálogo intergeracional; 4) e, consequentemente, caminhar juntos, valorizando o papel de todos e seus carismas. Assim, proximidade, escuta, discernimento e caminhar juntos tornam-se

³⁶⁷ O Documento Final do Sínodo de 2018 explica o que porquê de falar em pastoral juvenil e vocacional dirigida às jovens gerações: «é “juvenil”, porque os seus destinatários estão naquela singular e irrepitível idade da vida que é a juventude; é “vocacional”, porque a juventude é a fase privilegiada das escolhas da vida e da resposta ao chamamento de Deus [...] a juventude é o momento privilegiado para a escuta, a disponibilidade e o acolhimento da vontade de Deus» (DF 140).

³⁶⁸ Cf. Koldo Gutiérrez Cuesta, «Una Mirada Social a la Exhortación Christus Vivit», 23. Acedido a 9 de fevereiro de 2024. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7125226.pdf>.

palavras marcantes e caracterizadoras da pastoral juvenil, permitindo afirmar que a Igreja tem um rosto relacional.³⁶⁹

Portanto, na *Christus vivit* a pastoral juvenil em contexto sinodal envolve duas linhas de ação: a busca (convocação/chamamento para experiência com Jesus) e o crescimento (desenvolvimento do caminho dos que já fizeram a experiência do encontro com Jesus). Na busca o Papa Francisco confia nos jovens para encontrar caminhos e meios para convidar e despertar o primeiro anúncio noutros jovens (cf. *Christus vivit*, 219), cabendo à Igreja e comunidades «estimular e dar-lhes liberdade para que eles se entusiasmem missionando nos âmbitos juvenis» (*Christus vivit*, 210). Mas para isso, adverte o Papa Francisco, há que «privilegiar o idioma da proximidade, a linguagem do amor desinteressado, relacional e existencial», pois o que arrasta e cativa é o testemunho de vida que encarna o evangelho e vive a fé coerentemente (*Christus vivit*, 211). Tocados pela experiência e encontro com Deus, a exortação alerta para a tentação do excesso de formação sobre questões doutrinárias e morais, situação desmotivante para os jovens (*Christus vivit*, 212). Por isso, recorda os dois eixos para amadurecer a fé dos jovens – o aprofundamento do “Kerygma” (a experiência pessoal fundante do encontro com Deus e do amor em Jesus Cristo) e o «crescimento no amor fraterno, na vida comunitária, no serviço» (*Christus vivit*, 213). A pastoral juvenil não pode substituir a «experiência gozosa do encontro com o Senhor por uma espécie de “doutrinação”», pelo contrário, deverá insistir «em momentos que ajudem a renovar e a aprofundar a experiência pessoal do amor de Deus e de Jesus Cristo vivo» (*Christus vivit*, 214), e em meios que deem relevo ao amor fraterno, que ajudem «os jovens a crescerem na fraternidade, a viverem como irmãos, a ajudarem-se mutuamente, a criarem comunidade, a servirem os outros, a estarem perto dos pobres» (*Christus vivit*, 215). Este será para muitos «o primeiro passo para descobrir ou redescobrir a vida cristã e eclesial» (*Christus vivit*, 225).

Neste sentido, o Papa Francisco adverte para a necessidade das instituições da Igreja se focarem no acolhimento dos jovens, tornando-se em lugares de proximidade e de confiança, criando o ambiente familiar, onde possam ir ao encontro de outros jovens tanto nos momentos de sofrimento ou de alegrias, onde possam partilhar a música, a dança, o desporto, ou desenvolver atividades de voluntariado, de cuidado do ambiente ou propostas de oração e contemplação (*Christus vivit*, 218, 224-228). Também, por isso, o

³⁶⁹ Cf. Cuesta, «Una Mirada Social a la Exhortación Christus Vivit», 16-17.

Papa Francisco recorda que a pastoral escolar, mais do que se centrar numa restrita instrução religiosa, deverá promover experiências de fé, diálogo, interdisciplinaridade e fomentar a cultura do encontro – saber «integrar os saberes da cabeça, do coração e das mãos» (*Christus vivit*, 222).

Deste modo, partindo do princípio de que a pastoral juvenil está para ajudar os jovens a viverem a sua vida como Jesus viveu, Koldo Gutiérrez Cuesta observa que muitas equipas de pastoral juvenil não consideram prioritária a reflexão e análise dos contextos/realidades nos quais implementam os seus programas de ação.³⁷⁰ Os argumentos (desculpas) segundo o autor, normalmente, encerram-se em poucos elementos nas equipas, falta de tempo e a consideração que a sua ação é mais prática do que teórica.³⁷¹ Contudo, conhecer a realidade, os destinatários, realizar o discernimento do que é bom e proveitoso para cada situação e justificar as opções pastorais, implica uma reflexão pastoral.³⁷²

Koldo Cuesta argumenta que os próprios documentos do Sínodo dos Jovens (IL, *Documento Final*, e *Christus vivit*,) são fruto de uma intensa escuta e reflexão. Por exemplo, o *Instrumentum Laboris* reconhece alguns males que envolvem a pastoral juvenil (improvisos, má planificação, setorialização) e clarifica que os projetos pastorais devem ser fruto de caminho de discernimento (IL 206); o *Documento Final*, que recolhe o discernimento feito na Assembleia Sinodal, sugere que a pastoral juvenil abandone a prática da fragmentação pastoral por sectores para se transformar numa pastoral integrada e em rede, desenvolvendo um trabalho por projetos (*Documento Final*, 141); e, para implementar as duas grandes linhas de ação da pastoral juvenil (movimento de busca e do crescimento) propostas pelo Papa na exortação *Christus vivit*, acima explicadas, é agora necessário a devida reflexão.³⁷³

De facto, o discernimento é um dinamismo que faz parte da cultura de reflexão. E a exortação pós-sinodal *Christus vivit* recomenda uma pastoral juvenil do discernimento, pois o objetivo do acompanhamento dos jovens é o discernimento, de modo, que as orientações e ações pastorais possam responder às realidades e necessidades dos

³⁷⁰ Cf. Koldo Cuesta, «La cultura de la reflexión en la pastoral juvenil», *Misión Joven* n. 515 (2019): 15-16, <https://www.pastoraljuvenil.es/wp-content/uploads/2020/07/MJ515-04-ESTUDIO-Koldo2.pdf>.

³⁷¹ Cf. Cuesta, 16.

³⁷² Cf. Cuesta, 16.

³⁷³ Cf. Cuesta, 17.

jovens.³⁷⁴ Assim, Koldo Cuesta, partindo do Instrumento de Trabalho do Sínodo, que afirma que o cerne do problema da pastoral juvenil não está nos jovens, mas nos adultos demasiado adolescentes, nos cristãos líquidos e pouco discípulos, numa igreja demasiado burocrática, incapaz de viver como a alegre família de Deus, marcada por uma timidez apostólica e afastada dos jovens, opina que o Sínodo propõe evangelizar os evangelizadores, ou seja, promover uma formação (enquanto processo pessoal de amadurecimento da fé e configuração de vida com Jesus Cristo) que possibilite a formação conjunta dos adultos e jovens (formação das suas motivações, da vocação, das competências e para a missão).³⁷⁵

Consequentemente, Cuesta destaca os seis desafios antropológicos e culturais do *Instrumentum Laboris* (IL 52-63) sobre os quais a Igreja católica deve refletir e procurar dar respostas para favorecer a construção de uma identidade sólida: 1) o corpo, a afetividade e sexualidade; 2) os novos paradigmas cognitivos e a busca da verdade; 3) os efeitos do mundo digital; 4) a decepção institucional e as novas formas de participação; 5) a paralisia decisória na superabundância das propostas; 6) ir além da secularização. Por isso, segundo Cuesta o que se pede à pastoral juvenil não é uma doutrinação, mas «uma profunda formação teológica, que capacite para uma reflexão orgânica, hermenêutica e crítica da própria fé cristã» tal como adverte o Papa Francisco na exortação *Christus Vivit* (212-214. 225).³⁷⁶

Consequentemente, Cuesta apresenta duas chaves que potenciam a reflexão pastoral: a interioridade pastoral (capacidade de viver a missão a partir do coração; é o compromisso espiritual, dispor-se a escutar a voz de Deus) e a inteligência pastoral (“ler dentro” a realidade juvenil) - é preciso escutar, interpretar e compreender os jovens para depois propor a vida cristã, isto é, anunciar o essencial da fé como resume o Papa Francisco em três verdades: Deus te ama, Cristo te salva e Ele vive o Espírito te acompanha na vida).³⁷⁷

Por fim, Cuesta indica um conjunto de propostas que favorecem uma cultura de reflexão pastoral: a autoformação (perante os novos e constantes desafios existenciais, é

³⁷⁴ Cf. Cuesta, 18.

³⁷⁵ Cf. Cuesta, 19.

³⁷⁶ Cf. Koldo Gutiérrez Cuesta e Jesús Martínez, «La pastoral juvenil ante el pluralismo religioso», *Misión Joven* n.º 509 (2019): 28, <https://www.pastoraljuvenil.es/wp-content/uploads/2020/07/MJ509-05-ESTUDIO-Koldo-y-Jesus.pdf>.

³⁷⁷ Cf. Cuesta, «La cultura de la reflexión en la pastoral juvenil», 20-22.

necessária uma constante reciclagem e atualização; formação como um processo ao longo da vida); o gosto pela leitura (que favorece nas equipas pastorais o diálogo e o decifrar códigos, o diálogo entre fé e cultura e a inculturação do evangelho); o implicar-se no trabalho em equipa (rosto visível da corresponsabilidade e sinodalidade da missão da Igreja); assumir liderança pastoral (é a arte de implicar, de envolver todos e integrar os seus carismas com autoridade do exemplo e responsabilidade; conhecer a realidade; valorizar a comunicação e saber gerar confiança; cf. *Christus vivit*, 231); favorecer foros de discernimento e reflexão (partilha de experiências e espaço de diálogo).³⁷⁸

Koldo Cuesta esclarece que encontramos uma pluralidade de situações no que respeita à religiosidade dos jovens: uns definam-se como cristãos, outros que professam outras confissões religiosas, outros declaram-se afastados da fé ou ainda que não têm religião. Diante deste cenário a questão é a quem e que proposta pastoral que devemos oferecer. A evangelização é uma missão da Igreja que deve ser dirigida a todos, isto é, aos que conservam a fé, aos (batizados) que dela estão afastados e àqueles que não conhecem Jesus Cristo ou que o rejeitaram (cf. *Evangelii gaudium* 14). Do mesmo modo, a pastoral juvenil deve-se estender a todos estes cenários.³⁷⁹ Para Cuesta e Martínéz, fazer pastoral juvenil implica o reconhecimento que as comunidades cristãs têm algo importante a propor aos jovens: um caminho de fé e de vida comunitária fundado nos valores cristãos.³⁸⁰ Assim, partindo da análise da exortação *Christus vivit*, estes autores apresentam alguns critérios orientadores da pastoral juvenil³⁸¹, a saber:

- a) critério de educação integral – no centro da proposta pastoral deverá estar cada jovem e a sua circunstância; portanto, o ponto de partida é a realidade de cada jovem, por isso as propostas pastorais deverão ser diferenciadas e personalizadas; o objetivo da pastoral é fazer com que cada jovem assuma conscientemente os valores que orientam a vida, alcançado o protagonismo no seu processo de amadurecimento (cf. *Christus vivit*, 137);
- b) critério evangelizador – uma pastoral que recebe a sua força do testemunho dos educadores e agentes de pastoral; uma pastoral na qual a evangelização faz-se a partir do acolhimento, proximidade, acompanhamento, compromisso e anúncio, de itinerários simples (relacionados com a vida diária) e respeitando o ponto de

³⁷⁸ Cf. Cuesta, «La cultura de la reflexión en la pastoral juvenil», 22-24.

³⁷⁹ Cf. Cuesta e Martínez, «La pastoral juvenil ante el pluralismo religioso», 49.

³⁸⁰ Cf. Cuesta e Martínez, 52.

³⁸¹ Cf. Cuesta e Martínez, 52-54.

- partida de cada jovem, conforme modelo do anúncio das três verdades apresentado pelo Papa Francisco na exortação (cf. *Christus vivit*, 111-133);
- c) critério comunitário – acreditando nas capacidades dos jovens em construir o seu futuro. procurar transmitir crenças e valores (a partir do afeto e proximidade) oferecendo uma forma de ser família e comunidade (cf. *Christus vivit*, 217);
 - d) critério de protagonismo juvenil – favorecer a participação dos jovens nos projetos pastorais; promover uma pastoral juvenil popular capaz de criar espaços de inclusão para todos os jovens, abraçando propostas da e para a piedade popular (*Christus vivit*, 234);
 - e) critério do serviço solidário e o compromisso – construir a amizade social, buscar o bem comum; viver a cultura do encontro (*Christus vivit*, 169); propor programas ou processos que favoreçam o compromisso e serviço solidário; pôr em movimento e acompanhar os processos, de modo a cada jovem possa interiorizar os valores cristãos transmitidos nos programas pastorais.

De facto, o Papa Francisco, valorizando as expressões culturais e a piedade popular, propõe na *Christus vivit* uma pastoral juvenil popular que abra as portas da Igreja a todos (cf. *Christus vivit*, 234). A pastoral juvenil popular

consiste numa pastoral mais ampla e flexível que estimule, nos diversos lugares onde se movem os jovens reais as lideranças naturais e os carismas que o Espírito Santo já semeou entre eles. Trata-se, antes de mais nada, de não colocar tantos obstáculos, normas, controles e enquadramentos obrigatórios aos jovens crentes que são líderes naturais nos bairros e nos diferentes ambientes. Devemos limitar-nos a acompanhá-los e estimulá-los (*Christus vivit*, 230).

Consequentemente, como modelo da pastoral juvenil popular, o Papa Francisco elucidou o episódio dos discípulos de Emaús: aproximou-se, escutou-os pacientemente e ajudou-os reconhecer aquilo viviam; depois orienta-os na interpretação, à luz da Palavra, dos acontecimentos que viveram; ficando com os discípulos, abrem-se-lhes os olhos a partir do pão e tomem a decisão (escolha) de «voltar à comunidade e partilhar a experiência do encontro com Jesus Ressuscitado» (*Christus vivit*, 237).

Neste sentido, o Papa Francisco desafia a Igreja a deixar os seus habituais esquemas pastorais e a abraçar outros modelos para chegar a todos os jovens e ambientes; é uma pastoral que se constrói pela proximidade, aprendendo a «a auscultar o sentir do povo, a

constituir-se seus porta-vozes e a trabalhar pela sua promoção» (*Christus vivit*, 231). É uma pastoral que respeita os ritmos de cada um; é um processo paciente e compassivo (*Christus vivit*, 236). Desejar uma pastoral pura e abstrata, enfatiza o Papa Francisco, transforma o Evangelho numa proposta desalentada e «separada das culturas juvenis e adaptada só a uma elite juvenil cristã» (isolada e sem vida) e num cristianismo moralista (cf. *Christus vivit*, 232 e 233).

Compreende-se, assim, a proposta de espiritualidade aos jovens feita pelo Papa Francisco a partir dos dinamismos próprios da juventude: os seus sonhos e escolhas, a vontade de viver e de experimentar, as suas relações de amizade, entre elas a abertura à amizade com Jesus, o seu espírito generoso e de missão, a vivência da fraternidade (preocupação pelo outro/ por causas e desejo de construir um mundo melhor), marcam o desenvolvimento da personalidade e da espiritualidade durante a juventude (cf. *Christus vivit*, 137-175). Entendendo a vida de forma mais ampla e fraterna, a pastoral dos jovens deve ser sempre uma pastoral missionária, promovendo novas forma de missão, de fraternidade e de compromisso a partir da fé para a construção de uma sociedade nova (*Christus vivit*, 168).

Retomemos, pois a ideia do princípio unificador de toda a pastoral - a sua dimensão vocacional (*Documento Final*, 139-140; *Christus vivit*, 254). De facto, o discurso do Papa Francisco orienta-nos para uma pastoral juvenil vocacional. «O fundamental é discernir e descobrir que aquilo que Jesus quer de cada jovem é, antes de mais, a sua amizade» (*Christus vivit*, 250) e, o Papa Francisco confirma isto acrescentando que «Para discernir a própria vocação, deve-se reconhecer que essa vocação é o chamamento de um amigo: Jesus» (*Christus vivit*, 287). E o Papa lembra a todos «quando o Senhor pensa em cada um, naquilo que desejaria oferecer-lhe, pensa nele como seu amigo pessoal» (*Christus vivit*, 288). Por isso, Francisco propõe o discernimento da amizade como modelo de discernimento da vontade de Deus para os jovens (*Christus vivit*, 287).

Com efeito, uma característica desse chamamento de Jesus Cristo é o serviço missionário aos outros (cf. *Christus vivit*, 253) que se reveste de uma dimensão profética frente à cultura da indiferença no mundo contemporâneo, dado que «a nossa vida na terra alcança a sua plenitude quando se converte em oferenda» (*Christus vivit*, 254). Aqui salientamos duas expressões fortes e clarificadoras do Papa Francisco: «Eu sou uma missão nesta terra» (*Christus vivit*, 254) e «ser para os outros» (*Christus vivit*, 258). Deste modo, a pastoral juvenil deve ser sempre missionária (cf. *Christus vivit*, 240).

A vida que Jesus nos oferece é uma história de amor, uma *história de vida* que se quer misturar com a nossa e criar raízes na terra de cada um [...] *é um convite a fazer parte de uma história de amor*, que se entretetece com as nossas histórias, que vive e quer nascer no meio de nós, para que dêmos fruto onde que estejamos, como estivermos e com quem estivermos (*Christus vivit*, 252). «Quando o Senhor suscita uma vocação, não pensa apenas naquilo que tu és, mas em tudo aquilo que juntamente com Ele e com os outros poderás chegar a ser» (*Christus vivit*, 289).

Referenciamos, ainda, os dois temas destacados na exortação pelo Papa Francisco com relação direta com a vocação: o amor/família e o trabalho.

«Os jovens sentem fortemente o apelo do amor e sonham encontrar a pessoa adequada com quem formar uma família e construir uma vida juntos. É, sem dúvida, uma vocação que o próprio Deus propõe através dos sentimentos, dos desejos, dos sonhos.» (*Christus vivit*, 259). Apesar de todas as transformações sociais, «a família continua a ser o principal ponto de referência para os jovens» (*Christus vivit*, 262) e, perante o amor sério e para sempre, pede o Papa Francisco que os jovens, frente à cultura do provisório que crê que nada pode ser definitivo, sejam revolucionários, rebeldes e caminhem contra a corrente (cf. *Christus vivit*, 264).

A outra relação direta com a vocação é o trabalho. O trabalho deve ser visto como uma necessidade, como parte do sentido da vida, «como caminho de amadurecimento, de desenvolvimento humano e de realização pessoal» (*Christus vivit*, 269), pois o trabalho «permite aos adultos jovens satisfazerem as suas necessidades práticas, mas, ainda mais importante, procurarem o significado e o cumprimento dos seus sonhos e visões». Porém, apesar das formas de exclusão e marginalização que se podem experimentar no mundo do trabalho como seja o desemprego (cf. *Christus vivit*, 270), o Papa apela aos jovens que nunca renunciem aos seus sonhos e se deem por vencidos (*Christus vivit*, 272).

Efetivamente, na construção do seu projeto de vida os jovens precisam de ser acompanhados pelos adultos - pela família e pela comunidade. Ambos desempenham um papel de relevo no acolhimento, estímulo e desenvolvimento dos sonhos e projetos dos jovens (cf. *Christus vivit*, 242-243). O Sínodo reconheceu a carência de pessoas especializadas e dedicadas ao acompanhamento (*Christus vivit*, 244), mas também os próprios jovens descreveram as características que esperam de um orientador e/ou acompanhante:

Que seja um autêntico cristão comprometido com a Igreja e com o mundo; que procure constantemente a santidade; que compreenda sem julgar; que saiba escutar [...] que seja bondoso e consciente de si próprio; que reconheça as suas limitações e que conheça a alegria e o sofrimento que todo o caminho espiritual implica. [...] que se reconheçam como pecadores perdoados (*Christus vivit*, 246).

O acompanhador deve caminhar ao lado dos jovens, permitindo-lhes ser os protagonistas do seu processo de discernimento e caminho vocacional (cf. *Christus vivit*, 246). Neste sentido, na exortação *Christus vivit*, a quem acompanha os jovens, seja sacerdote, religioso, leigo ou outro jovem capacitado, é-lhe pedido três sensibilidades no processo de escuta e acompanhamento. Primeiro, atenção à pessoa que se dá e revela através das suas palavras; atenção ao tempo que dedico aos outros como Jesus escutou e acompanhou pacientemente pelo caminho os discípulos de Emaús; segundo, atenção ao discernimento, saber distinguir o que é a graça e o que é a tentação – propor a verdade e afastar os enganos e seduções; terceiro, «escutar os impulsos para frente que o outro experimenta»; não olhar para aquilo que nos possa agradar mais, «mas para aquilo que mais agrada ao Senhor», para que o projeto de vida do jovem possa ser também resposta ao chamamento de Jesus (cf. *Christus vivit*, 294).

Com efeito, Armando Matteo, analisando a exortação pós-sinodal *Christus vivit*, apresenta dez proposições³⁸² (gestos simples) do Papa Francisco que, de certa forma, procuram animar a renovação da ação pastoral da Igreja católica dirigida aos jovens (ao menos no Ocidente) de modo a garantir o seu futuro (sobrevivência) e, respondendo a uma sociedade que parece não ter outra fé senão a da eterna juventude, permitam sonhar com «uma sociedade em que os jovens possam ser jovens e tornar-se adultos e crentes em Jesus».³⁸³

- Chorar: chorar os dramas e o abandono dos jovens por adultos que lhes roubam a juventude (*Christus vivit*, 79); ser uma Igreja capaz de chorar «para que a sociedade também seja mais mãe» (*Christus vivit*, 75);

- Ouvir: Precisamos «criar espaços onde ressoe a voz dos jovens» (*Christus vivit*, 38); ouvir os jovens para que a Igreja não perca o entusiasmo e se mantenha jovem (*Christus vivit*, 37); escutar os estímulos sobre a defesa dos direitos das mulheres

³⁸² Cf. Matteo, *Trazer os jovens de volta à missa*, 125-140.

³⁸³ Cf. Matteo, 124-125.

(*Christus vivit*, 42), o testemunho sacerdotal (*Christus vivit*, 99-102), a atenção à linguagem e métodos da pastoral juvenil pouco estruturados (*Christus vivit*, 204-205), o cuidado da liturgia e do sentido de festa (*Christus vivit*, 224) e o perfil do acompanhante dos jovens (*Christus vivit*, 246), como também as críticas que os jovens apontam à Igreja como os escândalos sexuais e económicos ou o papel passivo dos jovens nas paróquias (*Christus vivit*, 40; *Documento Final*, 53);

- Observar: aprender a olhar para os jovens com os olhos de Deus Pai; em vez de acentuar defeitos ou limites, olhar os jovens com olhos purificados capazes de os entender como «terra santa», sementes de vida divina capazes de nos adentrar no mistério de Deus (*Christus vivit*, 67); observar o compromisso de tantos jovens que no mundo se envolvem e lutam pelas questões ambientais, que lutam contra as injustiças e desigualdades e contra a guerra, que se comprometem com a dignidade humana e o bem comum, que se empenham por sociedade onde todos tenham lugar e não seja apenas o mundo dos adultos;

- Refletir: os jovens podem até estar afastados da religião ou da Igreja, mas são sensíveis à figura de Jesus, assim, «só uma Igreja menos centrada em si mesma e mais capaz de refletir Jesus Cristo está à altura da atual difícil relação dos jovens com o universo da fé»;³⁸⁴ toda a comunidade cristã (e não só a pastoral juvenil) e, em qualquer circunstância, deve ser um reflexo (espelho) de Jesus Cristo (*Christus vivit*, 39);

- Anunciar: «Cristo está vivo», «Ele vive e quer-te vivo» (*Christus vivit*, 1) «Deus ama-te» (*Christus vivit*, 112), «Cristo salva-te» (*Christus vivit*, 118) e «Ele Vive» é este o grande anúncio, a nossa dívida aos jovens explanado no primeiro parágrafo da exortação e no seu quarto capítulo; os jovens precisam que os cristãos sejam testemunhas autênticas da ressurreição de Cristo, de Cristo vivo em seu coração, de modo a permitir que os jovens criem também um vínculo de amizade com Jesus (*Christus vivit*, 129);

- Apresentar: para as novas gerações que se aproximam da fé é essencial a oração para desenvolver a amizade com Jesus Cristo que ajuda a descobrir o «segredo da doação de si onde se realiza o sentido humano da habitação do mundo»³⁸⁵ (*Christus vivit*, 155); é preocupante a demissão familiar neste sentido, cada vez são mais as crianças que iniciam a catequese o exemplo de rezar em casa, sem saber fazer o sinal da cruz, sem conhecer qualquer pequena oração; preocupante é, igualmente, haver comunidades e

³⁸⁴ Matteo, 130.

³⁸⁵ Matteo, 134.

movimentos paroquiais que se tornaram lugares onde a comunidade eclesial não ensina a orar; é necessário encontrar novos estilos ou modalidades de valorização da oração (*Christus vivit*, 224); «é chegada a hora de transformar os nossos lugares eclesiais – paróquias, movimentos, associações – em verdadeiras e autênticas casas e escolas de oração: isto é, lugares onde não só nos dedicamos à oração, mas onde ensinamos a rezar»³⁸⁶ (a nossa vida, os nossos encontros e relações...);

- Fazer «casa»: numa sociedade de adultos «em que os espaços, a atenção e os recursos para as novas gerações tendem a diminuir exponencialmente, a Igreja é chamada a fazer “casa” com e para os jovens, a dar e a ser a “casa” dos jovens»; fazer com que os jovens se sintam em casa na casa do Senhor;³⁸⁷ como refere o Papa Francisco na exortação *Christus Vivit* fazer casa é «criar família; é aprender a sentirmo-nos unidos aos outros [...] precisa da colaboração de todos [...] visto que cada um é uma pedra necessária na sua construção» (*Christus vivit*, 217);

- Aprender: perante a profunda mudança cultural que vivemos, o convite e desafio à Igreja é a sinodalidade; caminhar juntos na reflexão e discernimento sobre o caminho eclesial; aprender uns com os outros; «a pastoral juvenil só pode ser sinodal» (*Christus vivit*, 206); «devemos, portanto, aprender a aprender com os jovens»³⁸⁸ (cf. *Christus vivit*, 207); sem a hierarquia da Igreja abraçar a sinodalidade e esta aprendizagem com todos envolvidos, não há lugar para uma eficaz mudança de mentalidade pastoral.³⁸⁹

- Estimular: dar vida e «espaço a uma pastoral juvenil popular» (*Christus vivit*, 230); prestar atenção e estimular as dinâmicas de religiosidade popular (de inculturação e anúncio do evangelho); uma pastoral juvenil (popular) capaz de cativar e apostar nos jovens crentes que são líderes nos mais diversos lugares e ambientes e, depois, serão eles a motivar a gerações crentes mais velhas e a integrar com a sua generosidade os mais frágeis da sociedade (*Christus vivit*, 231);

- Encorajar: que «as comunidades cristãs sejam lugares onde os jovens possam sentir-se encorajados»³⁹⁰ e que eles as oiçam dizer: «não deixes que te roubem a esperança e a alegria» (*Christus vivit*, 107); que as comunidades sejam lugares que estimulem os jovens

³⁸⁶ Matteo, 134.

³⁸⁷ Matteo 135.

³⁸⁸ Matteo, 136.

³⁸⁹ Matteo 137.

³⁹⁰ Matteo, 140.

a sonhar, a ousar mais, a querer conquistar o mundo (cf. *Christus vivit*, 15) a serem originais, únicos e santos (cf. *Christus vivit*, 107).³⁹¹

Posto isto, e analisadas as orientações do Papa Francisco na exortação *Christus Vivit* podemos afirmar que elas nos conduzem para uma pastoral juvenil e vocacional de gestação e relacional, nomeadamente, a partir das acentuações na sinodalidade, na escuta e no valor do diálogo, no acompanhamento e discernimento, dos apelos a uma Igreja mais próxima, coerente e de testemunho, com o desejo de estar presente onde os jovens estão, especialmente, onde a vida se revela mais precária, pelo desejo de promover as relações intergeracionais (papel dos avós na educação religiosa e na transmissão da fé), pelo reconhecimento dos carismas presentes nas comunidades e pela importância da Palavra de Deus no trabalho pastoral na construção e fortalecimento da identidade dos que fazem encontro com Cristo e se tornam discípulos, de modo, também a resistir e responder às ideologias e modos de viver do presente (enfraquecimento da figura paternal/familiar, adultos que assumem estilos de vida "juvenis").³⁹²

Na verdade, por pastoral de gestação entende-se uma pastoral de proposta do Evangelho,³⁹³ que vai ao encontro do mistério da fé, que quer gerar vida em todas as suas dimensões, cristã, espiritual, física, afetiva, psicológica e intelectual,³⁹⁴ uma pastoral que se desenvolve em comunidade e nas relações de proximidade;³⁹⁵ uma pastoral que deseja que cada um alcance a sua identidade própria e desenvolva a experiência pessoal do acolhimento de Deus, tornando-se, por isso, o acompanhamento das pessoas e o discernimento prioridades pastorais.³⁹⁶

Por sua vez, Pierrette Daviau salienta que na busca de identidade e espiritualidade cada indivíduo é agente do seu projeto de vida e é requerido aos agentes pastorais de gestação que «favoreçam mais as vivências do que o conhecimento de determinado

³⁹¹ No número 107 da exortação *Christus vivit*, o Papa Francisco faz referência ao jovem beato Carlo Acutis que disse «todos nascem originais, mas muitos morrem como fotocópias»; é o desafio a permanecerem fiéis à sua originalidade, àquilo que Deus nos chama. Cf. Matteo, *Trazer os jovens de volta à Missa*, 140.

³⁹² Cf. Philippe Bacq, «Para uma pastoral de gestação», 20-27, 33-34; cf. Christoph Theobald, «Hoje é o “tempo favorável”». Para um diagnóstico teológico do tempo presente», em *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), 83; Pierrette Daviau, «Espiritualidade de gestação e práxis pastoral», em *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, trad. Maria do Rosário Pernas (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), 186-190.

³⁹³ Cf. Bacq, «Para uma pastoral de gestação», 27 e 33. Cf. Neto, *Hora de mudança na transmissão da fé*, 149 e 152.

³⁹⁴ Cf. Bacq, «Para uma pastoral de gestação» 20.

³⁹⁵ Cf. Bacq, 22.

³⁹⁶ Cf. Bacq, 26.

saber», pois Deus comunica-se através da experiência, pelo que é imperioso «iniciar as pessoas ao mistério, mediante uma experiência de fé».³⁹⁷ Daviau caracteriza a espiritualidade de gestação como aquela que «olha para Jesus na sua caminhada, naquilo que Ele viveu junto dos seus, naquilo que Ele diz e faz».³⁹⁸ Por isso, a alteridade, o existir em relação (com colegas, amigos, família...) – relações de reciprocidade, ternura, solidariedade e de compaixão – são expressão da identidade espiritual da pastoral de gestação.³⁹⁹

Assim sendo, a Igreja necessita desenvolver uma pastoral dinâmica, aberta à novidade, procurando os melhores meios e ferramentas para cada tempo, geografia e contexto sociocultural. A pastoral juvenil e vocacional não podem estar descoordenadas ou subdividida em sectores muito especializados: é necessária uma maior coordenação e integração, abandonando o «trabalho por sectores» e propondo um «trabalho por projetos» (*Documento Final*, 141).

Neste âmbito, para que possam surgir projetos de qualidade na pastoral juvenil, Rui Alberto, sugere a partilha de informações e experiências entre todos os agentes pastorais; defende a animação como método, pois «permite um modo adulto de acolher o mundo juvenil»; propõe capacitar os recursos através de mais e melhor formação; desenvolver projetos com levantamento das problemáticas e práticas de avaliação; fazer pastoral juvenil numa lógica de iniciação cristã, oferecendo presença, acolhimento e práticas “kerigmáticas” de modo assertivo e adaptadas aos padrões culturais dos jovens.⁴⁰⁰

Além disso, esta ação prática implica, ainda, uma catequese que permita a maturidade da fé, a iniciação aos sacramentos e às diversas formas de ser Igreja (pastoral vocacional), a aposta na promoção da diversidade de carismas e que a atuação das estruturas eclesiais de coordenação e animação pastoral juvenil seja um promotor de mudança, de diálogo e de encontro perante uma realidade plural, fluida e contraditória.⁴⁰¹

Contudo, Armando Matteo, tendo presente o número 70 da *Evangelii Gaudium* que denuncia a quebra geracional da transmissão da fé e o facto deste não ser mencionado nos

³⁹⁷ Cf. Daviau, «Espiritualidade de gestação e práxis pastoral», 180 e 183.

³⁹⁸ Daviau, 186.

³⁹⁹ Cf. Daviau, 186 e 188.

⁴⁰⁰ Cf. Alberto, «A pastoral juvenil no contexto da Nova Evangelização», 81-86. A catequese tem por função acompanhar fraternalmente o indivíduo na descoberta ou redescoberta de Cristo ou, ainda, no aprofundamento da fé cristã. Cf. Neto, *Hora de Mudança na transmissão da fé*, 35.

⁴⁰¹ Cf. Alberto, 86-88.

documentos do Sínodo de 2018, adverte para a necessidade de se retomar a discussão eclesial sobre o ateísmo juvenil e delata que depois do sínodo pouco ou nada de novo foi feito no modo de estruturar a pastoral juvenil, pois continua a Igreja centrada em apascentar “apenas as ovelhas que permaneceram no redil”.⁴⁰²

Com efeito, face às exigências do momento presente e da pós-modernidade, diante de uma sociedade sem adultos, que já nem educa nem inicia nenhuma prática religiosa, onde transmissão tradicional da fé (de pais para os filhos, completada posteriormente pela catequese/ de casa-família para a comunidade) já não acontece, é necessário redefinir a pastoral juvenil da Igreja, isto é, repensar e desenhar a prática da iniciação cristã das crianças e jovens.⁴⁰³ Matteo é assertivo ao dizer «o que Deus e a história pedem à Igreja: [é] a coragem de mudar tudo o que tiver de ser mudado», de maneira que o evangelho brote nas novas gerações e a quem se confia a missão de transmitir o dom da fé.⁴⁰⁴

É contemplando o exemplo evangélico de Jesus e do testemunho dos leigos na Igreja, que os jovens podem encontrar a energia e a força inspiradora para revitalizar o mundo e a Igreja, tornando-se verdadeiramente adultos.⁴⁰⁵ De facto, segundo Anne-France de Boissiere, «a melhor forma que temos de arrastar quem nos rodeia para esta dinâmica de transformação pastoral é aprender a viver experimentando aquilo que Jesus nos pede: “Se tiverdes amor uns para com os outros, todos reconhecerão que sóis meus discípulos”».⁴⁰⁶

Para que Deus possa falar ao mundo presente, desde o início do processo sinodal até à publicação da exortação *Christus vivit* (e em todo o magistério do Papa Francisco) ouvimos apelos à necessidade de conversão pessoal, comunitária e pastoral. Esta transformação (missionária e sinodal) sobre a organização e processos de ação da Igreja⁴⁰⁷ e nas comunidades paroquiais, sobre a corresponsabilidade, acompanhamento das pessoas, os processos (etapas) de desenvolvimento humano e do anúncio/pregação do

⁴⁰² Cf. Matteo, *Trazer os Jovens de volta à Missa*, 8-10.

⁴⁰³ Cf. Kasper, Papa Francisco, a Revolução da misericórdia e do amor, 59; Matteo, *Trazer os Jovens de volta à Missa*, 69, 80 e 82.

⁴⁰⁴ Cf. Matteo, *Trazer os Jovens de volta à Missa*, 69 e 81.

⁴⁰⁵ Cf. Kasper, Papa Francisco, a Revolução da misericórdia e do amor, 59-60.

⁴⁰⁶ Anne-France de Boissiere, «Uma conversão interior: novas práticas», em *Mudar, Guia prático e apaixonado para paróquias transformadas* (Apelação: Paulus Editora, 2022), 59.

⁴⁰⁷ O Papa Francisco usa o conceito «processo» vinte e cinco vezes na *Evangelii Gaudium*. O termo é aplicado ao processo do desenvolvimento humano por etapas, incluindo o crescimento espiritual. Segundo Lionel Dalle, o «processo pastoral» implica a «ideia de caminhada, de uma pedagogia pastoral, de um acompanhamento que permite às pessoas viver uma transformação interior e passar de uma situação inicial a um estado mais avançado da fé». Cf. Lionel Dalle, «Um processo para gerar discípulos-missionários», em *Mudar, guia prático e apaixonado para paróquias transformadas*, ed. por Tiago Melo (Apelação: Paulus Editora, 2022) 32-33.

Evangelho, deve seguir o paradigma da encarnação – acolher Cristo para depois anunciar/testemunhar a descoberta da Sua Salvação para o mundo.

Consequentemente, procurando novas vias para anunciar a novidade do Evangelho e de Cristo no mundo contemporâneo, o Padre Lionel Dalle considera, primeiramente, que os ministros da Igreja e leigos responsáveis pela pastoral, deverão desenvolver sempre a sua capacidade de aprender; são discípulos em formação permanente e, ainda, como expressou o Papa Francisco são discípulos-missionários.⁴⁰⁸

Neste sentido, o Padre Lionel Dalle desenvolve o processo pastoral de formação de discípulos-missionários que consiste num «conjunto de disposições pastorais que permite ajudar as pessoas a passar, mediante envolvimento sucessivos, do lugar mais afastado da fé (o mundo) ao empenhamento mais forte em seguir a Cristo (o discípulo-missionário)». ⁴⁰⁹ É um processo pastoral que permite aclarar a necessidade espiritual de cada etapa e apresentar propostas pastorais mais próximas da realidade e do que cada pessoa procura. Para o efeito propõe cinco etapas (cinco círculos) que definem seis populações e o seu nível de envolvimento no seguimento de Cristo, seguindo a seguinte ordem: o mundo, a multidão, a família, o discípulo, o discípulo-servo, o discípulo-missionário (o mundo com o menor envolvimento com Cristo e o discípulo-missionário tendo o maior envolvimento).⁴¹⁰

O “mundo” é o que o Papa Francisco chama de periferias, as pessoas que, habitando o espaço geográfico das comunidades paroquiais, não têm qualquer ligação à fé. A Igreja entra em contato com elas através das obras socioculturais, podendo estas obras o primeiro lugar de testemunho e de abertura à problemática da fé e sobre Jesus. A “multidão” representa as pessoas que se aproximam de Jesus, mas de forma dúbia (aqueles que na paróquia pedem os sacramentos ou têm os filhos na catequese, mas de resto são ausentes ou nada praticantes). Com estes, o processo é o anúncio “kerigmático”, o tocar o coração com a proclamação e testemunho do Deus que nos ama e toca a nossa vida, de modo que a multidão viva o encontro com Jesus. O termo “Família” corresponde à família de Deus, a Igreja. São aqueles que vão regularmente à missa e ingressam num movimento ou grupo da paróquia. Apesar do batismo marcar a pertença à família cristã, o Padre Dalle recorda que «muitos batizados situam-se, de facto, no mundo (sem qualquer

⁴⁰⁸ Cf. Dalle, «Repensar a pastoral paroquial», 20-21, 25.

⁴⁰⁹ Dalle, «Um processo para gerar discípulos-missionários», 37.

⁴¹⁰ Cf. Dalle, 37.

contacto com a Igreja) ou no meio da multidão». Os “discípulos” são aqueles que pautam a sua vida pelo seguimento de Jesus, meditando a Palavra de Deus, procurando uma vida de oração regular, participando da eucaristia e da confissão e praticando os mandamentos. É a etapa da conversão à vida cristã. Nesta etapa, são propostos diversos tipos de formação sobre a fé, de movimentos e de acompanhamento na Igreja. O “discípulo-servo” será aquele que deixa de ser apenas ‘consumidor’ e passa a servir, a ajudar a sua família espiritual. Encontra o seu lugar na comunidade paroquial. Preocupa-se com a Igreja e procura com os seus talentos, carismas e experiências estar ao serviço dos outros. O “discípulo-missionário” «é a condição habitual do batizado adulto na fé (...) é um cristão realizado, que trabalha sem cessar na sua conversão, que serve a sua paróquia e que tenta anunciar Cristo no seu ambiente de vida», preocupado em cativar os seus irmãos para Deus e procurando, por isso, acompanhá-los. É a etapa em que se oferece formação para a missão com intensa dimensão eclesial.⁴¹¹

Estas etapas correspondem, ainda, a uma das cinco dimensões essenciais da vida cristã inspiradas na primeira comunidade cristã (At 2, 42-47), no duplo mandamento de amor (Mt 22, 37-40) e no envio em missão (Mt 28, 19-20), desenhando um caminho de conversão: depois de provocado o encontro com a figura de Jesus, o objetivo sobre a multidão é o início da oração; passando para a etapa seguinte, entram na família de Deus, logo se descobre a vivência da fraternidade; de seguida, com o acompanhamento crescente, segue-se o discípulo e este sente a necessidade de mais formação (espiritual e doutrinária); continuando o empenho, surge a etapa do discípulo-servo marcado pelo essencial do serviço, encontrando o seu lugar na comunidade/Igreja e pondo a render os seus talentos/carismas; esta experiência ao serviço do reino fá-lo crescer e entra na etapa do discípulo-missionário preocupado pela evangelização e em anunciar Cristo a todos.⁴¹²

Por sua vez, Anne-France de Boissière exemplifica como novas práticas na transformação pastoral o recurso a equipas em corresponsabilidade e ao reconhecimento das crenças que nos limitam.⁴¹³ No que se refere à equipas em corresponsabilidade (sinal de sinodalidade), elas são compostas por sacerdotes e leigos e assentes em dois elementos essenciais – “uma visão comum” e “uma boa comunicação” alicerçadas em relações de autoconfiança e de confiança nos outros e em técnicas de gestão de conflitos, adotando

⁴¹¹ Cf. Dalle, «Um processo para gerar discípulos-missionários», 38-41 e 44-47.

⁴¹² Cf. Dalle, 41-42.

⁴¹³ Cf. Boissière, «Uma conversão interior: novas práticas», 61 e 77.

os elementos da Comunicação Não Violenta.⁴¹⁴ No que respeita ao reconhecimento das crenças que nos limitam, trata-se de evitar ideias preconcebidas e ideias derrotistas, passando a recorrer a sinais de reconhecimento e a técnicas da experiência emocional corretiva como seja o reforço positivo ou abandonando os receios e desculpas provenientes de uma possível mudança.⁴¹⁵

Por fim, se a missão da Igreja é evangelizar, todas as ações da Igreja devem encarnar um espírito e estilo evangelizador.⁴¹⁶ De facto, como sublinha Jorge Castela, evangelizar é «algo vital para que a Igreja seja cada vez mais autêntica, fiel e santa» e, diante, dos tempos em mudança o que se pede à Igreja «é a superação de uma mentalidade ou postura pastoral que dá tudo por contado», o que implica «um novo modo de encarar a pastoral» e renovar constantemente «a identidade missionária da Igreja».⁴¹⁷

Castela considera que o modelo de cristandade ou qualquer resquício de fundamentalismos e proselitismos dificilmente se adequam numa sociedade líquida, pluralista e pós-secular como a presente, por isso, que a Igreja deverá refletir sobre o que tem de mudar e de renovar, isto é, repensar as estruturas pastorais de transmissão da fé.⁴¹⁸ Trata-se de assumir a identidade evangelizadora da Igreja e buscar uma pastoral mais missionária que ultrapasse a mentalidade e a preocupação pela manutenção do que sempre foi feito.⁴¹⁹ Salienta, ainda, que apesar da missão da Igreja não se esgotar em nenhum modelo pastoral, «o modelo pastoral ideal será aquele que se aproximar mais do cumprimento integral dessa missão em cada contexto».⁴²⁰

Servindo-se da caracterização dos modelos pastorais atuais de Agenor Brighenti, mas desajustados da realidade (a pastoral apologista que assume a defesa das verdades da fé e da igreja católica, apela o regresso ao fundamento, privilegia o Catecismo à Bíblia, fundamentalista e prosélita; a pastoral secularista ou pós-moderna que busca responder às necessidades individuais e imediatas das pessoas que buscam autoajuda ou estão em crise de identidade ou que vivem a mística do terapêutico e estético- são cristãos sem Igreja e sem relação comunitária; e a pastoral de manutenção ou cristandade, centralizada no padre e na paróquia, na administração de sacramentos, na ação litúrgica, numa

⁴¹⁴ Cf. Boissière, 63-68, 72.

⁴¹⁵ Cf. Boissière, 77-78, 84-85.

⁴¹⁶ Cf. Jorge Castela, *Evangelizar em tempos de mudança*, (Porto: Edições Salesianas, 2020), 184.

⁴¹⁷ Cf. Castela, 184.

⁴¹⁸ Cf. Castela, 185-186.

⁴¹⁹ Cf. Castela, 186-187.

⁴²⁰ Castela, 187.

catequese de tipo doutrinal e escola, onde a bíblia tem pouco espaço e na prática dos mandamentos – pastoral de cristãos passivos),⁴²¹ Castela questiona-se sobre qual o modelo mais apropriado à Igreja em saída missionária, capaz de fazê-la passar «de uma Igreja possuidora da verdade a uma Igreja que se deixa possuir por ela, e de uma fé herdada a uma fé assumida», e propõe uma pastoral de evangelização.⁴²²

Deste modo, para pôr em prática a pastoral de evangelização, Castela sublinha a necessidade da Igreja:

a) Abandonar a pastoral de manutenção, preocupada com o que existe e passar para uma pastoral missionária e querigmática que coloca no centro da sua ação e de todas as estruturas eclesiais a evangelização, isto é, o mandato de levar o evangelho a todos, destacando o testemunho credível e o anúncio claro da Boa Nova; a pastoral missionária promove ações mais personalizada e adaptadas «às diferentes situações da fé das pessoas numa dimensão mistagógica e experiencial. É uma pastoral de processos kerigmáticos de aprofundamento da fé».⁴²³

b) Passar de uma pastoral eclesiológica (centrada na Igreja, onde tudo converge para si mesma) para uma pastoral cristocêntrica, «centrada em Cristo, como fonte e núcleo da fé»; que o atuar da Igreja e das comunidades reflita a Luz de Jesus Cristo, que acentue o espírito e estilo de Jesus, pois «o importante não é atingir os nossos objetivos, mas atingir os objetivos de Deus» - importa encarnar o Evangelho.⁴²⁴

c) Passar de uma pastoral de enquadramento ou cristandade, centrada na transmissão da fé como herança recebida e organizada em torno do pároco e da administração dos sacramentos, para uma pastoral de gestação que propõe a fé a partir da circunstância em que se encontra o destinatário da ação/anúncio – gerar a fé a partir de uma experiência própria com Deus que gera a vida; passar do sentido de pertença ao sentido de identidade (das relações do crente com a sua fé); uma pastoral que busca o caminho ao estilo do Evangelho.⁴²⁵

⁴²¹ Cf. Castela, 188-191.

⁴²² Castela, 191.

⁴²³ Cf. Castela, 192-195.

⁴²⁴ Cf. Castela, 195-197.

⁴²⁵ Cf. Castela, 198-201.

d) Transitar de uma pastoral de ativismo a uma pastoral mais espiritual. «Sem uma vida espiritual intensa qualquer sistema pastoral entra em colapso»,⁴²⁶ sublinha Jorge Castela. A renovação pastoral passa pela renovação espiritual, pela oração, pelo tempo de diálogo com Deus através da oração – sem esta intimidade, a Igreja é apenas uma instituição e a evangelização reduzida a uma atividade profissional.⁴²⁷

e) Mudar de uma pastoral clericalizada para uma pastoral de comunhão. Passar do clericalismo à mobilização dos leigos que se tornam sujeitos pastorais, protagonistas na vida comunitária. Passar de uma multidão passiva a adultos ativos, participativos e corresponsáveis. A ação da Igreja é missão conjunta do povo de Deus. É uma pastoral integradora e de comunhão.⁴²⁸

f) Passar de uma pastoral doutrinal para uma pastoral de vínculos, isto é, uma pastoral de amor, próxima das pessoas e que procura a formação integral dos crentes. Uma pastoral meramente intelectual «não se adequa à sociedade líquida, pluralista e pós-secularista em que vivemos, porque hoje não se aceitam verdades absolutas, mas valoriza-se o que te toca o coração».⁴²⁹

g) Mudar de uma pastoral moralizante para uma pastoral humanizadora. Ainda existem planos pastorais que acentuam a rigidez moral/ das regras de comportamento ou giram à volta dos dogmas e virtudes. «Precisamos de uma pastoral que comunique o primeiro anúncio que transforma intrinsecamente a vida de cada um [...]. Precisamos de uma pastoral que faça do ser humano caminho da Igreja»; que faça da Igreja companheira principalmente, dos excluídos e frágeis da sociedade.⁴³⁰

Em suma, esta mudança epocal pede à Igreja um novo modelo pastoral no qual a Igreja assume a promoção integral de cada indivíduo; ela abraça as aspirações e sonhos da humanidade e assume a opção preferencial pelos pobres e excluídos da sociedade. «A Igreja não pode ficar encerrada no religioso ou moralizante. A finalidade da evangelização é fazer com que o homem seja verdadeiramente homem».⁴³¹ É caminhando que a Igreja descobrirá o melhor caminho para transmitir a fé – e tudo o que faz será sempre uma ação missionária, em estado permanente de envio – e a sua ação será a pastoral do anúncio do

⁴²⁶ Castela, 204.

⁴²⁷ Cf. Castela, 201-204.

⁴²⁸ Cf. Castela, 207-208.

⁴²⁹ Cf. Castela, 290-211.

⁴³⁰ Cf. Castela, 212-214.

⁴³¹ Cf. Castela, 214.

Evangelho que transforma a vida de cada homem ou mulher. Evangelizar é configurar a nossa vida com Deus; «Evangelizar não é tanto uma forma de falar, mas uma forma de viver escutando e sendo porta-voz de Deus».⁴³²

É o que reconhece o Papa Francisco na sua homilia nas vésperas com os bispos, sacerdotes, diáconos, consagrados, seminaristas e agentes de pastoral, no dia dois de agosto, no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, quando sublinha a necessidade de ultrapassar o cansaço e o desânimo de pensar nada mais ter senão as redes vazias: «Levemos ao senhor as nossas canseiras e as nossas lágrimas, para poder enfrentar as situações pastorais e espirituais, dialogando entre nós com abertura de coração para experimentar novos caminhos a seguir».⁴³³ Face a isto o Papa Francisco propõe a espiritualidade do recomeço, a «despertar a ânsia pelo Evangelho», a recuperar o entusiasmo maduro (que se segue a uma experiência de fracasso) e a voltar a acolher a chamada à missão:

Somos chamados a lançar de novo as redes e a abraçar o mundo com a esperança do Evangelho. Não é momento de parar, não é momento de desistir, não é momento de atracar o barco à margem nem de olhar para trás; [...] Este é o tempo da graça que o Senhor nos concede para nos aventurarmos no mar da evangelização e da missão. [...] Também nós somos chamados a mergulhar as nossas redes no tempo em que vivemos, a dialogar com todos, a tornar compreensível o Evangelho, mesmo que para isso tenhamos de correr o risco de alguma tempestade.⁴³⁴

Por fim, animados pela vontade de chegar a todos a proposta de vida de Jesus – o Evangelho, o Papa sublinha a necessidade de levar adiante, todos juntos, a pastoral, pois «a Igreja é sinodal, é comunhão, ajuda mútua, caminho comum», dado que, «se não houver diálogo, se não houver participação, a Igreja envelhece».⁴³⁵

⁴³² Castela, 242.

⁴³³ Francisco, *Homilia do Santo Padre, vésperas com os Bispos, os Sacerdotes, os Diáconos, os Consagrados, as Consagradas, os Seminaristas e os Agentes da Pastoral*, quarta-feira, 2 de agosto de 2023, Mosteiro dos Jerónimos, Lisboa, em Francisco, *Todos, Todos, Todos! Discursos e Homilias*. JMJ Lisboa 2023 (Prior Velho: Paulinas Editora, 2023), 15.

⁴³⁴ Francisco, *Homilia do Santo Padre, vésperas com os Bispos, os Sacerdotes, os Diáconos, os Consagrados, as Consagradas, os Seminaristas e os Agentes da Pastoral*, 17 e 19.

⁴³⁵ Francisco, 19-20.

Conclusão

A procura de autenticidade e liberdade, a ânsia de autorrealização e a vontade de satisfação de desejos marcam uma cultura de diversidade e complexidade que caracteriza a sociedade contemporânea pós-moderna.

Diante este cenário no qual o cristianismo vive e se move, o que que é pedido às comunidades crentes é que mergulhem nos sonhos e esperanças dos filhos do nosso tempo e os ajudem a descobrir, à semelhança da mulher samaritana junto ao poço, a água que procuram e que mata a sede (a água da eterna juventude) brota do Amor – do coração de Jesus, a Palavra, o Verbo encarnado: «Vinde a mim, vós todos que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração e encontrareis alívio para as vossas almas, pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve» (Mt 11, 28-30).

Pede-se às Igrejas um momento de suspensão, de grande reflexão, coragem e ousadia para se repensar; para pensar de novo o cristianismo e que cristãos querem ser. Um estilo de mansidão, mais contemplativo, orante, mistagógico, mergulhado na reflexão bíblica, de revisão de vida e de olhos postos em Jesus. «Recorda-te de amar» sempre e ao jeito de Jesus, deverá ser um mote de vida diária. Edificar uma igreja - comunidade de testemunhas, de acolhimento, aberta ao Outro e aos outros, disponível para transcender-se no amor. Estruturar uma pastoral de encontro e de proximidade.

O Sínodo dos Bispos ocorrido entre 03 e 28 de outubro de 2018, antecedido por uma auscultação de dois anos, contou com contributos de jovens de todo o mundo católico, crentes e não crentes, das conferências episcopais e das igrejas ortodoxas. O marco deste sínodo foi de facto a escuta ativa, empática e atenta da igreja, a qual possibilitou o estilo sinodal, o caminhar juntos e o desenvolvimento da cultura do encontro.

Com efeito, o Papa Francisco na *Christus vivit* recorda-nos que caminhar com os jovens exige da parte de toda a Igreja, suas estruturas, comunidades e de cada crente um acompanhamento próximo, atento e afetuoso, tendo em conta os diversos contextos e trajetórias juvenis que já não seguem o padrão social tradicional (estudar, trabalhar, constituir família, ter filhos etc.). Compreender as transformações sociais e as mudanças no mundo juvenil (novos estilos de linguagem, de viver e de ser no mundo contemporâneo, novas interações e meios de relacionamento) é fundamental no campo pastoral para propor a fé e acompanhar o crescimento e discernimento espiritual e vocacional dos jovens.

De facto, como escreve o Papa Francisco, «A juventude é um tempo abençoado para o jovem e uma bênção para a Igreja e para o mundo», não podendo reduzi-la a uma simples etapa de passagem do ser jovem para a idade adulta (cf. *Christus vivit*, 135). A juventude é o tempo da edificação de sonhos, de ir além de si mesmo, de dar corpo a relações consistentes e equilibradas; é o tempo das experiências e das escolhas fundamentais para a realização de um projeto de vida.

Portanto, a Assembleia Sinodal e o Papa Francisco convidam as comunidades a dar espaço a iniciativas que reconheçam e permitam os jovens serem protagonistas da mudança, da construção do futuro, de uma igreja de rosto e vida sempre jovem, capaz de iluminar e transformar vidas e o mundo pelo anúncio do Evangelho, seguindo um caminho que é Jesus e imitando o seu amor fraterno, misericordioso e total.

Conforme os pedidos chegados da auscultação e reunidos no *Instrumentum Laboris* pretende-se, pois uma Igreja (comunidades e cristãos) menos institucional e mais relacional, menos programática ou pastoral e mais testemunhal e espiritual – uma espiritualidade centrada mais em Cristo e na Sua Palavra (feita de encontro pessoal e fundado com Cristo) e menos preocupada em prescrições ou imposições; pretende-se mais uma Igreja que contagie as pessoas com a sua fé, em que a fé dê sentido aos seus atos e estes afirmem a veracidade da sua fé, tal como podemos ler na carta de Tiago: “Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras” (Tg 2, 18); pretende-se uma Igreja que saiba escutar e dialogar, congregar as diferenças e construir comunhão, uma Igreja mais acolhedora e misericordiosa, transparente e autêntica –que brilhe pela sua exemplaridade, “uma Igreja que partilhe a sua situação de vida à luz do Evangelho” (cf. IL 66-72).

Para o Papa Francisco a juventude é o presente, o “agora de Deus” pelo que precisa de ser protagonista na sua vida, na Igreja e no mundo. Cabe à Igreja (ministros, leigos, agentes pastorais, comunidades cristãs) reconhecer a juventude como realidade teológica e encontrar na vida eclesial e pastoral inovação, criatividade e linguagem atraente que aproxime os jovens de Cristo e da Igreja (*Christus vivit*, 204-205). Deve a Igreja revestir-se de uma pastoral (juvenil e vocacional) sinodal e popular, onde todos contam, onde todos devem estar envolvidos; uma pastoral que chegue a todos os lugares, mesmo fora dos tradicionais ambientes de pastoral como as igrejas, escolas, movimentos e centros paroquiais; uma pastoral onde «Não se deve excluir ninguém, nem deixar que ninguém se autoexclua» (*Christus vivit*, 206) para que juntos possamos viver o «encontro comunitário com o Deus vivo». É uma pastoral juvenil e vocacional pensada para, com e pelos jovens, na qual se confia no jovem como evangelizador de outros jovens nos diversos ambientes onde vivem, seja na escola ou na universidade, no trabalho, nas atividades desportivas ou festivas, seja nas instituições ou associações solidárias ou, ainda, na rua ou em manifestações ambientais.

Esta mensagem ficou clara no discurso do Papa Francisco aos jovens na cerimónia de acolhimento da Jornada Mundial da Juventude em Lisboa, no dia 3 de agosto de 2023:

Na Igreja há espaço para todos. Para todos. Na Igreja, ninguém é de sobra. Nenhum está a mais. Há espaço para todos. Assim como somos. Todos. [...] Deus ama-nos como somos, não como gostaríamos de ser ou como a sociedade queria que fôssemos. Como somos! Chama-nos com os defeitos que temos, com as limitações que temos e com a vontade que temos de avançar na vida. [...] Não tenhais medo, tende coragem, continuai para diante, sabendo que, por “amortizador” das dificuldades, temos o amor que Deus nos tem. Deus ama-nos.⁴³⁶

Por fim, na exortação apostólica *Christus vivit*, Francisco dirige uma mensagem inspiradora aos jovens, destacando que "Cristo vive e quer-vos vivos!" e encoraja os jovens a abraçarem a amizade com Cristo, a viverem com alegria e a partilharem essa alegria com os outros.

⁴³⁶ Francisco, «Discurso do Santo Padre, Cerimónia de acolhimento», Lisboa, 3 agosto de 2023, 44-46.

BIBLIOGRAFIA

Fontes e Documentos

Código de Direito Canónico, anotado, promulgado por João Paulo II, Papa. Tradução a cargo de José A. Marques. Braga: Edições Theologica, 1997.

Comissão Teológica Internacional. «A sinodalidade na vida e na missão da igreja». Acedido 29 de julho de 2024.

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_201803_02_sinodalita_po.html

Conferencia Episcopal Portuguesa. *Rumo à JMJ Lisboa 2023, Documentos do Sínodo dos Bispos sobre os jovens, a fé e o discernimento vocacional*. Lisboa: Secretariado Geral da Conferencia Episcopal Portuguesa, 2020.

Francisco. *Lumen Fidei, Carta Encíclica A Luz da Fé*. Lisboa: Paulus Editora, 2013.

_____. *Evangelii Gaudium, Exortação Apostólica «A Alegria do Evangelho»*. Lisboa: Paulus Editora, 2013.

_____. *Cristo Vive, Exortação Apostólica Pós-Sinodal «Christus Vivit» aos Jovens e a todo o Povo de Deus*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2019.

_____. «Angelus de Domingo, 28 de outubro de 2018». Acedido a 18 de agosto de 2024. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2018/documents/papa-francesco_angelus_20181028.html

_____. *Deus é jovem, Uma conversa com Thomas Leoncini*. Traduzido por Ana Silva. Lisboa: Grupo Planeta, 2018.

_____. «Discurso do Papa Francisco aos participantes na Assembleia Geral dos membros da Pontificia Academia para a Vida» (05/X/2017). Acedido a 19 de julho de 2024.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/october/documents/papa-francesco_20171005_assemblea-pav.html

_____. «Discurso do Papa Francisco aos Membros da Comissão Teológica Internacional» (29 de novembro de 2019). Acedido a 29 de julho de 2024.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/november/documents/papa-francesco_20191129_commissione-teologica.html.

_____. *Discurso do Papa Francisco à Cúria romana na apresentação de votos natalícios* (21/XII/2019). Acedido a 19 de julho de 2024.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/december/documents/papa-francesco_20191221_curia-romana.html#_ftn9

_____. *Inteligência Artificial e Paz, Mensagem do Santo Padre Francisco para a celebração do Dia Mundial da Paz*, 1º de janeiro de 2024, acedido em Janeiro de 2024,

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/20231208-messaggio-57giornatamondiale-pace2024.html>

_____. *Todos, todos, todos! JMJ Lisboa 2023, Discursos e Homilias*, (Prior Velho: Paulinas Editora, 2023)

Vaticano II. *Documentos conciliares*. Lisboa: União Gráfica, 1966.

Estudos e Ensaios

Alberto, Rui. «A pastoral juvenil no contexto da Nova Evangelização». *Theologica*, 2.^a Série, 47, 1 (2012) 71-95.

Andrade, Aline e Mônica Mussi. «Juventudes contemporâneas». *Cadernos CENPEC* n. 5 (julho 2008): 25-43. Acedido a 10 de janeiro de 2024.

https://www.academia.edu/112416501/Juventudes_contempor%C3%A2neas?email_work_card=view-paper

Bacq, Philippe e Christoph Theobald, *Uma nova oportunidade para o Evangelho, para uma pastoral de gestação*. Traduzido por Maria do Rosário Pernas. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.

Bacq, Philippe. «Para uma pastoral de gestação». Em *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.

Baltazar, Maria. Isabel Ramos, Conceição Rego, Andreia Dionísio e Maria Lucas. «Jovens, Migrações e Desenvolvimento». Em *Juventude(s) Pensar e Agir*, organizado por Gilberta Rocha, Rolando Gonçalves, Pilar Medeiros, 347-473. Vila Nova de Famalicão: Humus, 2017.

Barbosa, Adérito. *Jovens do Futuro, proposta para uma pastoral de jovens*. Apelação: Paulus Editora, 1999.

Bauman, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Traduzido por Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Boissière, Anne-France. «Uma conversão interior: novas práticas». Em *Mudar, Guia prático e apaixonado para paróquias transformadas*, 59-91. Apelação: Paulus Editora, 2022.

Borges, Bruna. *As gerações X e Y e as suas âncoras de carreira: diferenças intergeracionais*, Dissertação de Mestrado Integrado de Psicologia, Secção de Psicologia dos Recursos Humanos, do Trabalho e das Organizações, Universidade de Lisboa (2016). Acedido em janeiro de 2024,

https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26652/1/ulfpie051171_tm_tese.pdf

Bourdieu, Pierre. *Questões de Sociologia*. Traduzido por Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século Edições, 2003.

Castela, Jorge. *Evangelizar em tempos de mudança*. Porto: Edições Salesianas, 2020.

Clément, Olivier. *Taizé um sentido para a vida*. Traduzido por Maria Saint-Maurice. Lisboa: Paulus Editora, 2007.

Coelho, José do Souto. *Os jovens, a conquista da identidade*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2023.

Coutinho, José Pereira. *Religião em Portugal: Análise Sociológica*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2020.

_____. «Religiosidade da Juventude Portuguesa: evolução recente e comparação com o restante da população». *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 34, nº 101 (2019): 1-22.

Cuesta, Koldo Gutiérrez, «Una Mirada Social a la Exhortación Christus Vivit». Acedido a 9 de fevereiro de 2024. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7125226.pdf>.

_____. «La cultura de la reflexión en la pastoral juvenil». *Misión Joven* n.º 515 (Diciembre 2019): 15-24.
<https://www.pastoraljuvenil.es/wp-content/uploads/2020/07/MJ515-04-ESTUDIO-Koldo2.pdf>.

Cuesta, Koldo Gutiérrez e Jesús Martínez. «La pastoral juvenil ante el pluralismo religioso». *Misión Joven* n.º 509 (junio 2019): 27-54. <https://www.pastoraljuvenil.es/wp-content/uploads/2020/07/MJ509-05-ESTUDIO-Koldo-y-Jesus.pdf>.

Dalle, Lionel. «Repensar a pastoral paroquial». Em *Mudar, guia prático e apaixonado para paróquias transformadas*, editado por Tiago Melo, 17-29. Apelação: Paulus Editora, 2022).

_____. «Um processo para gerar discípulos-missionários». Em *Mudar, guia prático e apaixonado para paróquias transformadas*, editado por Tiago Melo, 31-57. Apelação: Paulus Editora, 2022).

Daviau, Pierrete. «Espiritualidade de gestação e práxis pastoral». Em *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Traduzido por Maria do Rosário Pernas. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.

Duffé, Bruno-Marie. «Press Conference to present the Document of the Pontifical Academy for Life: “Old age: our future. The condition of the elderly after the pandemic”». Acedido a 24 de fevereiro de 2024, <https://www.vatican.va/content/salastampa/en/bollettino/pubblico/2021/02/09/210209a.pdf>.

Duque, Eduardo. *Valores e Religiosidade em Portugal. Comportamentos e atitudes geracionais*. Porto: Edições Afrontamento, 2022.

Ferreira, Vítor Sérgio, Marina Lobo, Jussara Rowland e Edalina Sanches. *Geração Milénio? Um retrato Social e Político*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2017.

Fontes, Paulo Vitorino, «A cultura política dos/as Jovens: sobre os momentos alternativos na atual conjuntura». Em *Juventude(s) Pensar e Agir*, editado por Gilberta Rocha, Rolando Gonçalves e Pilar Damião de Medeiros, 61-78. Vila Nova Famalicão: Húmus Edições, 2017.

_____. «Cidadania Global e os novos Movimentos Juvenis: Lutas por redistribuição e Reconhecimento». Em *Juventude(s): Novas realidades. Novos olhares*, editado por Gilberta Rocha, Rolando Gonçalves e Pilar Damião de Medeiros, 223-242. Vila Nova Famalicão, Húmus Edições, 2016.

_____, «Jovens, menos jovens e a educação das novas gerações, algumas notas sobre a condição juvenil». *Communio* XII, n.º 6 (1995): 503-514.

Foucault, Michel, *O Nascimento da Clínica*. Traduzido por Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.

Garbin, Elisabete. “Cultur@s juvenis, identid@des e Internet: questões atuais”. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23 (2003): 119-135.

Gaspar de Matos, Margarida. *Adolescentes. As suas vidas, o seu futuro*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2020.

Gomes, Ana. *GERAÇÃO MILÉNIO: Comportamento nas Organizações e nos Mercados de Trabalho, Comparação com gerações anteriores*, Trabalho Final de Dissertação apresentado à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Gestão, Porto (2016) <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/21687/1/TFM.pdf>.

Hervieu-Léger, Danièle. *O Peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Traduzido por João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

Kasper, Walter. *Papa Francisco - a revolução da misericórdia e do amor*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2015.

Martins da Silva, Reginaldo. «Propor a fé aos Jovens à luz da Exortação Apostólica Christus Vivit». *Revista Contemplação* n.º 21 (2020): 112-125. Acedido a 13 de janeiro de 2022. <https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/222/241>.

Mateo, Armando. *A primeira geração incrédula. A difícil relação entre os jovens e a fé*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.

_____. *Converter Peter Pan. O destino da fé na sociedade da eterna juventude*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2022.

_____. *Trazer os jovens à Missa. A transmissão da fé numa sociedade sem adultos*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2023.

Matos, Margarida Gaspar. M., *Adolescentes. As suas vidas, o seu futuro*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos: 2020.

McCrinkle, Mark e Ashley McCrinkle, «Understanding Generation Alpha», acedido a 23 de janeiro de 2024, https://www.researchgate.net/publication/342803353_UNDERSTANDING_GENERATION_ALPHA.

Messias, Teresa. (2012), «Espiritualidade cristã e identidade crente nas Culturas Juvenis». *Communio* XXIX, n. 1 (2012): 113-128

Neto, Tiago Fialho. *Hora de mudança na transmissão da fé. A urgência da pastoral de geração*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2016

Nolasco, Simone e Nicanor Sá. «Juventude, Revitalização Cultural e a Temática das gerações». *ECCOS* 31 (2013): 101-116. DOI: 10.5585/EccoS.N31.4270

Novaes, Regina (2006). «Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias». Em: *Culturas jovens: novos mapas do afeto* editado por Maria Isabel Almeida e Fernanda Eugenio (orgs.), 105-120. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

Novaes, Simone. «Perfil Geracional: Um estudo sobre as características das gerações dos Veteranos, Baby Boomers, X, Y, Z e Alpha». *Anais do VII SINGEP Simpósio Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidades* (outubro 2018): 1-10. Acedido em novembro de 2023. <https://singep.org.br/7singep/resultado/428.pdf>.

Pais, José Machado. «A construção sociológica da juventude – alguns contributos», *Análise Social* vol. XXV, n.105-106 (1990): 139-165.

_____. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1993.

_____. «A Juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse», *Saúde e Sociedade* 18, nº 3 (2009): 371–381. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902009000300003>

_____. “Jovens, trabalho e futuro: dilemas e desafios”. Em *Juventude(s): Novas Realidades. Novos Horizontes*, editado Gilberta Rocha, Rolando Gonçalves e Pilar Damião de Medeiros, 19-42. Vila Nova Famalicão: Humus Edições, 2016.

Pereira, Marcos e Miriam Lacerda, «Juventudes: Notas para reflexões». *Educação em Foco* 16, n.º 2 (2011): 185-206.

Pereira, Simone e Vítor Pontes, “Culturas juvenis, identidades e estilo de vida: sentidos do ‘alternativo’ no Baixo Augusta/ São Paulo”. *Comum – Mídia Consumo* 14, n. 40 (2017): 110-128. DOI 10.18568/CMC.V14I40.1300.

Rocha, Gilberta, Rolando Gonçalves e Pilar Damião de Medeiros, *Juventude(s) Pensar e Agir*. Vila Nova de Famalicão: Húmus Edições, 2017.

Sagnier, Laura e Alex Morell (coord). *Os jovens em Portugal hoje, quem são, que hábitos têm, o que pensam e o que sentem*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2021. Acedido a 4 de janeiro de 2024, <https://www.ffms.pt/sites/default/files/2022-07/os-jovens-em-portugal-hoje.pdf>

Sala, Rossano e Giacomo Costa. «“Christus vivit”, comentário e guia de leitura da Exortação Apostólica pós-sinodal sobre os jovens», acedido a 20 de julho de 2024, <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/588058-christus-vivit-um-comentario-e-guia-de-leitura-da-exortacao-apostolica-pos-sinodal-sobre-os-jovens>.

Sampaio, Daniel. *Do Telemóvel para o Mundo*. Lisboa: Editorial Caminho, 2018.

Savagnogne, Giuseppe. *Evangelizar na pós-modernidade, instruções para uma navegação «à vista»*. Traduzido por Manuel Mesquita. Porto: Edições Salesianas, 2005.

Savegnago, Sabrina. «Práticas discursivas e sociais relativas aos jovens e à juventude». *Revista Última Década* 27, n.º 51 (2019): 192-224. <https://doi.org/10.4067/S0718-22362019000100192>.

Spadaro, António. *Ciberteologi@, Pensar o Cristianismo na era da Internet*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.

_____, *O Sonho do Papa Francisco, os jovens no coração da Igreja*. Traduzido por António Rocha. Prior Velho: Paulinas Editora, 2014.

Strecht, Pedro. *B'teen - É a vida dos adolescentes de hoje*. Lisboa: Verso da Kapa, 2017.

Teixeira, Alfredo. *Não sabemos já donde a luz mana, ensaio sobre as identidades religiosas*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2004.

Teixeira, Patrícia, e Rafael Fernandes, «Juventude e contemporaneidade: experiência humana, comunitária e pastoral», *Teocomunicação - Revista da Teologia da PUCRS* 50, n. 1 (jan.-jun. 2020): 1-4. <https://doi.org/10.15448/0103-314X.2020.1.38628>.

Theobald, Christoph. «Hoje é o “tempo favorável”. Para um diagnóstico teológico do tempo presente». Em *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Traduzido por Maria do Rosário Pernas. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.

Trancoso, Alcimar e Adélia Oliveira. «Juventudes: desafios contemporâneos conceituais», *ECOS* 4, n. 2 (junho 2014): 262-273. https://www.academia.edu/87877870/Juventudes_desafios_contempor%C3%A2neos_conceituais?email_work_card=reading-history).

Trotta, Felipe. «Jovens contemporâneos: reflexões atuais». *Comunicação, Mídia e Consumo* 6, n. 15 (2009) 185-192. Acedido a 22 de julho de 2023. <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/152/153>.

Twenge, Jean M. *Generations. The Real Differences Between Gen Z, Millennials, Gen X, Boomers, and Silents – and What They Mean for The Future*. New York: Atria Books, 2023.

Viana, Nildo. «Juventude e Identidade». *Fragmentos de Cultura*, 20, n.º 11/12 (2010): 721-729.

Vitali, Dario. *A Caminho da Sinodalidade*. Traduzido por António Maia da Rocha. Prior Velho: Paulinas Editora, 2014.

Zaninelli, Thais, Giseli Caldeira, Diego de Souza Fonseca. «Veteranos, Baby Boomers, Nativos Digitais, Gerações X, Y e Z, Geração Polegar e Geração Alfa: perfil geracional dos atuais e potenciais usuários das bibliotecas universitárias». *Brazilian Journal of Information Studies: Research trends*, v. X, publicação contínua (2022): s.p. Acedido a 12 de janeiro de 2024. DOI: 10.36311/1981-1640.2022.v16.e02143

Zomer, Luisa, Aline Santos e Kelly Costa. «O perfil de alunos do curso de administração: um estudo com base nas gerações X, Y e Z». *Revista GUAL* 11, n.º 2 (2018): 198-221. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1983-4535.2018v11n2p198>